

FALANDO PORTUGUÊS: UM TIQUINHO DE LÍNGUA

Priscila
Melo Merenciano

Levi
Henrique Merenciano

FALANDO PORTUGUÊS: um tiquinho de língua

Priscila Melo Merenciano
Levi Henrique Merenciano

Araraquara

Letraria

2017

**FALANDO PORTUGUÊS:
UM TIQUINHO DE LÍNGUA**

PROJETO EDITORIAL

Letraria

CAPA

Letraria

REVISÃO

Letraria

MELO MERENCIANO, P.; MERENCIANO,
L. H. **Falando português: um tiquinho de
língua.** Araraquara: Letraria, 2017.

ISBN: 978-85-69395-15-7

1. Língua portuguesa; 2. Gramática;
3. Produção textual; 4. Concursos públicos;
5. Ensino.

Sumário

Apresentação	6
A (não) temida Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa	9
O uso do hífen após a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa	12
Um brinde à crase	15
O português nosso de cada dia	19
Interpretação de textos em concursos	22
Fatores de textualidade I: coesão textual	24
Fatores de textualidade II: a coerência textual	27
Fatores de textualidade III: intencionalidade e aceitabilidade	30
Fatores de textualidade IV: situacionalidade e informatividade	33
Fatores de textualidade V: a intertextualidade	36
A redação do vestibular: a nota zero no Enem	39
A visualidade nas provas de Português e nas propostas de Redação	42
O texto visual e seu espaço no papel	45
Dúvidas do cotidiano I: verbo haver	48
Dúvidas do cotidiano II: uso do apóstrofo em Língua Portuguesa	50
Dúvidas do cotidiano III	52
Natal, etimologia e tradição	55
<i>Réveillon</i> , tempo de despertar para uma nova era	57
Meses do ano: etimologia e história	59
Preconceito em campanha do Governo: mau gosto e generalizações	62
Plurissignificação e conotação: metáforas do texto verbovisual	65
Plágio: preguiça de referenciar ou falta de caráter?	68
Marchinhas de carnaval: duplicidade de sentido para a construção do humor	71
<i>Hits</i> de carnaval de 1988 a 2018: da criatividade à banalidade	74
08 de março, dia da mulher, análise de discurso preconceituoso e misógino	77

A origem dos idiomas	80
1º de abril – origem do dia da mentira	83
Ler, para quê?	86
Páscoa: origem e significado	89
Somos proficientes em Português?	91
Gourmetização da língua: eufemismo com requinte	94
Símbolos das profissões	98
Símbolos das profissões II	101
A importância da linguística na interpretação de textos	103
Estudo linguístico dos textos – os níveis de leitura	106
Notícia em charge: a reforma trabalhista	108
Meme da vez: “Obrigado por [...] você não..”	111
Música nova de Chico Buarque – Tua Cantiga	115
As figuras de linguagem em nosso dia a dia	119
Falta amor no mundo, mas também falta muita interpretação de texto	123
<i>Queermuseu</i> – Quando a generalização vence o bom senso	127
Reorientação sexual: interpretação conveniente e panfletarismo conservador	130
Discurso, um revelador de pensamentos	133
Referências	136
Sobre os autores	138

Apresentação

Linguistas por formação e por vocação, acreditamos na importância de saber falar e escrever bem o idioma por nós denominado Língua Materna. Conhecida como “última Flor do Lácio” ou “filha caçula do latim”, a Língua Portuguesa tem sido o pesadelo de muitos, que, mesmo após a conclusão do ensino básico, não conseguem se livrar dela, devido ao fato de ser tema de concursos em quase todas as áreas, sem mencionar a importância na comunicação escrita de todas as ciências, sejam elas exatas, humanas ou biológicas.

Não há como fugir, o português sempre nos encontrará, em alguma prova para um cargo cobiçado, naquele artigo que gostaríamos de publicar na revista científica de nossa área de formação, na redação do trabalho de conclusão de curso. Preparemo-nos então para fazer as pazes com esse “complicado” idioma, a fim de começar a colher os frutos daqueles que dominam o seu uso (seus atalhos, seus contextos de prática) e que não se angustiam frente à necessidade de demonstrar a habilidade linguística desejada.

Nossa experiência enquanto estudantes de graduação em Letras e, a seguir, na qualidade de pesquisadores em linguística, nos tem mostrado que o embate com a língua encontra-se vinculado ao mito de que *não sabemos escrever*. Estranha afirmação, uma vez que passamos nove anos de nossa infância no ensino básico, fato que, somado a mais três anos de nossa adolescência, no ensino médio, totalizam 12 anos em contato com a língua portuguesa, com uma média de 4 a 6 aulas semanais. Durante esses anos, aprendemos a ler, escrever nosso nome, relatar aspectos de nossa infância, relacionar temas diversos para pesquisas de outras disciplinas, resumir textos, expressar nossa opinião. Percebe-se então que alguma coisa aconteceu nesse processo, alguma lacuna foi criada, mas trata-se de uma lacuna e não de um total apagão, uma vez que sabemos muito a respeito dos usos (usamos pragmaticamente a língua), mas, talvez, o que nos falte seja a técnica e a perspicácia, com vistas a aplicá-las de maneira eficaz.

Atualmente, somos professores da UEMG-Divinópolis, lecionando em diversos cursos a disciplina Leitura e Produção de Textos e outras relacionadas à aquisição da língua mãe e língua estrangeira (Inglês e Literatura inglesa). Nossa experiência enquanto professores e, ainda, enquanto corretores de alguns concursos nos mostram a grande dificuldade enfrentada por muitos, alunos ou não, ao se deparar com um papel em branco e serem obrigados a redigir. Muitos relatam um misto de frustração, insegurança ou ainda o que qualificam como “saber o que dizer, mas não saber como escrever”. A argumentação encontra-se presente nos mais diversos momentos de nossa vida. Quando crianças, argumentamos com nossos pais, a fim de convencê-los a comprar aquele brinquedo favorito ou ainda para podermos dormir na casa de um amigo. Depois, quando adolescentes, argumentamos para poder ir a uma festa, ou ainda para chegar mais tarde em casa. Mas por que então não conseguimos fazer o mesmo ao nos depararmos com uma folha em branco e um tema a ser trabalhado? Razões diversas podem ser apresentadas para esta dificuldade, uma delas, e talvez a mais importante, seja o medo das estruturas gramaticais, ou seja, não saber onde colocar as vírgulas, quando abrir um parágrafo, ou ainda a regência de determinado verbo. Outro problema pode ser o fato de não sabermos muito bem do que trata o assunto sobre o qual teremos de dissertar.

Falar de algo desconhecido é uma tarefa árdua, mais árdua ainda quando não conseguimos imaginar aquele que será o possível leitor. Por esta razão deve-se treinar, isto é, escrever sempre e de formas oportunas (começamos pelo bilhete deixado na geladeira), passemos ao gênero narrativo (elencando momentos de nossa infância) ou ainda narrando acontecimentos corriqueiros de forma bem escrita (podemos fazê-lo nas redes sociais, por exemplo, uma vez que não é vexame tentar escrever correto frente aos conhecidos). Para chegar finalmente nos textos opinativos, nas dissertações, nos artigos, nas cartas argumentativas, as quais constituem o rol dos textos considerados de *difícil* domínio.

Assim, convidamos a todos os leitores deste e-book a desfrutar de nossas dicas de língua portuguesa e de redação. Esse material foi originalmente publicado em colunas do jornal *Gazeta do Oeste*, de distribuição na cidade de Divinópolis (MG), às terças-feiras, agora reunidas neste material. Nosso objetivo é ajudar você a superar a barreira da expressão escrita e conseguir alcançar seus objetivos e a se expressar de maneira clara e objetiva, aos poucos... saboreando os “tiquinhos” do português.

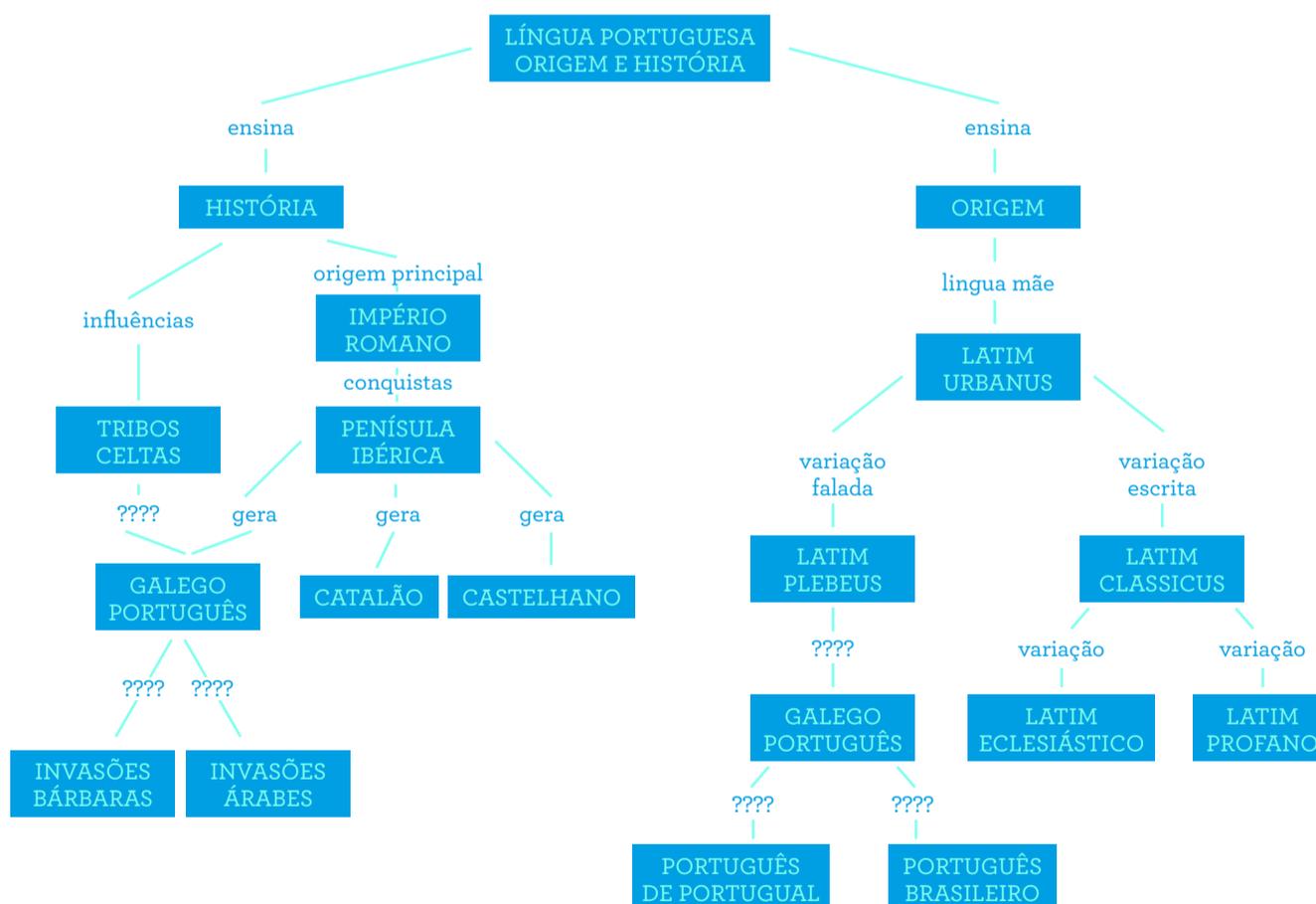
Um tiquinho de Língua

Portuguesa

Você sabia que existe um glossário feito especificamente para a consulta da grafia correta das palavras de nossa língua, chamado **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (VOLP)? É possível visualizá-lo nesse *link*:

<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>.

Também é possível baixar a versão do VOLP, gratuitamente, para o celular: https://play.google.com/store/apps/details?id=br.org.academia.volp&hl=pt_BR



Fonte: http://cmapspublic3.ihmc.us/rid=1219502477218_1631385653_6497/Mapa

A (não) temida Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa

Em 2016, foi necessário precaver-se frente ao assunto “língua portuguesa”. E vocês nos perguntam: “Em que medida?”. É simples. O cumprimento do **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa** (fato que implica um alfabeto com definitivamente 26 letras, a supressão do trema, das consoantes mudas usadas em Portugal, como em “facto” e “acto”, de acentos agudos e diferenciais em um grupo de palavras e a aplicação de novas regras de hifenização) tornou-se obrigatório a partir deste ano. Mas, a que se refere objetivamente esse acordo e quais são as suas motivações?

Inicialmente, ele nasceu de um acordo firmado entre os países falantes da língua lusitana, a chamada Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, disponível em: <http://www.cplp.org/> – (Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor Leste – este, a partir de 2004, em função de sua independência). Nota-se que já houve um acordo em 1945 (ver: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1943>) e outras ocasiões normalizadoras da língua, envolvendo tanto nomenclaturas gramaticais como formulários ortográficos (ver: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php>). Na apresentação deste e-book, indicamos um aplicativo, que também pode ser consultado *online*, chamado VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), por meio do qual podemos consultar a ortografia das palavras após a Reforma.

Objetiva e estatisticamente, o Acordo não chega a afetar sequer 1% dos vocábulos do português falado no Brasil. Isso quer dizer que, a depender do país em que é falado, variam-se as porcentagens de alteração nos vocábulos escritos. No geral, apesar da necessidade do estrito respeito às normas atuais (jornais, editoras, *sites* já se adaptaram ao uso), a mudança não altera profundamente a língua. Por outro lado, vem normalizar certos usos que já eram correntes, como na grafia das palavras “**frequente**” e “**cinquenta**”, cuja escrita já apresentava grafia sem trema, enquanto

“**f**reqüência”, “**l**ingüística”, entre outros, conservavam esse sinal gráfico, pois marcava pronúncia de ditongo crescente. Isso pode ser observado na pronúncia, em certos contextos, da palavra “**c**iruito” (enquanto ditongo decrescente, com “u” mais longo que o “i”, ou seja, com a vogal “u” tônica, semelhante à interjeição “Ui!”), também pronunciado como se fosse grafado “**c**irito” (“u” mais curto e “i” mais longo, em que a vogal “i” seria a tônica do ditongo, como em “equidade”, “aquífero”, etc.).

Quadro: resumo das regras

Alfabeto com 26 letras: incorporação de K, W e Y	
Supressão do trema - a não ser em casos de nomes estrangeiros e de suas derivações, por exemplo, Müller, Völler e as palavras que forem deles derivadas (mülleriano, völleriano).	
Supressão das consoantes mudas, usadas em Portugal: facto, acção (agora: fato, ação).	
Supressão de acentos dos ditongos paroxítonos “ei” e “oi”:	
Como era	Como fica
Jóia	Joia
Paranóia	Paranoia
Idéia	Ideia
Protéico	Proteico
Heróico	Heroico
Asteróide	Asteroide
Hemorróida	Hemorroida
OBS: no caso de palavras como “herói” e “pincéis”, veja-se que, por serem ditongos oxítonos , mantém-se o acento. O caso anterior (“paranoia”, “ideia”, etc.) diz respeito aos ditongos paroxítonos, ok?	

Supressão de acentos diferenciais [1]:	
Como era	Como fica
Crêem	Creem
Dêem	Deem
Lêem	Leem
Vêem (verbo “ver”)	Veem
Enjôo	Enjoo
Vôo	Voo
OBS: Mantém-se acento nos casos de plural em que não há duplicidade da letra “e” (Ele tem / Eles têm ; Ele vem / Eles vêm)	

Supressão de acentos diferenciais [2], em que palavras ficam com mesma grafia, mas possuem o sentido compreendido pelo contexto:
Para (preposição) e Para (verbo “parar” na terceira pessoa)
Pelo (substantivo) e Pelo (preposição “por” + artigo “o”)
OBS: mantém-se o diferencial de “pôde” (verbo “por” no pretérito) e pode (verbo “por” no presente), por serem palavras de mesma classe gramatical (verbos).

Para consultar outras regras da Reforma, veja: http://ifc.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/ANEXO-IX-Guia_Reforma_Ortografica1.pdf

Com respeito às regras de **hifenização**, as quais podemos dizer que são as mais complicadas, continuamos no próximo texto, uma vez que a proposta é oferecer uma esquematização dos casos em que palavras de base prefixal devem receber hífen ou não (o porquê de diferenças como “sociocultural” e “sócio-gerente”, por exemplo), na medida em que as distinguimos de vocábulos compostos plenos, como guarda-chuva, arco-íris, entre outros.

O uso do hífen após a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa

No texto anterior, falamos sobre alguns aspectos relativos à Reforma Ortográfica, deixando, para este texto, a mais intrigante das mudanças: o **hífen**. Esse sinal gráfico tem sido o pesadelo de muitos falantes, porque gera dúvida a respeito de quando usá-lo e das regras que suprimem o seu uso. Na gramática, uma das definições para o hífen é: sinal em forma de um pequeno traço horizontal ou, ainda, sinal diacrítico (-) usado para unir elementos de palavras compostas. Ex: **guarda-chuva**. Pode ser usado ainda para a separação de palavras, mas essa definição não nos importa nesse momento. Algumas palavras, após a reforma ortográfica, perderam o hífen, como é o caso de “**autoescola**”. Como saber, então, *quando empregar o hífen?*

1- O hífen passa a ser usado quando os prefixos (palavras gramaticais que vêm antes do sinal de hífen e que dependem da palavra seguinte para significar: *anti, contra, semi, super, mega, neo, agro, aero*, entre muitas outras) terminam em vogal e a outra palavra inicia-se com a mesma vogal, ex: **micro-ondas, anti-inflamatório, contra-ataque**, bem como as derivadas ou primitivas (Ex.: “**contra-atacar**”). No entanto, a regra **não se aplica** aos prefixos **co** e **re**, mesmo que a segunda palavra comece com a vogal igual à do prefixo, ex.: **coordenar** e **reeditar**.

2- Nos prefixos terminados em vogal, cuja palavra seguinte inicia-se com a mesma vogal, usa-se o hífen, o mesmo vale para as consoantes. Se o prefixo **terminar em consoante** e a **palavra seguinte iniciar-se com a mesma consoante**, usa-se hífen, ex.: **sub-bibliotecário, super-resistente**.

3- Usa-se hífen diante de palavras com a letra **H**. Ex.: **anti-higiênico, auto-hipnose**.

4- No caso de palavras cujo primeiro elemento inicia-se com o prefixo **mal** e o segundo elemento inicia-se por uma **vogal, h** ou **l**. Ex.: **mal-estar, mal-humorado, mal-limpo** (imagine-se o som de “mal-humorado” sem hífen: *malhumorado). Exceções: *malcriado, malvisto...*

5- Quando o primeiro elemento termina em **b** e o segundo elemento inicia-se com **r**: ad-renal, sub-reitor. Exceções: *adrenalina, adrenalite*. É preciso refletir quando houver composição cujo resultado reflita em pronúncia inexata?

6- Usa-se quando o primeiro elemento está representado pelas formas **além, aquém, recém, bem** e **sem**. Ex.: além-Atlântico, recém-casado, bem-estar.

7- Em palavras compostas, derivadas de nomes próprios de lugares. Devemos designar os que nasceram em Belo Horizonte, **belo-horizontinos**, aos que nascem em Porto Alegre, **porto-alegrenses**, aos que nascem na América do Sul, **sul-americanos**.

8- Nos demais casos, há hífen em palavras compostas que tenham elementos de ligação. Nesses casos, temos as palavras que não se iniciam por prefixos, mas por **substantivos** e **verbos** (as chamadas “palavras plenas” ou **lexicais**), como **pão-duro, guarda-chuva, sócio-gerente**, cujo primeiro elemento não funciona como prefixo. Nesses casos, como levantamos ao final do último texto sobre o Acordo, “**sociocultural**” não leva hífen, pois “socio” é uma redução de “social” (portanto, social + cultural = sociocultural), enquanto palavras como sócio-gerente são formadas pelos substantivos sócio + gerente = sócio-gerente.

Tudo certo até aqui, mas quando **não usar o hífen?**

1- Não se usa hífen em palavras compostas que tenham elementos de ligação (**preposições, conjunções**, etc.). Ex.: **pé de moleque, fim de semana, cara de pau**. Exceções: (sim, quase sempre elas aparecem!) **água-de-colônia, cor-de-rosa, ao-deus-dará**.

2- Em palavras que, com o uso, perderam a ideia de composição e passaram a ser grafadas aglutinadamente. Ex.: **girassol, madressilva, pontapé**.

3- Quando o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia-se em **r** ou **s**. Ex.: **antissocial, contrarregra**. Veja que a repetição de letra resulta em som adequado à pronúncia, denominado “eufonia”.

4- Prefixo terminado em consoante e segunda palavra iniciada por vogal. Ex.: **hiperativo, interestadual** (vejam que a junção, embora pareça exigir hífen, resulta em eufonia).

5- Prefixo terminado em vogal diferente da vogal que se inicia a palavra. Ex.: **semiaberto, autoescola**.

Releia as regras, pense em frases para aplicá-las e lembre-se: estar em paz com o hífen pode ser o diferencial para aquela vaga de concurso ou universidade que você tanto almeja.

VOCÊ SABIA?

Quando estas palavras forem utilizadas fora de seu sentido botânico ou zoológico não se usa o hífen. Ex.: “A minha dor nas costas deve-se ao **bico de papagaio**”. Por sua vez, grafa-se com hífen a planta ornamental “bico-de-papagaio”.

O Acordo regularizou o uso do hífen na grafia de todas as palavras que indicam espécies de plantas ou de animais		
couve-flor	flor-do-espírito-santo	erva-cidreira
couve-de-bruxelas	pimenta-do-reino	flor-da-noite
ervilha-torta	canário-da-terra	pintassilgo-verde
formiga-de-roça	tamanduá-bandeira	sabiá-laranjeira
formiga-ferro	erva-doce	capim-cidreira

Um brinde à crase

A crase é uma fusão de duas vogais. Sua origem remonta em fenômenos como o da palavra *colore*, do latim. Historicamente, a sua primeira modificação veio com a queda do “L” intervocálico, originando a palavra *coor*, pronunciada dessa forma até meados do século XIV. Pouco depois, ocorreu a crase dos dois “os”, produzindo a forma atual **cor**. A partir dessa diacronia (recorte no tempo), vemos existirem, hoje, palavras como “colorir”. Por outro lado, esclarecemos o uso atual (sincrônico) complexo da junção de “a” + “a”, que compõe o mesmo fenômeno, fato que gera uma dorzinha de cabeça a respeito de quando empregar o acento grave, a chamada crase (ˆ).

O título deste ensaio (“Um brinde à crase”) significa “oferecer um brinde a” algo ou a alguém. Nesse sentido, precisamos observar a concordância do verbo (**brindar**) ou da função nominal que dele deriva (oferecer um **brinde** a). Assim, ao ligar a preposição “a” (no sentido de “para”) + “a crase” (substantivo feminino), temos como resultado “À”. Aprendemos, com esse exemplo, as primeiras regras da crase:

- olhar para o verbo e para sua regência (oferecer a, dar a, entregar a, ir a, visar a, etc.) e seus derivados (oferecimento a, entrega a, ida a);
- conferir se a regência pede a preposição “a”, ou o uso dessa preposição no sentido de “para”;
- observar se a palavra seguinte é substantivo feminino (a moça, a casa, a pessoa, a emoção, a paixão, etc.; para verificar o gênero do substantivo, basta pensar em qual artigo (“o” ou “a”) encaixa-se antes da palavra).

Assim, temos os exemplos:

“Entregamos flores às moças”.

“A visita à casa de detenção foi importante” (em caso de dúvida, produzir uma sentença masculina “A vista **ao** museu foi legal”, assim se temos “ao” ou “para o”, a construção oposta é “à”).

Mantemos crase mesmo com predicados antes do substantivo feminino:

“Entregamos flores às belas moças”.

Por sua vez, em casos como:

- 1) “O namorado enviou uma carta a Vera”
- 2) “O namorado enviou uma carta à Vera”
- 3) “O namorado enviou uma carta para a Vera”

O uso da crase depende do sentido empregado, pois a intenção da frase pode significar “O namorado enviou uma carta para Vera (1)” ou, caso saibamos de qual Vera se trata (depreende-se artigo definido “a”), escreve-se “O namorado enviou uma carta à (a + a) Vera (2)”, fato que resulta em uma terceira forma possível de escrita, com “para a Vera” (3).

Uso semelhante é facultativo em pronomes possessivos femininos (minhas, suas, nossas, vossas, etc.)

Levamos presentes **a** (para) nossas secretárias.

Levamos presentes às (subentende-se para + as) nossas secretárias.

Levamos presentes **para as** nossas secretárias.

Outro uso ocorre na presença de “aquele(s)” e “aquela(s)”. Ex:

Eva era uma pessoa muito **ligada à**quele rapaz.

Mesmo com “aquele” remetendo a um substantivo masculino, a regência de “ligada” (**a**) + a sílaba inicial de “aquele” resulta em “àquele”. Mesmo com o objeto indireto deslocado, isso também é possível: “Àqueles políticos oferecemos um julgamento justo”.

Outros usos de crase.

Quando depreendemos uma função de condição ou modo (advérbio), seguido de feminino:

- Comeu arroz à grega (à moda grega)

- Pagou a compra à vista (na condição à vista) – por outro lado, “Pagou a prazo” não leva crase.

- **Viu o navio à distância de duzentos metros.**

Exceção: “a distância”, quando não se especifica, é usada sem crase: “**Faço um curso a distância**”.

Quando “**uma**” for **numeral**:

- “Compareceu à festa à uma hora da madrugada”, da mesma forma que “Chegou às cinco horas”.

No entanto, quando “**uma**” for **pronome indefinido**, não leva crase: “Compareceu a uma ótima festa”.

Crase é usada também em locuções, como à medida que, à custa de, à noite, à paisana, **quanto a + fem.**

Não se usa crase:

- antes de pronomes de tratamento: “Escrevemos duas cartas a Vossa Excelência”.

- antes de verbos: “A planta começou a crescer no jardim”.

- antes de substantivos masculinos: “Viajou a cavalo”.

VAMOS EXERCITAR?

Em quais frases abaixo está faltando a crase?

A rebelião contra os tiranos é obediência a Deus.

O amor vê, a distância, a liberdade, mas prefere ficar preso a doçura de um sorriso.

Quanto as experiências, os clubes enviam propostas a Ciranda da Ciência.

É importante ser sensível as diferenças entre as pessoas.

Renunciamos a paz, a medida que queremos preservar a nossa liberdade.

A visita a reserva da Lagoa São Paulo provocou uma reação a crise ecológica.

A felicidade não é o pão, mas o sonho que se oferece as pessoas.

Cristina chegou a uma hora e estava a procura do Maurício.

Há pessoas que compram a fama e outras que se vendem a ela.

Apressemo-nos a ceder a tentação, antes que ela se vá.

Veja as respostas abaixo:

A rebelião contra os tiranos é obediência a Deus.

O amor vê, à distância, a liberdade, mas prefere ficar preso à doçura de um sorriso.

Quanto às experiências, os clubes enviam propostas à Ciranda da Ciência.

É importante ser sensível às diferenças entre as pessoas.

Renunciamos a paz, a medida que queremos preservar a nossa liberdade.

A visita à reserva da Lagoa São Paulo provocou uma reação à crise ecológica.

A felicidade não é o pão, mas o sonho que se oferece às pessoas.

Cristina chegou à uma hora e estava à procura do Maurício.

Há pessoas que compram a fama e outras que se vendem a ela.

Apressemo-nos a ceder à tentação, antes que ela se vá.

O português nosso de cada dia

Algumas vezes, ouvimos o que consideramos “pérolas” em nosso idioma. Elas ocorrem frequentemente, não escolhem lugares para aparecer. Pode ser em uma conversa informal com os amigos em um barzinho, no ambiente de trabalho, ou ainda, em situações mais formais, como entrevistas de emprego. As pessoas, autoras dessas pérolas, continuarão a cometer esses pequenos deslizes até que sejam informadas sobre os usos adequados às situações de comunicação. Assim, resolvemos escrever sobre alguns desses probleminhas do dia a dia para auxiliar você, nosso leitor, a se tornar mais elegante ao falar e, ainda, a ajudar os amigos e parentes que andam precisando de uma mãozinha amiga para falar melhor “O português nosso de cada dia”.

O grama ou a grama

Este é um equívoco muito comum, quando vamos ao supermercado e queremos muçarela (sim, a palavra é grafada com ç e parece muito estranha, mas acredite, esta é a forma correta!) devemos pedir uns 100 gramas de muçarela, no masculino e assim por diante (duzentos gramas, trezentos gramas...). A forma “umas cem gramas”, no feminino, existe, mas se refere a 100 pés de grama. Lembre-se “Quero uns 100 gramas de muçarela, outros 200 gramas de presunto...”.

Seja ou seje, esteja ou esteje

Escutamos frequentemente o uso de “seje” ou “esteje” para o presente do modo subjuntivo, frequente são as sentenças que dizem “Que você seje muito feliz!”, “Que esteje com Deus!”. A verdade é que os verbos **ser** e **estar**, no presente do subjuntivo, para a segunda pessoa do singular se conjugam como: que tu sejas / estejas, que você seja / esteja. Assim, ao empregá-los com o pronome “você”, dizemos: “Que você seja feliz!”, “Que esteja com Deus!”. Portanto, as formas “seje” ou “esteje” não existem na nossa língua.

Mim ajuda?

Um erro não tão comum é o uso de “mim” no lugar de “me”. O erro ocorre porque ambos são pronomes oblíquos utilizados quando estamos falando da primeira pessoa do singular, no entanto, possuem usos diferentes. Vamos à regra: “mim” é pronome pessoal oblíquo tônico e possui na frase a função de objeto indireto (sempre haverá uma preposição entre o pronome *mim* e o verbo. Alguns exemplos de preposições: para, de, por). Vejamos algumas sentenças:

Ele gosta de mim?

Você trouxe isso para mim?

Minha mãe fez tudo o que podia por mim.

Já a partícula “me” é um pronome oblíquo átono e estará sempre associada a um verbo, não sendo acompanhado de preposição. Vamos às sentenças:

Minha mãe me ama muito.

Minha amiga me ajudou com as tarefas da escola.

Minha professora me ensinou a ler e escrever.

Observação importante: A colocação do pronome pessoal oblíquo pode acontecer de três formas: antes do verbo (próclise), intercalado no meio do verbo (mesóclise) e após o verbo (ênclise). Vejamos:

Não me ajudaram. (“me” antes do verbo “ajudar”, exemplo de próclise, cujo advérbio de negação atrai o pronome para perto).

Ajudar-me-ão. (“me” entre o verbo, exemplo de mesóclise, para construir verbo no futuro).

Ajudaram-me. (“me” após o verbo, exemplo de ênclise).

Preciso de dinheiro para “mim sair”

Apesar da existência de “para” antes do pronome oblíquo, o verbo sair é o verbo da segunda oração (o período acima tem duas orações, em que sair é o verbo da segunda) e pede o sujeito “eu”. Assim, a forma correta da sentença é: **“Preciso de dinheiro para eu sair”** (forma reduzida) ou **“Preciso de dinheiro para que eu saia”**

(expandida) ou invertida “**Para que eu saia / para eu sair, preciso de dinheiro**”.

O calor me faz soar

Pensemos no verbo “suar” (ato de transpirar devido a calor excessivo, nervosismo ou preocupação). Este verbo possui grafia e sonoridade similar ao do verbo “soar” (produzir som, como os sinos das igrejas). Acontece que muitas pessoas, quando querem dizer que estão **suando**, confundem-se e dizem **soando**. O que causa certa estranheza, visto que o ser humano não poderia soar, a não ser que fosse convertido em um instrumento de produção sonora, como um sino.

Leiam, reflitam e coloquem essas regrinhas em prática. A língua deve ser assim, a depender das situações de comunicação, devemos usá-la formalmente para obter sucesso ou de maneira casual, em situações coloquiais. Esperamos que vocês possam aproveitar as dicas para falar melhor e também para espalhar a palavra correta aos amigos e familiares.

UMAS CEM GRAMAS



SUAR



UNS CEM GRAMAS DE MUÇARELA



SOAR



Interpretação de textos em concursos

Há muito vivemos na era dos concursos. Fato positivo, uma vez que, no passado, os cargos públicos eram designados àqueles que tinham relação direta ou indireta com os governantes dos poderes federal, estadual e municipal. Nos tempos modernos, aqueles que querem ocupar cargos com melhores salários e estabilidade profissional podem se candidatar a eles e participar da seleção que, grande parte das vezes, ocorre por meio de provas de conhecimentos gerais e específicos. Essas provas são elaboradas por empresas que contratam professores que, por sua vez, apresentam questões referentes ao que se pedia no edital do concurso para o requisitado cargo.

Nossos amigos “concurseiros” de plantão já sabem que, em todos esses editais, nos deparamos com a Língua Portuguesa. Alguns concursos exigem conhecimentos específicos da língua, como gramática e suas peculiaridades: regras de acentuação, morfologia e sintaxe. Outros, a maioria deles, restringe-se ao item “interpretação de textos”. Daí nasce o problema. Como estudar interpretação de textos? É possível? Sempre costumamos dizer aos meus alunos que não só se deve estudar interpretação de textos, mas também é primordial fazer isso. Ela pode ser o diferencial para sua aprovação. Imaginemos a seguinte situação: haverá concurso para uma determinada vaga na área de Ciências Contábeis em um banco x. Para preencher essa vaga, todos os candidatos devem possuir a graduação na área de Ciências Contábeis ou Administração. Evidentemente, as matérias do edital que exigem conhecimentos de matemática financeira ou do dia a dia da organização de uma instituição financeira são de conhecimento e vivência da maioria dessas pessoas. Como fazer então para conseguir a vaga? Deve-se buscar o conhecimento daquilo que os demais candidatos não possuem, buscar o diferencial que, neste caso, refere-se às questões de língua portuguesa.

Ficamos tristes ao perceber o desprezo por essas questões nas falas de muitos concurseiros que dizem: “Vou estudar essa parte aqui e, quanto à interpretação de texto, vou deixar, afinal de contas eu sei ler”. Não se trata de apenas saber ler, interpretar é mais que isso, requer raciocínio lógico, busca de palavras e conectivos que marcam o

gênero (masculino/feminino), número (singular/plural) e modo temporal (presente/pretérito/futuro). Portanto gostaríamos de fazer um apelo a vocês: não mais ignoremos a interpretação de textos. A partir deste texto, apresentaremos algumas dicas para vocês entenderem melhor essa questão.

Primeira regra importante: para entendermos melhor os textos, faz-se **necessário ler**. Sim, deve-se ler de tudo, desde bulas de remédio, livros clássicos. É preciso estar em conexão com a atualidade, com as palavras mais utilizadas, com as gírias do momento, portanto, regra número 1, **leia**.

Regra número dois: **desconfie**. Muitas pessoas, ao se depararem com textos, acreditam piamente naquilo que apresentam e isso é um problema, pois o autor pode estar sendo irônico, pode estar jogando com o juízo de valor do leitor, ou ainda, apresentar um discurso que, apesar de bem escrito, não possui coerência e, por essa razão, não se sustenta.

Regra número três: **ler as entrelinhas**. Um texto é muito mais do que aquilo que está grafado por meio das palavras que o constituem. Quando digo: “João parou de fumar” encontra-se explícita a interrupção de algo, o ato de fumar. No entanto, encontra-se implícito que, antes desse momento, João fumava. É possível ainda pensar em outros enunciados. Será que parou devido a uma doença ou recomendação médica? Será uma questão apenas de saúde? Para saber, teremos de seguir a leitura em uma espécie de investigação. Pode parecer simples, mas as questões de interpretação, em sua maioria, fazem menções aos implícitos de um texto.

Última regra: **observe as perguntas**. Após ler o texto pela primeira vez, em uma situação de prova, volte para as questões, leia uma a uma e releia o texto, buscando as pistas para as respostas. Grife os parágrafos que acredita conter as respostas, escreva ao lado deles o que entendeu do texto até o momento. Imagine que você terá de explicá-lo, da maneira mais detalhada possível para uma criança, que se encontra na fase dos porquês e que indagará a todo instante: “Mas por quê?”. Dessa maneira, os implícitos emergirão e você estará mais apto a captar as estratégias do escritor. No próximo texto, continuaremos com essas questões.

Fatores de textualidade I: coesão textual

No texto anterior, falamos a respeito de se conseguir um melhor aproveitamento nas questões de concursos públicos. Damos continuidade, apresentando os recursos de coesão textual. Nesse estudo, a textualidade é um processo que confere unidade de sentido aos textos, ou seja, não permite que um texto se pareça com um amontoado de frases soltas. No seu âmbito, existem fatores linguísticos e pragmáticos. Coesão e coerência produzem metarregras de repetição e de progressão temática. Já os fatores pragmáticos envolvem questões, como intencionalidade, situacionalidade, aceitabilidade, informatividade, intertextualidade. Por sua vez, dependem de elementos externos, na medida em que demandam o ponto de vista do leitor, a fim de que os sentidos sejam compreendidos.

Vejamos como a **coesão** é um recurso importante, a fim de retomar, por meio de recursos anafóricos, elementos ditos anteriormente, sem a necessidade de construções, como “a mesma”, “o próprio”. Ou seja, ao entender o seu funcionamento, fica fácil perceber a que termos da oração certas palavras, como “ele”, “o”, “esse”, se referem.

Em (1), o termo “maçã” não produz um tipo de repetição produtiva ou criativa, muito menos o exemplo seguinte (2):

- 1) Pegue duas maçãs. Coloque **as maçãs** na mesa.
- 2) Pegue duas maçãs. Coloque **as mesmas** na mesa.
- 3) Os casos abaixo demonstram formas aceitáveis de coesão:
- 4) Pegue duas maçãs. Coloque as na mesa.
- 5) Pegue duas maçãs. Coloque **essas frutas** na mesa.
- 6) Pegue duas maçãs. Coloque na mesa.
- 7) Pegue duas maçãs. Coloque **os frutos proibidos** na mesa

Em (3), o recurso de **referente** se vale de pronomes (seu, ele, ela, a, os, lhe, etc.) para retomar o termo “maçã”. Em (4), o recurso é denominado **lexical**, pois o uso de sinônimos (essas frutas, esses frutos), enriquece o processo de repetição. Também é possível suprimir o termo, por meio do processo de **elipse**, cuja omissão, em (5), implica a repetição do objeto do verbo “colocar”. Em (6), há um processo lexical, em que o sintagma “frutos proibidos” remete a um processo de **criatividade**, por meio da referência da fruta ao mito de Adão e Eva.

Com respeito ao recurso lexical, os substantivos são elementos úteis na coesão. Ao fazer relação com outros substantivos do mesmo campo semântico (campo de sentido semelhante), produzem hierarquias entre palavras, denominadas **hiperônimos** e **hipônimos**. Uma palavra é hiperônima, quando engloba outra, ou seja, produz um sentido mais geral, pois está acima dela. A palavra “carro”, por exemplo, é hiperônimo de “Gol”, pois “Gol” é um tipo de carro. Por sua vez, “carro” pode ser hipônimo de outra palavra, como “veículo”, na medida em que “carro” é um tipo de veículo, ou seja, é mais específica, pois está abaixo dela. Vamos exemplificar, pensando nos hiperônimos (termos mais gerais) ou hipônimos (termos mais específicos) das seguintes palavras:

Utensílio, prataria > garfo, faca, colher > colher de chá, colher de sopa, faca de pão.

Equipamento > Eletroeletrônico > computador, celular, *tablet*, *laptop* > MAC, Windows, periférico.

Construção, imóvel > prédio, apartamento, condomínio > casa, *flat*, quitinete.

Móvel, mobília > sofá, cama, mesa > sofá-cama, escrivaninha, mesa de computador.

Mamífero > Primata, cetáceo > Gorila, humano, baleia > fêmea, homem, mulher.

Ao produzir textos, podemos utilizar criativamente os recursos mencionados, como será mostrado pela repetição do termo “redação”:

“Busca-se trabalhar com **redação** em sala de aula de forma simples. A **sua** qualidade (apesar de aulas sobre **escrita** e do entendimento de recursos sobre a **produção textual** mais coerente e coesa) é cada vez menor. Os reprovados nas provas desse gênero de texto escrito aumentam e surge a necessidade de se fazer algo mais prático a respeito da **sua** produção.”

VAMOS PRATICAR?

Faça o mesmo com o texto abaixo, de forma a utilizar sinônimos para as palavras **carro**, **concessionária** e **cliente**. Lembre-se: você pode variar nos recursos coesivos, exceto utilizar “o mesmo”, “o referido”.

As **concessionárias** estão vendendo **carros** mais baratos. O **cliente** vai até a concessionária e troca seu carro usado por um carro novo. A concessionária também pode financiar o carro para o cliente. Caso o carro dê problema, o cliente poderá trocar o carro ou devolver o carro à concessionária.

As **concessionárias** estão vendendo **carros** mais baratos. O **cliente** vai até a _____ e troca seu _____ usado por um _____ novo. A _____ também pode financiar o _____ para o _____. Caso o _____ dê problema, o _____ poderá trocar o _____ ou devolver o _____ à _____.

Resposta:

As **concessionárias** estão vendendo carros mais baratos. O **cliente** vai até a loja e troca seu veículo usado por um novo. Ele também pode financiá-lo para o consumidor. Caso o utilitário dê problema, o comprador poderá trocar o meio de transporte e devolvê-lo à empresa automotiva.

Fatores de textualidade II: a coerência textual

Em nossos dois últimos textos, iniciamos a discussão sobre a importância da interpretação de textos para obter sucesso nos concursos públicos. Conforme já apresentado, faz-se necessário entender a organização do texto, a fim de investigar o que se diz nas entrelinhas. Já apresentamos a ligação entre as partes que compõem o todo de sentido, processo denominado coesão textual. Apresentamos agora outro fator importante para a ativação dos conhecimentos do leitor, a metarregra de coerência.

Ao tratarmos da continuidade do texto e da forma com que as palavras são retomadas por meio de pronomes (ele, ela, seu, sua) e outros recursos de repetição, falamos de coesão textual. A coerência, por sua vez, refere-se à continuidade de um texto baseada em seu sentido. Ao nos depararmos com um texto, seja ele um bilhete deixado por um amigo ou uma notícia de jornal, sempre buscamos entender o que ele quer dizer. É possível perceber tal estratégia cerebral quando nos deparamos com textos que apresentam as letras propositalmente colocadas fora de ordem, ou ainda textos que aparecem escritos fora da ordem canônica (sujeito, verbo e objeto). Dessa forma, damos coerência a alguns textos, não pelo que eles possuem em sua composição, mas pelo que conhecemos antes de entrar em contato com as informações emitidas por ele. Assim, podemos dizer que a coerência é uma propriedade interpretativa. O entendimento de um texto é uma atividade realizada pelo receptor do texto que atua sobre a proposta do autor. Não queremos dizer que o autor possa escrever um texto todo truncado e com informações faltosas, queremos mostrar que, ao contrário do que muito se pensa, o leitor é coautor do texto e cabe a ele, em menor ou maior intensidade, contribuir para o entendimento da mensagem apresentada pelo autor.

As relações de sentido, ou coerência, podem ocorrer de várias maneiras. Uma forma seria a de se pensar dois enunciados, em que o primeiro poderia ser interpretado como causa ou consequência de um segundo. Tomemos como exemplo a frase a seguir:

—Meus amigos devem ter saído porque o cachorro ainda está na sala e as luzes da varanda estão acesas.

Nessa sequência, a relação que se estabelece entre as frases não é uma relação de causa e efeito entre o cachorro estar na sala e a ausência dos amigos. O que se está sugerindo é que as luzes acesas e o cachorro na sala são indícios de que os amigos saíram, visto que quando os amigos saem, costumam agir dessa maneira. Vemos então que a sugestão de coerência entre os enunciados é marcada pelo questionamento, funda-se em um conhecimento por parte do enunciador do texto pela sequência de ações que os amigos fazem ao deixar a casa e não em uma relação entre os enunciados sequenciados.

Ao se pensar na organização textual e na manutenção de um enunciado coerente, são necessários os seguintes princípios básicos:

Manutenção da temática: ao se iniciar um texto, dentro de um determinado assunto, o autor deve progredir na exposição de argumentos que endossem ou refutem o assunto apresentado, sem abandonar a proposta temática.

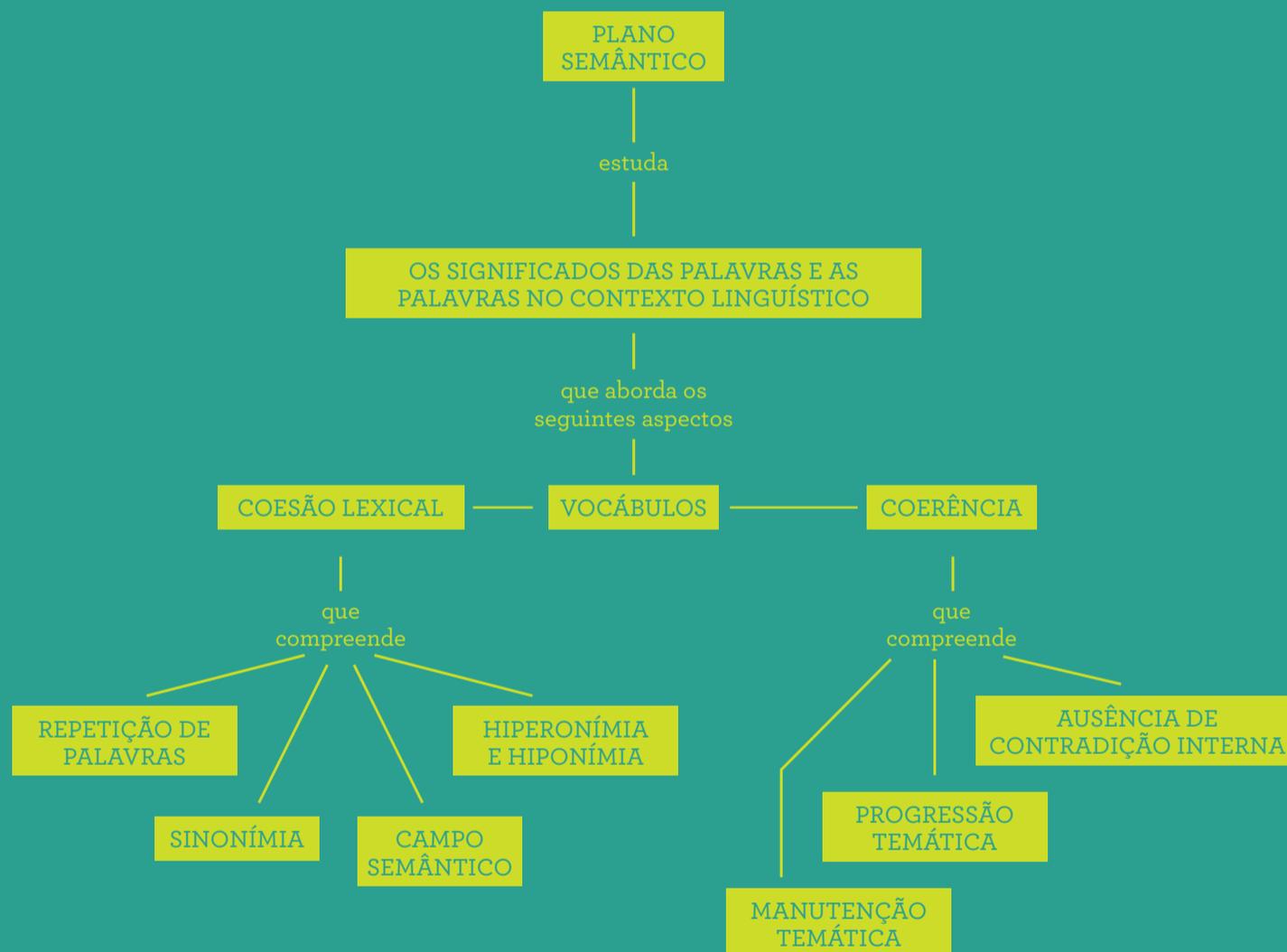
Progressão temática: um texto deve possuir progressão, dessa forma, após a introdução do assunto, o autor deve encaminhar o tema para um desenvolvimento e, posteriormente, para uma conclusão.

Ausência de contradição interna: a palavra *texto* significa tecer, tessitura, dessa maneira, é necessário que os elementos de sua composição se encontrem em harmonia. Ao se dizer, em um determinado parágrafo, que A é melhor que B, o autor deve manter esse ponto de vista, ao menos que apresente argumentos para mudar sua estrutura argumentativa. De outra forma, estaria sendo contraditório.

A essa altura você deve estar se perguntando, como então estudar coerência para melhor compreender o texto? Nossa resposta só pode ser uma, leia. A leitura se faz importante nesses casos, uma vez que o entendimento encontra-se tanto no leitor quanto nos mecanismos utilizados pelo autor. Sendo assim, aquele que for capaz de, ao adentrar o universo do texto, fazer o maior número possível de conexões com outros, será aquele que obterá maior sucesso. Então, como dizem os internautas: KEEP CALM E LEIA!

VOCÊ CONSEGUE LER ESTE TEXTO?

Não é o máximo!! De acordo com uma pesquisa de uma universidade inglesa, não importa em qual ordem as letras de uma palavra estejam, a única coisa importante é que a primeira e última letras estejam no lugar certo. O resto pode ser uma qualquer que você pode ainda ler sem problema. Isso é porque nós não lemos cada letra isolada, mas a palavra como um todo.



Fatores de textualidade

III: intencionalidade e aceitabilidade

Anteriormente, discutimos sobre os fatores de textualidade propriamente linguísticos (coesão e coerência) e sua importância na sequenciação dos textos. Agora, veremos a importância de dois **fatores pragmáticos**, que dizem respeito à esfera do uso linguístico e que, assim, dependem da intencionalidade do produtor e da aceitabilidade do receptor, a fim de produzir a textualização desejada.

A **intencionalidade** é observada de forma marcante (que demanda às vezes uma obrigatoriedade do receptor) em textos de gêneros de esferas normativas, como o domínio jurídico (contratos, leis, regimentos, depoimentos, requerimentos, etc.), o domínio religioso (oração, homilia, penitência, etc.), o domínio publicitário (propaganda, anúncio, panfleto), entre outros. Esse fator textual é marcado pela **intenção do produtor do texto**, seja para **convencer** (levar o receptor a aceitar o argumento: foco na **razão**), seja para **persuadir** (levar o receptor a fazer o conteúdo proferido no texto: foco na **ação**).

Por sua vez, a **aceitabilidade**, enquanto fator complementar, diz respeito à atitude esperada do receptor do texto, que deve considerá-lo, inicialmente, como coeso e coerente (fatores linguísticos que tornam o texto interpretável e significativo). Nesses casos, os textos podem ser malformados no quesito coesivo, mas compreensíveis no âmbito da coerência. Vejamos um exemplo de gênero oral, comentário da internet (*post*), do site <http://esportes.terra.com.br>:

“tem que segurar o calleri até o final da liberta, precisa do cara!!”

Obviamente, além dos fatores mencionados, a situação também é responsável por fazer com que o receptor compreenda o contexto dessa mensagem e, assim, seja capaz de dar coerência a esse enunciado, que pertence ao domínio do futebol, a respeito de um jogo ocorrido durante uma das semanas de maio de 2016.

Após verificar que o texto produz um grau aceitável de inteligibilidade, o receptor verificará o fator pragmático da intenção do produtor, com o objetivo de **refutar, questionar, crer** ou **fazer** o conteúdo proferido no texto. Por exemplo, ao receber uma ordem de despejo, vemos que esse gênero demanda ao receptor o cumprimento do que se pede, com a ameaça de receber uma punição, portanto, o receptor é persuadido, na medida em que deve agir, sem refutar ou questionar.

Por sua vez, gêneros como a autoajuda são explicitamente voltados à aceitação questionável do seu leitor, na medida em que jogam ora com o crer, ora com o fazer do público-alvo. Como recurso, a autoajuda vale-se de tipologias textuais variadas. Para convencer, constrói textos injuntivos (“Faça isso”, “faça aquilo”), a fim de tematizar questões de interesse geral, por meio de dados estatísticos, científicos, religiosos, médicos, etc. Para persuadir, vale-se de tipologias narrativas e expositivas (verbo no pretérito e no presente), trazendo exemplos de vida (narrativas de personalidades da mídia, da história, dos esportes, etc.), a fim de produzir figuras discursivas ancoradas à realidade do público.

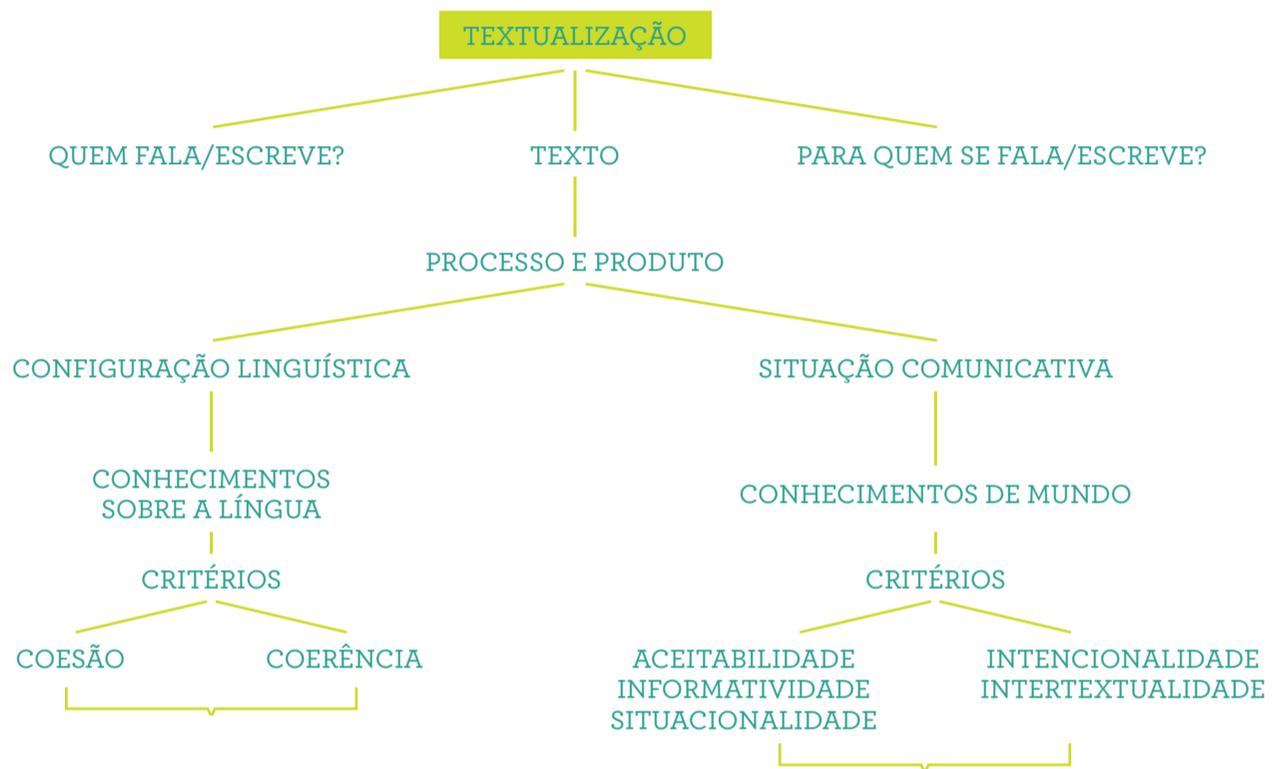
Também há textos que produzem uma intencionalidade de valor estético (de forma diferente dos gêneros mais normativos, direcionados ao leitor), tendo em vista efeitos de sentido de cunho literário. Isso o faz com louvor um dos maiores escritores de todos os tempos, Joaquim Maria Machado de Assis, ao referenciar no seu livro a intencionalidade provocativa, e em tom desafiador, referente ao universo do seu próprio leitor.

*“Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros **para cem leitores**, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará, é se este outro livro não tiver os **cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez... Dez? [...]** O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agrada, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agrada, pago-te com um piparote, e adeus.”*

Vemos que o trecho acima brinca com a aceitabilidade do leitor, ao revelar uma intencionalidade projetada pelo narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

No próximo texto, trataremos sobre os fatores de situacionalidade e informatividade.

MECANISMOS DE TEXTUALIDADE



Fatores de textualidade

IV: situacionalidade e informatividade

Nos textos anteriores, tratamos de fatores relacionados à construção textual, que podem auxiliar na compreensão e interpretação de um texto. Já falamos das metarregras de coesão e de coerência (responsáveis pela organização dos elementos que compõem um texto e pela progressão temática adequada) e também dos fatores pragmáticos de intencionalidade e aceitabilidade (que tratam da intenção do autor do texto, que pode ser convencer ou vender um produto, e da atitude esperada pelo receptor do texto).

Hoje apresentaremos mais dois fatores importantes, são eles: a situacionalidade e a informatividade. O primeiro critério refere-se à adequação do texto à situação de comunicação em que ocorre. Vamos pensar no gênero carta. Ao escrevermos uma carta, iniciaremos colocando os dados da região onde vivemos, seguidos da data completa. Dessa maneira, teremos no cabeçalho as informações: Divinópolis, 31 de maio de 2016. Após essa informação, apresentamos uma saudação à pessoa a quem nos dirigimos, que pode ser afetuosa (se nos dirigimos a um amigo, por exemplo) ou ainda respeitosa (se nos dirigimos a uma pessoa com a qual não temos afinidade). Após essa saudação, virá expresso o motivo da carta, que pode ser apenas contar e pedir notícias (no caso do amigo) ou ainda apresentar uma reclamação, pedir uma nova via do documento fiscal, dentre outros. Em suma, a situacionalidade está diretamente ligada ao critério de adequação que devemos fazer em um determinado texto para que ele se encaixe na realidade comunicacional.

Ao nos depararmos com questões de interpretação de texto em concursos, devemos ter isso em mente. Para quem esse autor escreveu o texto? Qual a situação de produção: formal ou informal? Qual era a relação do autor com o leitor: de amizade, cordialidade? A resposta a tais questões nos ajudará a entender a relação entre o autor e o receptor do texto, indicando possíveis pistas para as informações expressas nas entrelinhas. Outra dica importante, quando estiverem lendo: leiam TODO O TEXTO.

Infelizmente, muitos alunos não leem as letrinhas que aparecem ao final. Se estão ali, devem ser lidas, pois podem conter informações importantes.

O segundo fator desse texto é a informatividade. Refere-se ao entendimento do tópico desenvolvido pelo texto. Dessa forma, ao nos depararmos com um texto, é preciso ficar claro o que ele deseja apresentar e ainda o que não deseja. Ser informativo significa ser capaz de diminuir nossas incertezas. Sabe-se que não se pode tratar de todos os assuntos ou mesmo abordar um assunto até sua exaustão. Para realizar semelhante feito, seriam necessárias muitas páginas e muitos anos de pesquisa e desenvolvimento de um dado assunto, sendo assim, o autor deverá estabelecer limites. Ou seja, vai esboçar o assunto que será apresentado e, após esse esboço, definirá quais aspectos serão contemplados e quais serão deixados de lado. Essa escolha do autor pode ser motivada por fatores de interesse, de suporte textual ou ainda domínio do conteúdo a ser expresso. Pensemos em uma propaganda. Ela pode aparecer em jornais, revistas *outdoors* e ser veiculada na rádio e na televisão. Para cada um desses suportes textuais, o autor deverá fazer escolhas, visto que contará com maior ou menor espaço para colocar sua informação podendo, dessa maneira, ser mais ou menos conciso. O importante em cada um desses suportes é que o autor consiga transmitir a informação de maneira clara e direta para o leitor, sem deixar dúvidas a respeito do texto verbal ou sincrético (verbovisual, audiovisual, etc.) que é enunciado. Feito isso, o fator informatividade estará contemplado. É importante que consigamos visualizar como a informatividade encontra-se presente nos textos de nossos concursos, pois, dessa maneira, conseguiremos entender as escolhas do autor referentes aos temas apresentados, bem como a intenção de produção daquele determinado texto. No próximo texto, trataremos do último fator, a intertextualidade.

Texto sincrético com predomínio de situacionalidade, cuja situação (espacial, temporal, temática) da conversa é questionada por Mafalda:



Texto sincrético com predomínio de informatividade, cujo domínio jornalístico manifesta diversos gêneros informativos (notícia, redes sociais, data, chamada, propaganda, logomarca do jornal, etc.)

DIVINÓPOLIS, 30 DE MAIO DE 2016

Portal do grupo
Gazeta
DO OESTE

Q Ok

f e ASSINE O GAZETA DO OESTE | ACESSE SUA CONTA

Capa Cultura Nacional Regional Turismo Variedades Veículos Esportes Estadual Local Policia Política

26 DE MAIO A 05 DE JUNHO
O MAIOR RODEIO DE MINAS GERAIS

Sábado, 28 de maio de 2016 | Política
Toffoli autoriza filho de Lula a acessar investigação da Zelotes

Nacional | Sábado, 28 de maio de 2016
Cientistas pedem adiamento da Olimpíada por causa do vírus Zika

Esportes | Sábado, 28 de maio de 2016
Atlético treina e delegação segue para Salvador

Esportes | Sábado, 28 de maio de 2016
Com novidades, Paulo Bento divulga lista de relacionados para o clássico

Política | Sexta-feira, 27 de maio de 2016
Em áudio com Machado, Sarney diz que hãditadura da Justiça

Fatores de textualidade V: a intertextualidade

Nos quatro textos anteriores, trabalhamos os fatores de textualidade linguísticos (coesão e coerência) e pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade). A fim de complementá-los, falta discutir o fator da **intertextualidade**. Ao constatar que todo texto produz um **diálogo** com outras manifestações textuais (noção vinculada ao dialogismo), vemos que essa relação “entre-textos” (com os discursos da história, da ideologia e do contexto) é orientada constantemente pela intertextualidade. Na medida em que é condição de existência do discurso, intertextualidade é a relação de um texto com outros previamente existentes.

Tendo em vista que o texto é produto de uma trama de manifestações textuais nas quais se insere, podemos discernir níveis intertextuais na língua verbal e verbovisual, inicialmente, por meio da **heterogeneidade marcada e não-marcada**. A primeira equivale aos textos que são referenciados explicitamente, como a citação direta de um trecho de um livro (equivalente, na gramática, ao discurso direto). A segunda equivale às formas de paráfrase, por exemplo: a reescrita de um artigo (equivalente ao discurso indireto), em que reescrevemos o enunciado (mudamos a expressão), mas mantemos as ideias (o conteúdo); ou à paródia, sátira e alusão, observadas em charges, imitações humorísticas, paródias musicais, etc. O que nos vêm à mente, quando referenciamos textos integrais ou outras produções autorais é a questão do plágio. Na escrita científica, isso equivale a uma forma de burlar o sistema normativo dos trabalhos escolares e acadêmicos. Motivado pelas facilidades dos motores de busca *online*, a prática antiética do plágio se faz presente no ambiente educacional. Veremos que o conhecimento dos processos de intertextualidade permite que se faça referência a outros discursos, sem cair na armadilha da cópia indevida.

Há quatro tipos de intertextualidade: **temática, estilística, explícita e implícita**.

A **temática** compartilha assuntos jornalísticos da mesma área, conceitos científicos semelhantes, canções de um mesmo compositor, ou seja, todo texto verbal ou verbovisual que produz relação temática semelhante a outros textos, de mesmo gênero ou não (o tema do herói é repetido em diversos gêneros: romances, gibi, cinema, etc.).

A **estilística**, por sua vez, ocorre quando são reproduzidos, por exemplo, o mesmo tom de paródia, sátira ou imitação de um jeito de falar, de um trejeito de alguém famoso, etc., típico do universo dos humoristas ou das artes do teatro, da mímica, etc.

A intertextualidade **explícita** dialoga verbalmente com outro texto de forma marcada, pois os fragmentos referenciados remetem à autoria do dizer, como se faz em teses, artigos, revistas científicas, por meio das citações marcadas entre aspas.

A do tipo **implícito** faz menção a um texto ou a um conjunto de textos sem citar o autor. Nesse caso, o conhecimento de mundo (enciclopédico) do leitor é importante, pois deve estabelecer diálogo com o texto original. Essa intertextualidade implícita é mais comum nos romances, nos filmes, nas paródias. Vejamos o trecho da canção “Monte Castelo”, da banda Legião Urbana, que remete ao soneto de Camões (“Amor é fogo que arde sem se ver”) e à carta do Apóstolo Paulo aos Coríntios:

Ainda que eu falasse / A língua dos homens / E falasse a língua dos anjos/
Sem amor eu nada seria /

É só o amor! É só o amor / Que conhece o que é verdade / O amor é bom,
não quer o mal / Não sente inveja ou se envaidece / O amor é o fogo que arde sem se
ver / É ferida que dói e não se sente / É um contentamento descontente / É dor que
desatina sem doer.

No que se refere aos efeitos de sentido, enquanto a paródia e a alusão tendem a homenagear o texto original, por outro lado, a sátira, o sarcasmo e a imitação caricaturesca tendem a ridicularizar ou a criticar o texto-alvo. Vejamos a charge de João Montanaro publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 04 de junho.

charge

João Montanaro



Ora crítica sutil, ora crítica mais ácida, a sátira da charge ridiculariza os desmandos do governo atual, quando traz a caricatura de Michel Temer, a produzir e disseminar, de forma humorística, o discurso de uma crise brasileira sem data para terminar. Ao mesmo tempo, o humor remete à sua forma polida de usar o tempo verbal futuro, cuja sintaxe mesoclítica da expressão (“quadruplicá-la-emos”) liga-se ao conteúdo implícito “crises quadruplicadas”.

A redação do vestibular: a nota zero no Enem

A página 9 do Guia Enem 2013 (disponível no *site* do INEP: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdf) refere-se às formas possíveis de anulação da redação, conforme seis **motivos**:

Quais as razões para se atribuir nota 0 (zero) a uma redação?

A redação receberá nota 0 (zero) se apresentar uma das características a seguir:

- fuga total ao tema;
- não obediência à estrutura dissertativo-argumentativa;
- texto com até 7 (sete) linhas;
- impropérios, desenhos e outras formas propositais de anulação ou parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto;
- desrespeito aos direitos humanos; e
- folha de redação em branco, mesmo que haja texto escrito na folha de rascunho.

Antes de aprofundar a “Fuga ao tema”, deve-se explicar a diferença sutil entre **fuga** e **tangenciamento** ao tema. Publicamente divulgado, o tema da redação de 2015 versava a respeito das causas da persistência da violência contra a mulher no Brasil.

A competência 2 da matriz de referência para a redação do ENEM exige duas coisas: que se discorra sobre o tema e por meio de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo. Para que o candidato não fuja ao tema, terá que se valer da escolha, opinião e discussão de argumentos (competência 3) vinculados à “violência sofrida pela mulher” e “somente pelo fato de ser mulher”. Em suma, a proposta de redação já fornece o contexto de que o preconceito de gênero está presente nas

relações sociais e, desse modo, faz perpetuar formas de violência física e psicológica contra o sexo feminino. Assim, casos como os de violência praticada por mulheres nos bastidores ou ringues do UFC ou no exagero de faltas na liga de futebol feminino, por exemplo, não valem como tema, pois, além de serem agressões protagonizadas por mulheres, ainda são delimitadas por regras e punições específicas. Também não vale a discussão sobre a temática de violência de mulheres que batem no marido, por exemplo.

Desse modo, aos argumentos sobre a mulher como pessoa agredida, sem qualquer causa, devem ser acrescentados fatos sobre o contexto nacional, seja a violência histórica contra a mulher, sejam as notícias atuais de sexismo e suas gradações (machismo, violência psicológica, assédio moral, assédio sexual, estupro), seja a importância de leis que tipificam o crime de agressão (Lei Maria da Penha).

Em geral, a **fuga ao tema** configura-se quando não se fala da violência relacionada à mulher como vítima (mas da violência de forma geral: assaltos nos centros urbanos, violência nos esportes, nos países pobres, etc.). Também não vale falar da violência contra a mulher, praticada em outros países, pois a proposta diz claramente que o contexto é nacional. Nesses casos, a nota será zero.

O **tangenciamento** (que receberá nota mínima na competência 2) pode ocorrer em situações em que o tema seja citado rapidamente (Lei Maria da Penha ou os direitos adquiridos pela mulher), ou seja, em vez de falar da violência por ela sofrida, foca-se em assuntos isolados, de forma a expor a história de alguém agredida ou narrar histórias tristes ou que remetam à própria situação da vida do candidato. Nesse último caso, além de tangenciar o tema, o tipo textual também conterá trechos de narrativa ou de injunção, por exemplo. Em outra direção, para que a redação fique no tema, o texto terá que argumentar, de forma a discutir os motivos da **persistência** do quadro de violência e, ao fim, sugerir meios para que isso diminua (intervenções mais urgentes e rigorosas) ou para que seja definitivamente sanado (intervenções mais complexas, gerais e a longo prazo).

A **não obediência à estrutura** refere-se ao não uso da tipologia e do gênero pedidos. Em artigos anteriores, dissemos que o texto **dissertativo** deve conter introdução (proposição), desenvolvimento (argumentação) e conclusão (hipóteses e tese) e que o tipo textual **argumentativo** deve conter, linguisticamente, substantivos

abstratos, formas nominais nos verbos, terceira pessoa ou recursos de objetividade e impessoalidade, com o fito de produzir um ponto de vista sobre um determinado tema. Do ponto de vista formal, a argumentação difere, assim, dos textos narrativo, descritivo, expositivo e injuntivo, também já discutidos.

Como o enunciado diz, um **texto com até 7 linhas** não será considerado, assim como serão descontados trechos literalmente copiados dos textos motivadores. Por isso, uma redação que tenha 15 linhas no total, mas com 8 linhas copiadas dos textos, terá contabilizadas 7 linhas e receberá também nota zero.

Impropérios, desenhos, outras formas propositais de anulação, como partes desconectadas do tema são garantia de nota zero. Os impropérios envolvem xingamentos e recados à banca avaliadora ou palavras de baixo calão fora do contexto da redação. Uma forma proposital de anulação ocorreu no Enem 2012, quando dois candidatos quiseram desafiar o processo de avaliação e escreveram uma receita de miojo e partes do hino de um time de futebol no meio da redação. Por esse motivo, desconectaram-se deliberadamente do tema.

O **desrespeito aos Direitos Humanos** está envolvido com a competência 5, em que a intervenção não deve estar atrelada à pura violência (tortura psicológica e física, governo ditatorial, genocídios), desde que amparadas pela Lei, como a pena de morte, legalizada em alguns Estados norte-americanos, por exemplo. Por fim, **folha em branco** também garante um zero na nota.

A visualidade nas provas de português e nas propostas de redação

Ultimamente, tem crescido o número de imagens nas provas dos principais concursos do país. Elas estão presentes, seja através de gráficos, nas provas de matemática, seja por meio de fotografias, charges e histórias em quadrinhos, nas provas de história, geografia, filosofia, sociologia e língua portuguesa. Saber interpretar uma imagem tornou-se fundamental para obter sucesso nessas provas. Vivemos a era da imagem, o signo visual algumas vezes é apresentado junto ao verbal, como no caso de mapas e publicidade, por outras se apresenta sozinho, como em uma parada de ônibus ou para advertir no trânsito. Os jovens os utilizam com frequência, prova disso são as redes sociais que se encontram tomadas por representações visuais.

Dessa maneira, cria-se um novo problema: aqueles que não conseguem fazer a conexão do símbolo com a imagem que ele representa tornam-se “analfabetos visuais”. Mas afinal, o que são os símbolos e para que servem?

Assim como a escrita, os símbolos são convenções de uma determinada cultura e servem para auxiliar as atividades do dia a dia. Por meio deles é possível fazer uma leitura mais prática e codificada da informação. Assim, o motorista, ao se deparar com uma letra E preta cortada em forma diagonal por uma linha vermelha, sabe que naquele local não poderá estacionar o seu carro. Um fumante, ao ver a mesma linha diagonal vermelha cortar um cigarro, sabe que não poderá fumar em determinado local e assim por diante.

Por outro lado, alguns símbolos não são convenções e pedem interpretação e análise. Esses são os símbolos que aparecem nas provas e nas propostas de redação em nossos dias. Para se sobressair, o candidato deverá saber interpretar o que está apresentado no desenho e ainda por detrás dele, ou seja, a intenção do artista ao realizar determinada obra ou fotografia. Ao apresentar essa necessidade aos alunos, costumamos dizer que, em uma era ecologicamente correta como a nossa, não se gasta

papel e, muito menos tinta, para se imprimir uma imagem apenas para “ilustrar” ou “preencher” um espaço vazio. As imagens, sejam elas de jornais, *blogs*, ou *sites* de relacionamento, possuem um sentido a ser explorado.

Ao se deparar com uma imagem, o candidato deve se deter sobre ela, observar aspectos como o traço do artista, as cores utilizadas na composição do desenho e, ainda, o posicionamento dos elementos no interior do quadro. Vejamos esses três elementos de maneira mais detalhada.

Ao observar o traço de um artista, pode-se observar se o material apresentado trata de uma crítica a um determinado personagem, no caso a charge, que explora um aspecto físico por meio do realce de uma característica (que pode ser o olho, o nariz), e que terá, por essa razão, a intenção de criticar, por meio do exagero de um traço físico, um traço moral do sujeito ou representante de um grupo apresentado (existem charges que criticam políticos, subcelebridades, etc.). Caso o texto visual seja uma charge, caberá ao leitor identificar a quem se destina a sua crítica. Suponhamos que a charge apresente sujeitos representantes do cenário político; se o chargista os apresenta com o nariz avantajado ou ainda com os olhos grandes, podemos ler a “mentira” (representada pelo nariz proeminente) e ainda a ganância (representada pelo tamanho dos olhos). Frequente na charge é o uso de palavras com duplo sentido. A presença do enunciado verbal complementa o sentido do visual, resultando em sincretismo de linguagens.



Fonte: <http://humildadeesolidariedade.blogspot.com.br/2012/06/charges-politicas.html>

Ao dizer que “Neste bolso nunca entrou dinheiro público”, o político quer apontar para sua honestidade, valor pouco elogiado em parlamentares e, por essa razão, visto muitas vezes com desconfiança pela população. A questão da desconfiança fica clara na fala do cidadão que afirma “Tá de calça nova, né?”. Ou seja, terá falta de contato com dinheiro público não se deve à honestidade do político, mas ao fato de ainda não haver tido tempo para que embolsasse algum, visto que a calça que utiliza é nova.

Por meio da quebra do raciocínio inicial, o de que o político é honesto, o chargista cria uma nova possibilidade para o discurso da charge, instaurando o humor e criando uma possibilidade real para a fala do político.

No próximo texto, falaremos sobre os aspectos das cores e a distribuição do desenho no espaço a ele destinado no papel.

O texto visual e seu espaço no papel

No texto anterior, começamos a falar a respeito da dificuldade que algumas pessoas possuem na interpretação dos enunciados visuais. Destacamos que a busca por informações rápidas e condensadas tem feito desses enunciados um recurso linguístico muito utilizado, razão pela qual as provas de seleção dos mais variados concursos têm se utilizado deles para compor seu *rol* de questões.

Mostramos a questão da ironia, recurso frequentemente explorado nas charges. Por meio dela, o artista retoma o enunciado, levando o leitor ao riso por meio da interpretação da cena mostrada. Dando sequência a essa questão, falaremos agora sobre a distribuição do desenho no interior da charge. Estudos apontam que, ao entrar em contato com o texto visual, o olho humano não o lê como um texto escrito (da esquerda para a direita, de cima para baixo). A leitura desse texto ocorre do meio para as extremidades e, em algumas situações, o olho capta em um primeiro momento os sinais mais intensos (cores mais fortes, traços maiores, pontos mais iluminados).

Dessa maneira, o artista poderá, por meio da utilização desses recursos, chamar o leitor a explorar sua obra da maneira que lhe seja mais conveniente; poderá, ainda, brincar de esconder, em espaços que não serão explorados em um primeiro momento, informações que julgue relevantes apenas para um leitor mais atento.

Outra possibilidade é a de apresentar os objetos recuados em um espaço do quadro para passar a impressão de aglomerado de coisas ou ainda um determinado posicionamento político, como ocorre na figura abaixo, em que Dilma e Aécio ocupam respectivamente os espaços da esquerda e da direita da charge, o que correspondia, à época de sua publicação no jornal, a posições políticas dos então candidatos à presidência da república em 2014.



Fonte: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2014/01/01/2>>. Acesso em 30 jan. 2015

Outra característica presente nos textos visuais, e em especial na charge, é o traçado. Nessa forma de manifestação visual, os personagens apresentam-se representados por meio da caricatura. É importante ressaltar que a caricatura deve ser feita na medida, uma vez que não se pode perder de vista o sujeito retratado, sendo assim, alguns traços que remetem à personalidade devem ser mantidos, caso contrário o leitor pode não conseguir identificar o personagem, desaparecendo assim a argumentação e o humor visados.

Na charge apresentada, percebemos o traçado carregado do artista para representar Dilma e Aécio. Nota-se que Dilma é apresentada com os dentes muito maiores do que realmente são, dando-lhe uma conotação desengonçada e pouco atraente, enquanto Aécio é retratado com o nariz encurvado, o que lembra um tucano, símbolo do partido ao qual pertence.

Há ainda, nos celulares dos políticos, a representação dos símbolos dos partidos opositores. Nota-se que quando Dilma vai checar seu celular para ver a *selfie* que fez, ela se depara com um tucano, símbolo do partido de Aécio; o mesmo ocorre com o ex-governador do Estado que, ao verificar seu celular, depara-se com uma estrela, símbolo do partido da opositora. Percebemos ainda que o tucano encontra-se posicionado à direita de Dilma enquanto a estrela aparece do lado esquerdo de Aécio.

Outra possibilidade de análise refere-se ao uso da cor. A escolha dos tons ou a falta deles na representação dos personagens também nos diz muito a respeito da cena apresentada. Ainda na charge acima, o artista utilizou-se dos tons de vermelho e azul, respectivamente, para os cabelos e maiô de Dilma e para a sunga de Aécio. Cores essas que fazem, juntamente com a disposição dos personagens no quadro, analisada anteriormente, menção aos partidos aos quais são filiados os políticos.

Foi possível observar fatores visuais, como traço dos personagens, sua disposição no espaço da charge e, ainda, o uso de cores juntamente com a ironia que por vezes pode compor a linguagem verbal da charge. São elementos importantes responsáveis pela organização e argumentação do desenho. Caso o leitor não possua o entendimento mínimo desses elementos, não saiba que o vermelho e o lado esquerdo juntamente com a representação de Dilma remetem, nesse desenho, ao Partido dos Trabalhadores e que o azul e o tucano juntamente com a caricatura de Aécio representam o PSDB, a compreensão da charge não se dará de maneira completa, fato esse que prejudicará o seu entendimento. Por essa razão, é necessário um conhecimento de mundo por parte do leitor. Conhecimento esse que se dá por meio da leitura e interação social. Sendo assim, reforçamos mais uma vez a necessidade da leitura e contato com as diversas fontes de informação àqueles que pretendem realizar concursos.

Dúvidas do cotidiano I: verbo haver

Certa vez, ao ouvir o clássico de Raul Seixas (“Eu nasci há dez mil anos atrás”), nos demos conta de um complicador na vida de alguns estudantes: o uso de há/a.

Por vezes, nos deparamos com textos em que os alunos acabam por trocar a forma verbal **há** pelo artigo definido feminino singular **a**. Erro comum e não menos importante de ser discutido.

Para entendermos melhor o uso dessas palavras, faz-se necessária a sua classificação: **A** é artigo, ou seja, palavra que acompanha o substantivo e que varia e concorda em gênero e número com ele, dessa forma: **a menina/as meninas** – concordância de número (singular/plural), **a menina/ o menino** – concordância de gênero (feminino/masculino).

Por sua vez, **há** corresponde à terceira pessoa do singular, tempo presente do modo indicativo, do verbo haver (veja tabela). Vale ressaltar ainda que é um verbo irregular, o que requer cuidado na conjugação. Quando lhe é atribuído o sentido do verbo **existir**, não se flexiona no plural, dessa forma: Há uma criança aqui/ Há dez crianças aqui.

A primeira observação importante nos remete ao título deste texto, uma das atribuições da forma do verbo “haver” corresponde a tempo decorrido, sendo, para este uso, impessoal utilizado com o sentido de fazer e, por empregado, quando tratamos do passado, como no título: “Eu nasci há dez mil anos atrás”. Ou seja, faz dez mil anos que nasci.

Em um exemplo como o da música “Eu nasci há dez mil anos atrás”, emprega-se **há** e, ao final da sentença, a palavra atrás; de acordo com as regras gramaticais, não se emprega “há muitos anos atrás” uma vez que a frase soa como redundante, pois o verbo haver já está utilizado com o sentido de tempo decorrido.

Ao tratar do futuro, utiliza-se o artigo feminino singular: “Daqui a três semanas já estaremos em 2018”.

Uma dificuldade quanto ao uso do artigo ou do verbo deve-se ao início de sentenças. Para resolver esse problema, deve-se pensar no sentido da frase. Se quisermos iniciar ou mesmo dar sequência a uma sentença cuja palavra tenha função de verbo, no caso em questão, verbo haver, utilizaremos **há** ou suas variantes, a depender do tempo e pessoa verbal. Caso contrário, optaremos pelo artigo.

EU	HEI
TU	HAS
ELE	HÁ
NÓS	HAVEMOS
VÓS	HAVEIS
ELES	HÃO

Dúvidas do cotidiano

II: uso do apóstrofo em Língua Portuguesa

Em nosso dia a dia, tornou-se frequente a presença do apóstrofo (') muito utilizado na Língua Inglesa quando tratamos do caso possessivo, ex: John's car (O carro do John). Esta partícula pode aparecer também em nosso idioma, juntamente com caracteres como **d**, ou ainda **n**, por exemplo, em copo d'água, estrela d'alva, n'aquele dia.

Trata-se do uso da consoante seguida de um apóstrofo. Fazemos, em nosso idioma, o uso do apóstrofo para cindir graficamente uma aglutinação, junção, de vocábulos como em: d'Os Sertões, n'Os Sertões. Seu uso configura-se, no entanto, como facultativo, ou seja, não há obrigatoriedade. Dessa maneira, a aglutinação não impede que tais palavras possam aparecer separadas, sendo assim, pode-se dizer “dos Sertões” e “nos Sertões”, sendo esta uma opção do falante. Pode ser ainda utilizado ao se referir a palavras sagradas tais como Deus e Jesus. Como exemplo, pode-se citar: o milagre d'Ele, esperemos n'Aquele que é o filho...

Um uso muito comum do apóstrofo ocorre para assinalar a elisão da preposição **de** e da letra **e** em combinação com substantivos, como nas palavras: borda-d'água, cobra-d'água, copo-d'água, estrela-d'alva, galinha-d'água, mãe-d'água, pau-d'água, pau-d'alho.

Observamos também o emprego do apóstrofo nas formas **santo** e **santa** quando há omissão das vogais finais **o** e **a**: Sant'Ana, Sant'Iago. Importante salientar que esse uso diferencia-se do uso dessas mesmas palavras para tratar de uma única unidade de sentido, como em: Feira de Santana e Ilha de Santiago, nos quais não ocorre junção, mas sim um vocábulo único.

Em poesia, ocorre a supressão da vogal para que se alcance a exigência do número de sílabas poéticas, dessa maneira, observa-se minh'alma (minha alma), 'stamos (estamos). E, finalmente, para reproduzir certas pronúncias populares como “olh'ele aí” na obra de Guimarães Rosa. Finalizamos este texto com os versos deste gênio da poesia!

Todo caminho da gente é resvaloso.

Mas também, cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!...

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

Guimarães Rosa

Dúvidas do cotidiano II

Tendo em vista a importância da reforma ortográfica e da continuidade de exames de grande importância, como o Enem e os concursos públicos que virão, a disciplina Língua Portuguesa, sua modalidade escrita padrão, bem como a área de Linguagens e suas tecnologias nunca sairão de moda. Assim, em função da importância dos estudos dessa área, apresentamos dicas pontuais, mas não menos importantes, de português.

Há pessoas / Houve pessoas: verbo “haver” no sentido de “existir” não se flexiona no plural (Há/Houve indícios de crime no local).

Há / a = emprega-se “a” quando se referir a futuro (O evento começa daqui a pouco); emprega-se “há” quando houver referência ao passado (O evento ocorrido há dias foi muito bom).

Há dias / Dias atrás = usar um ou outro, mas nunca “há dias atrás”.

A distância / À distância ... = emprega-se “a distância”, sem crase, quando o espaço não for especificado (Faço um curso a distância); quando a distância for especificada, o “a” recebe crase (Vi o barco à distância de um quilômetro).

O **relógio bateu** cinco horas / **Bateram cinco horas** no relógio: o verbo “bater” concorda com o sujeito (relógio = sujeito simples; bateram = sujeito indeterminado).

“**A**” e “**à**” em horas e dias da semana = usa-se crase em horas e intervalo de horas (Chegarei às 19 horas / Das 14 horas às 16 horas) e quando se referir pontualmente a dias da semana (Às sextas, estudo de manhã), mas não nos intervalos da semana (De segunda a quinta, trabalho).

IMPORTANTE: Não existe “**Á**” com acento agudo empregado sozinho, como vemos em placas: “De segunda **á** quinta”.

Esse, essa, isso / este, esta, isto = pronomes com função anafórica, catafórica ou demonstrativa.

“Esse”, “essa”, “isso”, quando forem anafóricos (remetendo ao passado), retomam um elemento já citado (Há muita corrupção aqui. **Esse** costume vem dos colonizadores); quando forem demonstrativos, farão parte da esfera da pessoa com quem se fala: “Por favor, pegue esse copo perto de você e encha para mim”.

“Este”, “esta”, “isto”, quando catafóricos, remetem a um termo ainda não anunciado: “Os tipos de artigo são **estes**: definido e indefinido” / “**Este** projeto discute sobre a cultura brasileira”; quando forem demonstrativos, remeterão ao espaço da primeira pessoa: “Esta peça no mostruário é muito valiosa”.

A fim de / Afim = “afim” é adjetivo (Não festa só virão amigos afins); “a fim de” é locução prepositiva que indica finalidade (Estamos a fim de fazer amigos / Está na escola a fim de melhorar seu futuro).

A par = “ao par” não existe (Estava a par da situação).

À toa / À-toa = Advérbio à-toa (Andava à toa pelo parque); adjetivo à-toa (Era uma coisinha à-toa).

Beneficente = não existe o termo “beneficiente”.

Para eu fazer / Para que eu faça = ambas têm o mesmo sentido, sendo que o segundo caso é a forma desenvolvida e a primeira, a forma reduzida (Esta tarefa é para eu fazer / Esta tarefa é para que eu faça). Não usar “para mim”, quando o “mim” for sujeito, mas quando for objeto ou estiver no fim da oração (Esta tarefa é para mim); uso permitido quando diz respeito ao ponto de vista (Para mim, esta tarefa é possível).

Bem, mal / bom, mau = quando advérbios: “O trabalho foi bem feito / o trabalho foi mal feito; quando adjetivos: É um bom rapaz / É um mau rapaz.

A cerca / Acerca = a respeito de algo (Acerca desse assunto, não tenho opinião); aproximadamente (A cerca de um ano, participei da formatura).

Senão / Se não = caso contrário (É bom que chegue a tempo, senão perderá a prova); caso não (Se não houver ética, o país quebrará).

Aonde / Onde = “Aonde você vai?” implica movimento. “Onde você está?” implica lugar em que se está.

Deixaremos um pequeno Quiz no final deste texto para deleite de tod@s.

9 verdades e 1 mentira

1. O plural do pronome indefinido *qualquer* é *quaisquer*.
2. O alfabeto possui 26 letras.
3. *Porquanto* é uma conjunção explicativa.
4. *Exceção* e *Excesso*: as duas grafias estão corretas.
5. Não existe *rúbrica*, pois a palavra é paroxítona: *ruBRÍca*.
6. A palavra *hífen* tem acento, mas a palavra *hifens* não tem.
7. A grafia correta de *muçarela* é com -ç.
8. A separação silábica da palavra *abrupto* é *a-brup-to*.
9. *Estupro* e *estrupe*: ambas as palavras estão corretas, mas apresentam significados diferentes.
10. O pronome relativo *cujo* nunca vem acompanhado de artigo.

Mentira: 8. Prefixos terminados em -b e -d separam-se das outras sílabas = ab-rup-to; ad-vo-ga-do; ab-ro-ga-do

Natal, etimologia e tradição

Quando o Natal se aproxima, mesmo aqueles que não seguem uma religião cristã ou que não professam nenhuma fé não ficam ilesos de todos os sinais que a sociedade dá pela chegada desta data. As ruas ficam mais cheias, as lojas experimentam uma movimentação maior, é possível ver as cidades cheias de luzes e com um ar diferente, o clima torna-se festivo, como se todos estivessem a celebrar.

O Natal e seus símbolos estão presentes nas lojas, nas repartições públicas, nas músicas que ouvimos ao andar pelas ruas. A data traz consigo o espírito da solidariedade e fraternidade, é celebrada pelo comércio, como momento de aquecimento das vendas, setor que, por essa razão, investe pesado nas propagandas e na apresentação de seus produtos, com vistas a atrair clientes de todos os bolsos.

Mas, afinal o que significa o Natal? Quanto ao viés religioso, trata-se de uma comemoração cristã que celebra o nascimento de Jesus Cristo, a figura central do cristianismo. A data da celebração, 25 de dezembro, foi estipulada pela Igreja Católica no ano de 350 por meio do Papa Júlio I. Apesar da data celebrada, a Bíblia não diz nada sobre o dia exato do nascimento de Cristo, por essa razão, a data não fazia parte das tradições cristãs do início dos tempos. O Natal começou a ser celebrado em substituição à festa da Saturnália, uma festa pagã que acontecia entre os dias 17 e 25 de dezembro. De acordo com alguns historiadores, a comemoração do natal em substituição a essa celebração foi uma tentativa de facilitar a aceitação do cristianismo entre os povos pagãos. A história do Natal encontra-se descrita na Bíblia, nos evangelhos de Mateus e Lucas, segundo o qual Jesus nasceu em Belém, em um estábulo.

Ao se pensar na etimologia (ciência que estuda a origem e evolução das palavras) do ponto de vista da Língua Portuguesa, a palavra “natal” deriva de “nātālis”, que, do latim, é derivada do verbo *nāscor* (nāsceris, nāsci, nātus sum) que possui o sentido de nascer.

Da palavra “nātālis” vieram também “natale” em Italiano, “noël”, do Francês, “nadal”, do Catalão, “natal” do Castelhana, sendo substituída por “navidad” como nome do dia religioso. Já a palavra “Christmas”, do Inglês, evoluiu de “Christes maesse” (Christ’s mass) que significa “missa de Cristo”. Sendo assim, pode-se dizer que Natal é nascimento, definição certa e bem relacionada ao que a data realmente significa. Em hebraico, a palavra deriva de Yehoshua que significa “Jeová salva”.

Ao se buscar a palavra Cristo, figura central da festa Cristã, observamos que significa redentor ou messias. Derivada do latim “Christu”, oriunda do grego “Khristós”, que significa “ungido”, que deriva, por sua vez, do hebraico “Mashiach” que significa “Messias”. Nas liturgias, encontramos referências às palavras “messias” e “ungido”, como sinônimos do filho de Deus.

O Natal traz consigo alguns símbolos e costumes. Dentre os símbolos, podemos destacar a árvore e as velas e, como costume, temos a troca de presentes. A árvore de Natal é um dos símbolos mais populares, geralmente representada por um pinheiro. Muitas são as associações feitas com o símbolo da árvore, uma delas seria a de que o formato triangular da árvore representaria a Santíssima Trindade. O costume de enfeitar as árvores surgiu em Estrasburgo, no ano de 1539. Na América Latina, estima-se que apenas no século XX iniciou-se essa tradição.

Já as velas, assim como outras iluminações de natal, estão associadas à “luz do mundo”, representada pela figura de Jesus Cristo. No que se refere à troca de presentes, essa tradição originou-se da visita dos Reis Magos ao menino Jesus, que foi presenteado com Ouro, Incenso e Mirra e ainda a figura do Bispo Nicolau, que era conhecido por dar presentes às crianças. A troca de presentes é uma das tradições de natal mais antigas.



Réveillon, tempo de despertar para uma nova era

Na época do réveillon, muitos já organizam as listas do que pretendem fazer no ano novo, listas essas geralmente cheias de resoluções tais como: emagrecer, encontrar um novo trabalho, casar-se ou ainda iniciar um novo romance. Outros, no entanto, encontram-se ocupados com os preparativos da noite da virada. Em nossa cultura, essa noite especial que marca o início de um novo ano é também conhecida como *Réveillon*. Agregada a essa palavra, temos os ideais de festa, queima de fogos, alegria, esperança e fé.

A palavra *Réveillon* é um substantivo masculino, com origem no idioma Francês e, em nosso país, é utilizada, conforme descrevemos, para nomear a festa de passagem de ano. Quando utilizamos em nossa língua palavras de outras culturas, dizemos que são empréstimos linguísticos. Em português, há empréstimos de palavras de vários idiomas tais como “aterrissar” (do Francês), “sanduíche” (do Inglês), “whisky” (do Russo), “sushi” (do Japonês), entre outros.

Ao se buscar a etimologia (estudo da origem e evolução das palavras), do substantivo *réveillon*, descobre-se que é uma palavra oriunda do verbo *réveiller*, em Francês, que significa “acordar” ou “reanimar” (sentido figurado). A forma que utilizamos para nos referir à virada do ano, RÉVEILLON, aproxima-se da conjugação do verbo para a terceira pessoa do plural, que, em Francês, seria NOUS NOUS RÉVEILLON (nós nos despertamos/acordamos). Percebe-se assim que utilizamos uma forma próxima à primeira pessoa do plural, o que garante uma ideia de coletividade para o verbo, ou seja, nós, uma comunidade ou grupo de pessoas, nos despertamos/acordamos para algo novo.

Dessa maneira, o *réveillon* seria o acordar para um novo dia, ou melhor, um novo ano. Em latim, a palavra equivalente é VELARE, que significa “fazer vigília”, palavra essa muito utilizada em nossos dias para uma noite de oração que antecipa as festas de celebração religiosa, como a Páscoa e o Natal.

A palavra vem do verbo VIGILARE, equivalente a “velar, cuidar, não dormir”. Outra palavra originada deste verbo é a palavra vela. O verbo VIGILARE, por sua vez, veio de uma raiz do sânscrito *vag’ayami* que quer dizer “tornar alerta ou alegre”. Ao se fazer esse percurso, percebe-se como a palavra possui, agregada à sua significação etimológica, uma conotação positiva, ligada ao despertar para uma nova era com todas as possibilidades, assim como acontece em todas as manhãs.

De acordo com estudiosos, a palavra *réveillon* era utilizada, inicialmente, para descrever um tipo de refeição leve, geralmente tomada à noite, com o intuito de que as pessoas não dormissem, ou seja, que velassem à espera do novo dia, momento em que alguma celebração importante iria acontecer. Com o passar dos anos, a palavra passou a ser empregada para qualificar a ceia de Natal. Foi apenas por volta do século XX que o termo *Réveillon* passou a ser utilizado para se referir às celebrações de Ano Novo.

Conta a história que, em Roma, na época de Augusto, instituíram-se guardas, os *vigili* (vigias) que eram designados para manter a segurança dos cidadãos durante a noite e ainda para combater os incêndios, que podiam, naquele tempo, tomar dimensões desastrosas. A palavra ainda hoje é utilizada para designar os bombeiros italianos, denominados “*vigili del fuoco*” (vigias do fogo).

Ainda da mesma raiz etimológica, temos a palavra VEDETE, que nos dias atuais tem o significado de “pessoa que gosta de ficar em evidência, nos holofotes”; nos tempos antigos, a palavra era aplicada a mulheres que se apresentavam em *shows* e que, por consequência disso, eram muito vistas e destacadas.

No que se refere à ortografia da palavra, muitas pessoas têm dúvidas e, por essa razão, é comum nos depararmos com as formas REVEILLON, RÉVEILLON e ainda REVEILLÓN, sendo a forma correta RÉVEILLON, com acento na primeira sílaba.



Meses do ano: etimologia e história

Em todo início de ano, as pessoas encontram-se esperançosas de que no decorrer dos próximos 12 meses o tempo será favorável e a boa sorte contribuirá para a realização de seus anseios.

Para alguns, o ano tem início com as atividades escolares, que movimentam o comércio e deixam as ruas tumultuadas e barulhentas; para outros, o fim das festividades de carnaval marca o início do ano, pois, há quem diga, “o ano só começa após o carnaval”. Seja como for, muitas vezes nos perguntamos como se estabeleceu a divisão de nosso calendário, como se chegou a doze meses e, ainda, o porquê da nomenclatura desses meses.

De acordo com fontes históricas, a divisão dos dias em meses teve início na Roma Antiga, alguns séculos antes da Era Cristã. Neste primeiro calendário, estabelecido por volta do século VII a.C., o ano possuía 304 dias e encontrava-se dividido em dez meses, sendo que a contagem iniciava-se em março e terminava em dezembro. Sendo assim, os últimos quatro meses, setembro, outubro, novembro e dezembro que nos remetem aos números sete, oito, nove e dez, respectivamente, estariam fixados nas posições sete a dez do calendário.

O problema é que este sistema de dez meses possuía defasagem, uma vez que o ano solar possui 365,25 dias, o que proporcionava um atraso de 51 dias em relação ao início das estações. Para sanar o problema, ainda no século VII, o Imperador Numa Pompílio criou mais dois meses, janeiro e fevereiro, realocados no início e, dessa maneira, o ano passou a ter 364 dias. Foi somente com o Imperador Júlio César (100-44 a.C.) que se introduziu, em 46 a.C., o ano de 365 dias, baseado no modelo egípcio, sem a alteração dos nomes dos meses.

Ao se buscar o significado etimológico para o nome de cada um dos meses do ano, descobrimos que os seis primeiros meses fazem referência a divindades antigas, sendo assim, janeiro homenageia o deus Jano, que possuía duas faces, sendo

uma voltada para frente e outra para trás – relação feliz uma vez que o mês que marca o início do ano é também o mês em que as pessoas fazem um balanço daquilo que ficou para trás. Protetor das entradas e saídas, esse deus era considerado o deus dos princípios.

Fevereiro faz referência a um festival celebrado em Roma chamado Februália, purificação, ocasião em que, para acalmar os mortos, eram-lhes oferecidos sacrifícios. Março é o mês dedicado ao deus da guerra, Marte. Em homenagem à divindade, na época Romana, escudos sagrados eram levados em torno da cidade.

O mês de abril possui duas possibilidades para sua nomenclatura, a primeira delas seria uma homenagem à Afrodite, deusa do amor, a quem o mês é consagrado, outra hipótese seria uma derivação da palavra latina *aperire*, uma referência à abertura das flores, uma vez que neste mês é primavera no hemisfério norte.

Maio, por sua vez, faz referência à deusa responsável pelo crescimento das plantas, sendo ainda mãe do deus Mercúrio. Nessa época do ano, a divindade era celebrada. Ainda hoje o mês é celebrado como mês das mães.

Junho homenageia Juno, considerada a protetora das esposas legítimas e das mulheres. O mês que segue era conhecido como Quintilis, por ser o quinto mês do ano, no entanto, foi rebatizado em homenagem ao imperador Júlio César, no ano de 44 a.C.

Agosto também teve seu nome modificado, inicialmente o mês era Sextilis, a modificação foi uma homenagem ao imperador César Augusto, responsável pela estruturação do governo e pela expansão do império Romano.

Os meses seguintes fazem referência a sua antiga posição na ordem do ano, assim, setembro é oriundo do latim *septem* ou *sete*, outubro também vem do idioma latino, *octo* ou *oito*, novembro, *novem* e dezembro, *decem* ou *dez*. Verifica-se, assim, que os seis primeiros meses de nosso calendário homenageiam deuses e personalidades romanas e os seguintes encontram-se nomeados de acordo com sua antiga ordem numérica. Por fim, segue uma dica prática: os meses do ano são grafados sempre com inicial minúscula, assim: Divinópolis, 03 de **janeiro** de 2017.

O Ano Novo ainda não tem
pecado: é tão criança... Vamos
embalá-lo... Vamos todos
cantar juntos a seu berço
de mãos dadas a canção da
eterna esperança.

Mario Quintana

Preconceito em campanha do Governo: mau gosto e generalizações

Em 2017, acompanhamos pelas redes sociais a grande repercussão causada pela propaganda do Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil. Ao que parece, tinha como objetivo alertar a população a respeito dos riscos de não se respeitar as leis de trânsito. Muitos ativistas acusaram a publicidade de propagar o preconceito, devido à associação entre possibilidade de assassinato e as figuras da mulher e do negro. A campanha publicitária consistia em um texto verbal, pequeno, de apenas três linhas e de uma imagem. Foram divulgados dois cartazes distintos com a seguinte informação: “Gente boa também mata”. Um dos cartazes apresentava a fotografia de um jovem negro, que representava aparentemente um estudante. Na imagem, o jovem aparece carregando livros e, no texto, aparece uma frase que remete a essa possibilidade. A primeira frase, maior e que chega a cobrir parte da imagem diz: “O melhor aluno da sala pode matar”, em seguida outra frase, em letras menores e, em cor diferente da primeira sentença, afirma: “Querer chegar um pouco antes pode pôr tudo a perder” e, finalmente, “Gente boa, também mata, obedeça os limites de velocidade”.

O problema da campanha não é a mensagem a respeito da necessidade dos limites de velocidade, mas a associação de um jovem negro em um país onde se tenta a todo custo maquiagem um racismo institucional. Por meio de propagandas desse tipo, acaba-se por pintar o jovem negro como irresponsável. Note-se que a afirmação “pode matar” aparece em duas das três sentenças que acompanham a imagem. Observa-se ainda, ao analisar as sentenças, que todas elas são depreciativas, ou seja, apresentam somente mensagens negativas e que desqualificam a imagem que as acompanha.

O outro cartaz veiculado pela campanha apresentava a fotografia de uma mulher abraçada a um cão, em letras grandes, junto à fotografia, o seguinte texto: “Quem resgata animais na rua pode matar”. Abaixo dessa sentença, em letras menores,

aparecem os seguintes enunciados: “Não use o celular ao volante”, “Gente boa também mata”. Mais uma vez, observa-se a infelicidade de associar a figura feminina, vítima constante de violência, como a ocorrida na noite de *réveillon* em Campinas, interior de São Paulo, quando 11 pessoas das quais 9 eram mulheres, foram vítimas de uma chacina. Nota-se que neste cartaz, mais uma vez, as mensagens são de caráter depreciativo, senão um mau gosto sem precedentes em campanhas de Governo. Os publicitários não compreenderam que a generalização em torno daqueles que também podem matar podia ser estendida a qualquer pessoa, em qualquer situação, por isso fica a pergunta: por que sugerir que uma mulher protetora de animais e um jovem negro estudante também são capazes de fazer atrocidades? Juízes, políticos, executivos ou qualquer outro ser humano não são vulneráveis a provocar essas tragédias?

À primeira vista, a campanha pode soar como normal, pois ocorre a veiculação das imagens, um jovem negro e uma mulher, que, ao se apresentarem ao lado de um enunciado qualificando-os como possíveis assassinos, traz à tona um problema que há muito se tem tentado combater em nosso país: a questão do preconceito e desrespeito às minorias. A imagem, quando associada a um enunciado, complementa sua significação, afirmando ou refutando o que se encontra expresso por meio das sentenças. As charges e os quadrinhos de humor, geralmente, possuem a função de refutar o que está expresso no enunciado para, dessa forma, produzir o efeito de comicidade a partir do que está mais ou menos implícito na verbovisualidade. Na propaganda e em campanhas de conscientização, no entanto, as imagens servem para exemplificar o discurso, assim, aqueles que passam os olhos rapidamente por esses textos, conseguem compreendê-los devido ao uso das imagens. Basta pensar nas imagens que acompanham as campanhas antifumo ou, ainda, nas fotografias que estampam os pacotes de cigarro. Elas mostram pessoas doentes por consequência do uso do fumo, com o intuito de conscientizar a respeito do perigo do consumo do cigarro devido às diversas substâncias prejudiciais à saúde que contém.

Por essa razão, a campanha do Governo Federal é tão cruel, ao associar a figura da mulher e do jovem negro com dizeres que qualificam pessoas comuns (no caso os que se apresentam na fotografia) como assassinos em potencial, que a propaganda acaba por reforçar o preconceito existente na sociedade. Confirma-se, nessa infelicidade publicitária da equipe do Governo, a ideia retrógrada de muitos que tais minorias representam uma ameaça à ordem, razão pela qual, em virtude da repercussão negativa nas mídias, a propaganda saiu de circulação. Ainda bem, não?



O MELHOR ALUNO DA SALA PODE MATAR

Querer chegar um pouco antes pode pôr tudo a perder.

GENTE BOA TAMBÉM MATA. OBEDEÇA OS LIMITES DE VELOCIDADE.



MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES, PORTOS E AVIAÇÃO



QUEM RESGATA ANIMAIS NA RUA PODE MATAR

NÃO USE O CELULAR AO VOLANTE.
GENTE BOA TAMBÉM MATA.

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES, PORTOS E AVIAÇÃO

Plurissignificação e conotação: metáforas do texto verbovisual

Uma imagem vale por mil palavras. Todos sabemos que as fotografias selecionadas para a edição de um jornal são escolhidas a dedo. Certamente, uma imagem, como a da recepção do recém-presidente norte-americano, Donald Trump, e de sua esposa, Melania Trump, por Michelle Obama e Barack Obama, possui sentidos metafóricos e múltiplos, daí a plurissignificação.

Inicialmente, ao nos deparar com um fotograma de cunho artístico (sim, a imagem do jornal não é pura denotação ou utilidade, mas um jogo de sentidos!), seja em qualquer veículo de informação ou contexto cultural (revistas, telejornais, anúncios, propagandas, campanhas governamentais), damos conta de que a imagem representa o mundo não somente pela via analógica ou metafórica, mas nos conta uma historiazinha, a partir de uma forma de expressão passível de análise e até mesmo de decomposição.

No todo, a imagem da recepção de Trump contém sete sujeitos: quatro pessoas públicas do cenário norte-americano (primeiro plano) e três oficiais (segundo plano), dos quais dois estão fazendo o gesto de continência e um terceiro, mais ao fundo, em desfoque (podemos chamar de terceiro plano) está parado, olhando para a direita. Para que a imagem seja realista, as projeções de espaço, tempo e de pessoas estão nela marcadas para assim fazer uma reprodução analógica da realidade. Essas pessoas são contextualizadas quando qualificadas como presidentes e primeiras-damas sorridentes e receptivos e como oficiais cumprindo o dever. Enquanto os sujeitos públicos acenam para uma plateia, implicada à direita da imagem, os oficiais cumprem o dever de se manter em continência.

A análise pode ir além dessas constatações? Sim. Um dos componentes da imagem tem **caráter topológico** (*topos* = lugar), pois define o sentido da posição dos elementos visuais. Além da relação primeiro plano vs. segundo plano vs. terceiro plano,

tem-se a relação de esquerda vs. direita vs. centro, em que os casais estão intercalados. O casal Obama está disposto à margem (periferia) da fotografia, nos cantos, cujo sentido conotado indica estarem saindo da Casa Branca (fora do centro de atenções), até mesmo pelo tchau de Obama. O casal Trump encontra-se no centro e intercalados, no entanto, mais centralizado ainda está o novo presidente, alvo dos holofotes e das críticas, no início do seu mandato, pois deve corresponder às expectativas típicas de um novo governante.

No segundo plano, os oficiais fazem continência, mas o fazem quase que sobrepostos ao casal Obama, de forma que podemos enxergar como as conotações (os implícitos) ajudam na produção da plurissignificação. O gesto dos oficiais está alinhado à direção do casal Obama (interessante, pois a condecoração dourada do oficial parece estar no peito de Obama), enquanto, mais ao fundo, um oficial olha para direita, sem bater continência, ou seja, atento aos próximos passos de Trump ou, ao mesmo tempo, o protegendo, pois está alinhado ao seu ombro direito, de maneira que fique entre o casal Trump.

Da mesma forma, a **cor (caráter cromático)** também é uma categoria importante da imagem. Trump está de gravata vermelha e Obama, de gravata azul, ambos com camisas brancas. As damas também estão combinando, de vermelho (Michelle) e de azul (Melania), cujo sentido global representa as cores da bandeira norte-americana. O jogo de luz da parte externa também marca o casal Obama, enquanto o escuro do fundo da porta de entrada marca o casal Trump.

Caráter Topológico	Primeiro plano	Segundo plano	Terceiro plano
Caráter Cromático	Colorido	Preto e branco	Luz e sombra
Tempo Espaço e Sujeitos	Presidentes e esposas, tempo aberto, luz	Oficiais em continência, luz	Oficial a postos, sombra
Plurissentidos	Receptivos, felizes, acenantes	Gesto casal Obama / condecoração	Gesto casal Trump / zeloso e crítico

Esses sentidos, ora implícitos, ora explícitos, ajudam a entender, por vezes, o direcionamento editorial do jornal, ou seja, as formas de marcar as figuras que considera importantes e de oferecer direcionamento para que o leitor tire suas conclusões a partir de um historiazinha que a própria imagem conta, a partir do contexto: de que o casal Obama sai congratulado pelo público e pela continência dos oficiais e de que o casal Trump encontra-se em vias de aprovação social, uma vez que o oficial ao fundo e no centro representa essa opinião, cuja sombra da porta de entrada marca a incerteza da nova presidência.



O presidente Barack Obama e a primeira-dama Michelle recebem Trump e Melania na Casa Branca

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 20/01/2017

<http://aovivo.folha.uol.com.br/2017/01/20/5145-aovivo.shtml#post353029>

Plágio: preguiça de referenciar ou falta de caráter?

O acesso à informação ressignificou algumas práticas que permeiam o mundo acadêmico, das produções artísticas e culturais em geral e, sobretudo, da escrita. Seja no ensino básico, seja no ensino superior, professores e orientadores de trabalhos acadêmicos e escolares não cansam de repetir algo parecido com: “Não podem copiar trechos e trabalhos da internet sem a devida menção ao autor e à obra consultada!” ou “Não façam sem consultar a ABNT!”.

Em um contexto próximo (de duas décadas atrás, quando computadores e internet eram uma realidade indisponível no Brasil), lembramos que a biblioteca pública era o local favorito de consulta bibliográfica. As fontes disponíveis eram, no geral, livros, enciclopédias, jornais e revistas, tudo no velho formato impresso – sim, era preciso ligar na biblioteca, verificar os horários de funcionamento, ir até o local e pedir pelas obras necessárias para produção do trabalho (e durante a consulta só podíamos usar lápis).

No Brasil, a partir do início deste século, já é possível consultar documentos *online*, por meio da rede mundial de computadores, que, via motores de busca, como Yahoo, Google, entre outros, indexa conteúdos de *websites* e permite uma busca simples, por meio de palavras-chave. Como *websites* possuem conteúdos visualizados no suporte “tela do computador”, é possível consultar, além de textos (artigos, teses, livros, etc.), conteúdos em formato audiovisual. Tudo isso seria muito produtivo para as produções do conhecimento se a busca por “trabalhos prontos” não fosse uma realidade.

Como a “terceirização” de textos acadêmicos, infelizmente, é uma realidade, *websites* como “Trabalhos feitos” estão entre os mais procurados para *download* de atividades acadêmicas prontas. Na mesma direção das facilidades da edição de textos (Word for Windows, Libre office, Latex, editores pdf), as plataformas cooperativas

Wiki (<https://www.wikipedia.org/>) permitem uma busca rápida por um verbete que nos falta, no entanto, muitos as usam como fonte de consulta confiável (à maneira de uma enciclopédia), tendo em vista que podem ser editadas por qualquer internauta colaborador e sem a devida apreciação de um parecerista. *Websites* como Scribd, Slideshare, *blogs* de livros digitalizados, entre outros, vão além da proliferação de trabalhos feitos e de fontes não confiáveis, pois divulgam materiais impressos digitalizados. A grande maioria configura-se como plágio, pois são livros distribuídos digitalmente, sem a permissão dos autores.

Como a ideia de *copyright* (direitos autorais) garante ao criador do trabalho original o controle sobre uso e distribuição de suas obras, cada país possui uma legislação específica. No Brasil, temos o artigo 184 – “Violar direitos de autor e os que lhe são conexos” (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.695.htm), que trata sobre direitos do autor e pirataria, entre outras normas: “Artigo § 1º. Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, [...] sem autorização expressa do autor [...]: Pena – reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa”.

Além da legislação, existem as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Com respeito à referência e à citação de obras consultadas, a NBR 6023 (<http://www.usjt.br/arq.urb/arquivos/abntnbr6023.pdf>) e a NBR 10520 (<http://www.bu.ufsc.br/design/Citacao1.htm>) normatizam as formas de referenciar o trabalho alheio de maneira a não ferir os direitos autorais. Assim, no universo acadêmico, essas são consultas obrigatórias. Em outra direção, pessoas do cenário político (para confirmar o estereótipo que nos incomoda), como o ex-ministro da justiça, Alexandre de Moraes, de acordo com a *Folha de S. Paulo*, se valem do conteúdo alheio para angariar fama na produção de livros e teses. Deixamos a dica para a consulta do *link* (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/02/1857103-obra-de-alexandre-de-moraes-tem-trechos-copiados-de-livro-espanhol.shtml>) da *Folha*. O artigo assinado por Fábio Victor, Thais Bilenky e Diogo Bercito traz detalhes sobre trechos que o ex-ministro copiou integralmente do livro de um importante jurista espanhol.

Trechos em português: “Direitos Humanos Fundamentais”, de Alexandre de Moraes (1ª edição publicada em 1997), trechos reproduzidos da 11ª edição, de 2016

Trechos em espanhol: “Derechos Fundamentales e Principios Constitucionales”, Francisco Rubio Llorente, trechos retirados da edição publicada em 1995

1

a dignidade da pessoa humana. a dignidade é um valor espiritual e moral inerente à pessoa, que se manifesta singularmente na autodeterminação consciente e responsável da própria vida e que traz consigo a pretensão ao respeito por parte das demais pessoas, constituindo-se um mínimo invulnerável que todo estatuto jurídico deve assegurar, de modo que, somente excepcionalmente, possam ser feitas limitações ao exercício dos direitos fundamentais, mas sempre sem menosprezar a necessária

— «[...] la dignidad es un valor espiritual y moral inherente a la persona, que se manifiesta singularmente en la autodeterminación consciente y responsable de la propia vida y que lleva consigo la pretensión al respeto por parte de los demás» (STC 53/1985, FJ 8.º).

de una pena privativa de libertad [...]—, constituyendo, en consecuencia, un *minimum* invulnerable que todo estatuto jurídico debe asegurar, de modo que, sean unas u otras las limitaciones que se impongan en el disfrute de derechos indi-

Portanto, fica a dica. Ao escrever produções acadêmicas ou profissionais, sempre cite a fonte consultada ou tenha caráter para assumir quando fizer uso de uma produção intelectual que não lhe pertence, não é, ex-ministro?

Marchinhas de carnaval: duplicidade de sentido para a construção do humor

As marchinhas de carnaval consagradas, como “Olha a cabeleira do Zezé, será que ele é, será que ele é...” e ainda “A pipa do vovô não sobe mais...”, são tocadas na televisão e nas ruas quando o carnaval se aproxima. Responsáveis pela diversão popular e, aparentemente, descompromissadas com as questões de ordem político-social, as letras dessas canções, de caráter inocente, ao que tudo indica, são povoadas de duplicidade de sentido, que faz com que se tornem ricas em significação.

Todos os anos, novas marchinhas são criadas com o intuito de garantir a alegria do período carnavalesco. Interessante salientar que, assim como os textos escritos em editoriais dos jornais, ou ainda as charges de cunho político e social, algumas marchinhas tratam das situações do cotidiano, usando, para tanto, uma linguagem de fácil entendimento e povoada de mensagens que, para serem entendidas, requerem conhecimento de mundo.

As marchinhas que tratam de situações do momento em que foram escritas tendem a se perder com o passar dos carnavais devido ao seu caráter cronológico (estão atreladas às situações e aos períodos em que foram criadas), outras que apresentam fatos universais, como as citadas acima, perduram por anos, visto que sua crítica é social.

Apresentamos a letra de uma marchinha criada para o carnaval de 2017. A música “Solta o cano”, de Vitor Velloso e Marcos Frederico, apresenta uma crítica à atual situação política vivida pelo país. A letra, composta por apenas uma estrofe e o refrão, facilita a memorização que, aliada à repetição constante do refrão (“solta o cano que não cai”) garante que a mensagem chegue ao ouvinte.

O primeiro contato com a música faz com que se imagine uma situação de vazamento de água, uma vez que são apresentadas as palavras “cano” e “vazamento”, que remetem a esse tipo de situação. No entanto, com o desenrolar da música e com o aparecimento do refrão que, devido à musicalidade, faz com que a sentença que dá título à canção (“solta o cano”), associada ao complemento da frase (“que não cai”) seja pronunciada como “Só o tucano que não cai” e ainda “só o tucano que tá tranquilão”, percebe-se que a canção apresenta um posicionamento político frente aos acontecimentos nacionais. Para esse entendimento, no entanto, faz-se necessário que o ouvinte associe a palavra “tucano” ao partido político PSDB, uma vez que o animal é o símbolo do partido, e ainda consiga relacionar esse partido às questões de delações e escândalos que atualmente têm povoado o cenário político nacional.

Pode-se ainda confirmar essa intenção por parte dos autores ao se acessar o videoclipe da canção que apresenta imagens de um tucano e, posteriormente, imagens de políticos pertencentes ao partido da social democracia brasileira PSDB (Geraldo Alckmin e José Serra). Há também imagens da represa de Furnas, que une os dois campos de significação (vazamento de água, pois se trata de uma represa e, ainda, a questão política, já que a usina foi protagonista em um escândalo de desvio de verbas).

A partir do momento em que se decifra essa outra significação da letra, são associados à canção, agora posicionada no campo semântico do cenário político, as palavras 1) “vazamento”, que adquire a conotação de vazamento de informação, e não mais de água como na primeira leitura; 2) “a casa cai”, referente aos acordos feitos entre os políticos e que não podem ser descobertos sob pena de punição; 3) “pressão”, referente ao momento de delações premiadas vivido pelos políticos indiciados nas diversas CPIs.

Ao se decifrar essa nova significação, fica evidente que a canção foi criada com um intuito que vai além do mero divertimento do ouvinte no período carnavalesco, pois também se apresenta como um protesto e um posicionamento por parte de seus autores frente à atual situação da política nacional.

SOLTA O CANO

Orquestra Royal

Vitor Velloso e Marcos Frederico

Mais um dia mais um vazamento

Segura o cano ou a casa cai

O furico tá na mão

E já não aguento

A pressão está demais!

Eu já rezei pedi pra Cristo

E finalmente achei a solução

Eu arrumei o meu registro

Agora a casa não cai mais não

Solta o cano que não cai

Solta o cano que não cai

Meu irmão

Já vai baixar a pressão

Solta o cano que tá tranquilão

Hits de carnaval de 1988 a 2018: da criatividade à banalidade

Lá se vão 30 e poucos anos desde os *hits* que embalaram o carnaval e o verão dos anos 80 (os trintões e quarentões de hoje se lembram bem). Uma vez, em 1988, um de nós, autores deste *e-book*, estava em um parque de diversões. Ao fundo, ouvia-se o povo gritar: “Por que parou? Parou por quê? Por que parou? Parou por quê?”. Era um dos *hits* do verão daquele ano, cantado por Moraes Moreira, que assim continuava: “Parei porque vi violência/ Parei porque vi confusão/ Se a gente tomar providência/ Desarma a polícia e o ladrão”. Nas músicas, era comum estar presente uma narrativa, por menor que fosse.

Um dos *hits* dos anos de 1996, “Mila”, do cantor Netinho, assim dizia: “Oh, Milla, mil e uma noites de amor com você / Na praia, num barco, num farol apagado / Num moinho abandonado / Em mar grande, alto astral...”. Basta essa parte do refrão para entender do que se trata: letras simples, um amor que se foi ou que virá, rimas eventuais, registro adequado do português, o eu-lírico que assume a culpa, etc. Além disso, não havia censura declarada contra músicas que traziam trechos hoje considerados polêmicos, como: “danada, ordinária” (É o tchan), “gay também é gente” (Mamonas assassinas), “olha a nega do cabelo duro” (Luiz Caldas).

A partir de 1996, com o sucesso das músicas “Segure o tchan” e “Dança do bumbum”, do grupo *É o tchan* (antigo *Gera samba*), a importância da estória da canção diminui, à medida que aumenta o desejo dos foliões de realizar uma coreografia em grupo (igual à da tevê ou do clipe que passava na antiga MTV), à moda da banda do momento. “Pau que nasce torto nunca se endireita”/ “Pega ela no meio, mete em cima, mete embaixo / depois de nove meses você vê o resultado” são trechos da música “Segure o tchan”. A história é simplificada, com o objetivo de produzir um refrão-chiclete, por meio de conteúdos que tendem a ser mais apelativos e que passam a moral da história no próprio refrão (segure o tchan (ímpeto), senão, verá o resultado). Nem todas as músicas tendiam à banalidade, como fazia a Banda Eva, com “Alô

paixão”, ou a Banda cheiro de amor, com “Vai sacudir, vai abalar”, ambas com ritmo bem marcado por batiques e teclados, vozes afinadas, letra romântica (sim, esse foi um momento nostalgia!).

De acordo com a relação de *hits* no site BuzzFeed (https://www.buzzfeed.com/victornascimento/30-anos-de-axe-em-30-hits-classicos?utm_term=.vekMAd1vV#.ynwnqjQ1Y), o estilo Axé Music reina desde 1985. Luiz Caldas, Moraes Moreira, Margareth Menezes, Sarajane, Olodum, Banda Beijo, Banda Mel, Chiclete com Banana, Asa de Águia, Daniela Mercury, Cheiro de amor, Timbalada, Araketu, entre outros, são nomes citados até hoje. Em suas músicas, além da melodia, importava contar uma história e elaborar rimas que tratassem da euforia ou do sofrimento do eu-lírico.

A partir de 2000 (época de maior controle tecnológico, em que o “politicamente correto” chega a encher o saco), a banalidade ganhou destaque. Quanto mais “perigosas”, simples e diretas as letras, mais atenção atraem da massa, que sempre está disposta a cantar aquele *hit* descolado, ser ousada e colocá-lo em som alto no seu estéreo. À maneira do sertanejo universitário (que perdura por longos 15 anos nas paradas), os novos *hits* passam a negar aquela estorinha básica, de forma a repetir gritos ou sílabas que produzem certa melodia irritante e um ritmo contagiante (“vem neném neném vem neném”, “rá rá rá rá rá lepo lepo”, “as que comandam vão no tra tra tra tra”). Outras, simplesmente, investem na construção do eu-lírico “malandrão”, aquele sujeito que não está nem aí com o outro. Sua intenção é atrair alguém que se submeta (que aceite ser denegrado) ou que não queira compromisso. Sua motivação: oferecer parte de seu ego inflado, de sua “marra” ou de seu corpo a outro como objeto. Sim, falamos de um dos *hits* do carnaval deste ano: “Deu onda”, de MC G15. Como a estratégia do músico foi a de chamar atenção, com o refrão “Meu pinto te ama”, a música fez sucesso inicialmente pela letra polêmica. Após conseguir visibilidade, a música ganhou uma versão *light*, em que o refrão é substituído por “O pai te ama”.

Após esse breve percurso dos anos 80 até 2018, percebe-se que a função mais estética dos *hits* de verão vem sendo trocada por canções apelativas, que chamam a atenção pelo palavreado censurado de seu conteúdo. Até quando veremos isso? A única certeza é que não se sabe.

DEU ONDA (VERSÃO LIGHT)

MC G15

Eu preciso te ter
Meu fechamento é você, moção

Eu não preciso mais beber
E nem fumar maconha
Que a sua presença me deu onda

O seu sorriso me dá onda
Você sentando, moção, me deu onda

Que vontade de te ter, garota
Eu gosto de você, fazer o quê?
O pai te ama

Que vontade de te ter, garota
Eu gosto de você, fazer o quê?

O pai te ama, é
O pai te ama
O pai te ama, é
O pai te ama

08 de março, dia da mulher, análise de discurso preconceituoso e misógino

No dia 08 de março, comemora-se o dia internacional da mulher. Durante toda a trajetória da história das mulheres em nosso país, é possível presenciar a busca pela igualdade, já alcançada em alguns países enquanto em outros ainda se discute se a mulher realmente seria um ser humano, visto que ainda é permitido aos pais e maridos torturas e castigos físicos, pasmem!

O dia 8 de março sempre foi marcado por comemorações e discursos de autoridades, visando exaltar a importância do papel feminino em nossa sociedade. Como professores de Língua Portuguesa, cabe-nos analisar algumas falas.

Um pronunciamento nada auspicioso foi o do presidente Michel Temer. De acordo com informações do jornal *Folha de S. Paulo*, em ocasião do dia internacional da mulher, o presidente discursou em um evento em Brasília afirmando que tem “absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado de Marcela [sua mulher], do quanto a mulher faz pela casa, pelo lar. Do que faz pelos filhos. E, se a sociedade de alguma maneira vai bem e os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada formação em suas casas e, seguramente, isso quem faz não é o homem, é a mulher”.

Ao dizer que apenas a mulher é responsável pela formação familiar, o presidente deposita nas costas da mãe toda a tarefa de formar, palavra por ele utilizada em seu discurso e que agrega um valor moral imenso, pois remete à finalização de um projeto, neste caso, um ser humano.

Acreditamos que essa tarefa não cabe apenas à mãe e ao pai, mas sim a toda uma sociedade por meio dos mais variados institutos pelos quais um indivíduo irá passar durante sua trajetória: escolas, igrejas, associações, dentre outros. Dizer que compete à mulher e apenas a ela a tarefa de formação do cidadão é jogar um fardo impossível de se carregar nas costas da mãe. Além disso, subentende-se que se a família vai mal, ou se um ser humano é ruim, tudo se deve ao fato de, como diz o ditado popular, este sujeito “não ter mãe”. Observa-se neste pequeno trecho o machismo e patriarcalismo na fala presidencial. Se a mulher forma o ser humano, qual seria então, o papel do homem?

O presidente destacou ainda que a mulher participa da economia, uma vez que ninguém mais é capaz de indicar os desajustes melhor do que ela. Em suas palavras, “ninguém é capaz de melhor identificar eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor”. Ora, existe algum pré-requisito de gênero para que se possa realizar o orçamento doméstico? Homens não podem calcular o preço dos alimentos e produtos utilizados no lar?

Ainda de acordo com o então presidente Temer, além de cuidar dos afazeres domésticos, as mulheres têm cada vez mais chances de entrar no mercado de trabalho.

Segundo a *Folha*, em nosso país, as mulheres que ocupam os mesmos cargos que os homens possuem salários diferenciados em algumas funções. Ou seja, as chances podem e devem existir, mas a equiparação salarial ainda é uma quimera.

Para finalizar o discurso, o presidente salientou que “homens e mulheres são igualmente empregados. Com algumas restrições”. Restrições essas que ocorrem no atual governo do país onde, dos 28 Ministérios, apenas dois são ocupados por mulheres, sendo eles o da Advocacia-Geral da União e o do Direitos Humanos.

Por meio dessa observação, fica-nos claro que o discurso do presidente é coerente aos seus atos, uma vez que mulheres em seu governo participam apenas em caráter de excepcionalidade, pois os representantes são figuras masculinas de uma elite nada diversificada. Outra observação importante a se fazer é que, em um dia dedicado às mulheres, a fala da primeira-dama Marcela Temer foi encoberta pelo discurso do marido, permeado, conforme analisamos, de um pensamento retrógrado e nada consoante com uma sociedade que busca a igualdade de gênero.

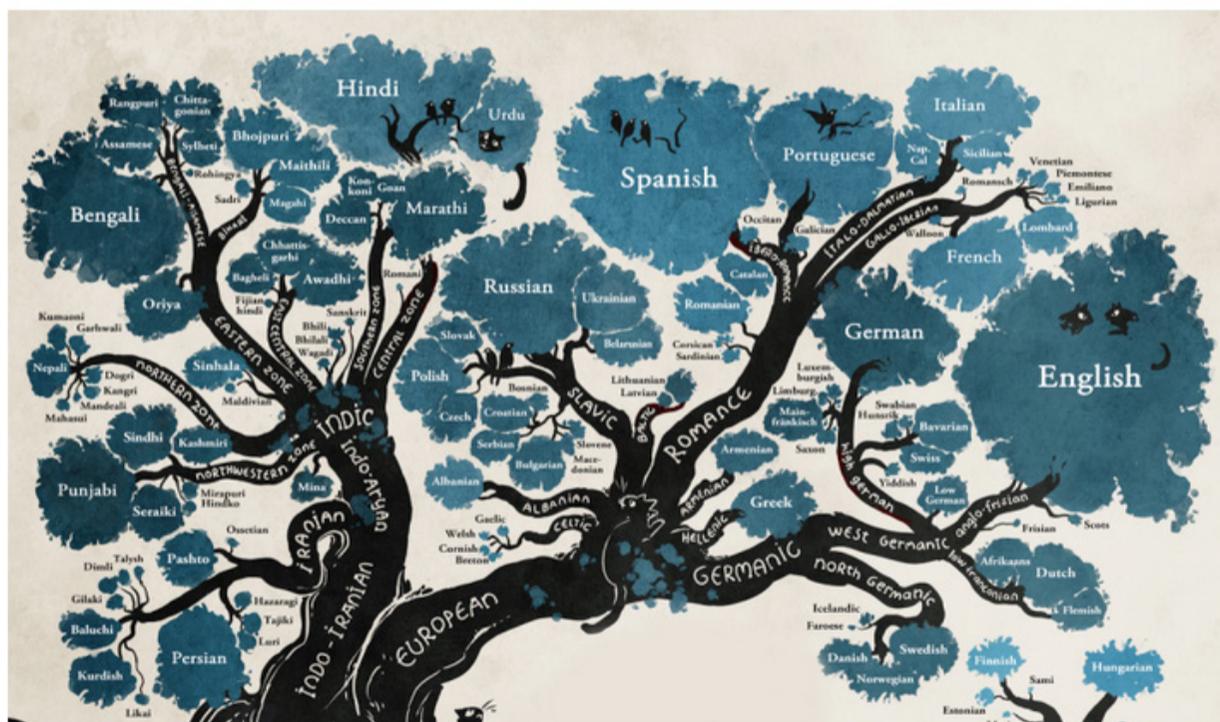
Ouvir semelhante discurso oriundo de um representante do executivo serve para nos mostrar como o machismo encontra-se presente nas mais diferentes esferas sociais, não sendo fruto apenas de uma parcela não elitizada ou pouco escolarizada. Tal fato serve também para mostrar a importância da conscientização e participação de todas as esferas sociais na luta por uma sociedade igualitária na qual homens e mulheres sejam sujeitos responsáveis pelos seus filhos e por toda a sociedade. É importante ficar claro que as mulheres em nosso país podem muito, podem inclusive se tornar presidentes, eleitas por meio do voto popular. Ainda há muito que se fazer, mas, de acordo com Milton Nascimento “é preciso ter raça, é preciso ter sonho sempre, quem traz na pele essa marca, possui uma estranha mania de ter fé na vida!”

A origem dos idiomas

Os seres humanos, diferente dos animais, utilizam-se do idioma não somente para se comunicar, mas também para convencer e persuadir. A língua, no entanto, não é única, cada região do mundo possui um idioma oficial e, no passado, quando um povo conquistava o território de outro, impunha o seu idioma. Em uma visita rápida ao dicionário, vemos que o verbete *idioma* encontra-se definido como: língua de uma nação ou própria de um povo, o que acaba por confirmar a ligação entre língua e identidade nacional.

Muitas vezes, quando ouvimos algumas palavras de línguas como o Inglês e o Espanhol, percebemos alguma similaridade entre esses vocábulos e as palavras da Língua Portuguesa, como se os idiomas fossem “primos”, algumas vezes distantes, outras, bem próximos.

Os idiomas derivados do latim são: italiano, francês, espanhol, português, galego-português e o romeno. Esses idiomas floresceram e, por questões sociais, políticas e geográficas, afastaram-se com o passar dos anos. Mas e os demais idiomas, de onde vieram? Possuem alguma similaridade, mesmo que remota, com o português?



O desenho apresentado acima foi produzido pela desenhista e ilustradora de histórias em quadrinhos Minna Sundberg. Por meio dos desenhos feitos pela artista, podemos encontrar algumas respostas sobre as principais línguas de origem indo-europeia. As línguas faladas nos dias de hoje são representadas pela folhagem da árvore. Os galhos mais finos, que se encontram juntos às folhas, e aqueles mais distantes ocupam a posição das línguas que deram origem aos idiomas falados atualmente. Quanto mais distante das folhas encontra-se o idioma, mais remoto ele é. Assim, se buscamos o arbusto que representa a Língua Inglesa, percebemos que o idioma possui heranças do anglo-frísio, oeste-alemão e alemão, todas ligadas ao idioma europeu em tempos remotos.

De acordo com informações do *site* espanhol *gizmondo*, a ilustradora e criadora da apresentação explica que seria impossível colocar no gráfico as centenas de pequenos idiomas falados nas muitas regiões da Europa. No entanto, pode-se, por meio do desenho, ter uma ideia dos principais idiomas falados por populações com mais de um milhão de habitantes. Os dados foram colhidos da *Web Ethnologue*, responsável pelo registro de uma infinidade de dados sobre a origem e a característica dos idiomas no mundo. Observamos ainda a ausência do latim. A explicação deve-se ao fato de a ilustradora ter elegido, para compor sua representação, idiomas derivados do indo-europeu. Nosso idioma, a Língua Portuguesa, assim como as demais línguas derivadas do latim (Espanhol, Italiano, Francês, Siciliano e outros idiomas falados por populações menos numerosas), encontra-se representado como proveniente do Romano (romance), idioma falado por povos de origem romana, que, por sua vez, ocupavam a Europa, razão pela qual o idioma possui como antepassado distante a linguagem europeia.

Por meio da observação da segunda parte da ilustração, é possível perceber a reprodução de onde se encontram as línguas oriundas desses dois troncos da família das velhas línguas do mundo: o indo-europeu e o urálico. Observamos ainda que ocorreu uma maior difusão do indo-europeu, visto que sua influência encontra-se presente em quase toda a América, pontos da Oceania, Europa e África. Ao passo que os idiomas que possuem heranças urálicas encontram-se apenas no extremo norte-europeu.

1º de abril – origem do dia da mentira

O dia primeiro de abril é conhecido em nosso país como o dia da mentira ou dia dos tolos. Nessa ocasião, crianças e adultos aproveitam-se da data para pregar peças nos desavisados.

Em uma busca rápida ao dicionário, encontramos a seguinte definição para a palavra mentira: substantivo feminino, 1. ato ou efeito de mentir; engano, falsidade, fraude. 2. hábito de mentir.

Mas de onde surgiu a tradição de se atribuir um dia para o dia da mentira? Conforme apresentamos no texto “Meses do ano: etimologia e história”, o calendário que hoje seguimos, dividido em 12 meses, nem sempre foi assim. Foram necessários muitos anos e ajustes para que o ano solar correspondesse ao calendário que seguimos na atualidade.

Ao se buscar as origens do dia da mentira, não é possível obter uma exatidão, no entanto, sabe-se que a data remonta à França da segunda metade do século XVI. Em 1564, quando o novo calendário, conhecido como calendário gregoriano (por ter sido proposto pelo Papa Gregório XIII) foi instituído por Carlos IX durante o Concílio Trento (1545 a 1563). Com a instituição desse novo calendário, ocorreram alterações na sequência dos meses e, conseqüentemente, na mudança das datas comemorativas. Esse calendário substituiu o calendário juliano (proposto por Júlio César no ano I a.C.).

De acordo com o calendário juliano, o ano novo se iniciava em 25 de março, período em que se iniciava a primavera no hemisfério norte (assim como o outono no hemisfério sul). As festividades duravam aproximadamente uma semana, finalizando-se em 01 de abril.

Em 1582, o Papa Gregório XIII publicou a bula *Inter gravissimas*, que instituiu o novo calendário de forma oficial em todos os países católicos. Junto com a publicação do Papa, ocorreu a propagação, para outras regiões além da França, do “dia da mentira”.

Com a instituição do calendário gregoriano, as comemorações do ano novo mudaram para o dia 1º de janeiro. O rei Carlos IX, primeiro a adotar a mudança do calendário, provocou mudança nos hábitos dos súditos; muitos franceses desavisados ainda comemoravam, após 1564, o ano novo na passagem do mês de março para o mês de abril.

Dessa maneira, aqueles que já sabiam da mudança do calendário começaram a zombar os desavisados chamando-os de tolos e acusando de celebrar o ano novo de forma mentirosa. O último dia da celebração do ano novo no calendário juliano ficou então conhecido como o “dia da mentira”, ou seja, dia da comemoração mentirosa da passagem do ano.

Em nosso país, a data se popularizou em Minas Gerais devido à publicação de um jornal chamado *A mentira*, que apresentava assuntos sensacionalistas no início do século XIX. Lançado em 1º de abril de 1848, apresentava uma matéria que noticiava a morte do então imperador Dom Pedro II. Dois dias após a publicação, o periódico teve de emitir nota desmentindo a publicação, uma vez que muitos acreditaram no fato.

Atualmente, encontramos um jornal semelhante ao periódico mineiro, famoso nas redes sociais por suas manchetes descomprometidas com a verdade. O *Sensacionalista* é um jornal que se autodefine como “isento de verdade”. O próprio nome do jornal nos remete a essa definição, uma vez que “sensacionalista” refere-se ao uso e efeito de assuntos sensacionais, capazes de causar impacto, de chocar a opinião pública, sem que haja qualquer preocupação com a veracidade das notícias.

As notícias do periódico brincam com o leitor, apresentando sempre informações verossímeis. Ou seja, não verdadeiras, mas que possuem conexão com a realidade, sendo, por esse motivo, passíveis de crença. Fato esse que desencadeia o riso naqueles que têm acesso às informações e que conhecem as intenções do periódico. De acordo com o dicionário, é *verossímil* aquilo que possui ligação, nex

ou harmonia entre fatos, ideias, ainda que os elementos imaginosos ou fantásticos sejam determinantes no texto; coerência.

Ao se observar as notícias do periódico, encontramos esses elementos que chamam a atenção por sua possibilidade de ser real e, pela ruptura de sentido causada pelo exagero (por meio de uma piada), desencadeiam o riso. Apresentamos, para o deleite do leitor, algumas manchetes do *Sensacionalista*.

Sensacionalista

isento de verdade

PAÍS

ÚLTIMAS ▾

PAÍS

Homem compra sapato igual ao de Michael Jackson, não consegue fazer o moonwalk e pede reembolso

PAÍS

Sensacionalista para de publicar piadas e vira jornal de verdade segunda-feira

PAÍS

Entrevistadores já têm medo de apanhar ao perguntar se pessoas acham governo Temer bom ou ótimo

PAÍS

Golpe faz 53 anos mas continua em atividade porque não consegue se aposentar

PAÍS

Quiz: quem disse isso, Cunha ou Lula?

Ler, para quê?

Frequentemente, escutamos de pais e professores que as crianças não se interessam mais pela leitura ou, então, que leem apenas textos classificados erroneamente como “subliteratura” por não se enquadrarem no rol dos clássicos da literatura mundial. Mas a pergunta que nos vem à mente todas as vezes que ouvimos essas queixas é: será que esses pais liam para seus filhos? Será que essas crianças foram incentivadas à prática da leitura na escola e também nos seus lares?

Em nossa prática educativa, podemos dizer com certeza que crianças aprendem o que vivenciam. Sendo assim, não se pode cobrar das crianças atitudes que elas não vivenciam em seu dia a dia. De acordo com a revista *Crescer*, ler para as crianças, além de aguçar a criatividade, ajuda a estreitar a relação familiar. Uma recente pesquisa da loja de departamentos Macy’s nos Estados Unidos, em parceria com *Reading is Fundamental*, constatou que apenas 33% dos pais leem histórias para seus filhos antes de dormir. O levantamento foi feito com 1000 pais e buscava descobrir os hábitos de leitura em casa.

Parece que os equipamentos eletrônicos estão tomando o lugar dos livros em nossos lares, no entanto, vale ressaltar que o hábito da leitura auxilia no desenvolvimento da criatividade infantil, visto que, ao ouvir a história, a criança desenvolve a imaginação.

Outro benefício de se ouvir e ler histórias, de acordo com a psicóloga Frinéa Brandão em entrevista à revista *Crescer*, está relacionado ao fato de elas auxiliarem a minimizar os aspectos de solidão, uma vez que ampliam as conexões cerebrais responsáveis pelo despertar do prazer e do relaxamento. Isso ocorre porque as crianças, no momento em que estão em contato com a história, encontram-se aprendendo realidades internas emocionais, aprendendo a olhar para a própria realidade e conhecer um pouco mais de si mesmas.

O poder do autoconhecimento por intermédio da leitura pode ser comprovado por meio de uma iniciativa realizada em Curitiba (PR), também divulgada na revista *Crescer*. No intuito de auxiliar crianças que estão passando por problemas físicos

e emocionais, foi fundada a Casa do Contador de História. Nela, após conversa dos profissionais com o “paciente”, monta-se o chamado “cardápio da alma”, que apresenta situações remetendo ao momento que a criança está vivendo. Por intermédio da história, a criança se distancia de seu problema, se projeta no personagem e consegue buscar alternativas para lidar com a situação que está vivendo.

A psicóloga Frinéa Brandão explica à revista que não há momento certo para iniciar o processo de contar histórias às crianças. Os pais podem contar histórias no momento da papinha, explicando a importância da alimentação, quando estão dando banho; todo momento é momento de história, desde que se respeite a capacidade de entendimento da criança.

É importante também que o livro escolhido seja adequado à idade da criança; caso isso não ocorra, não haverá interesse. Se a criança já tem idade avançada, uma boa iniciativa é levá-la à livraria para que possa escolher o que vai ler. Assim, a criança se sente mais motivada. Uma dica importante da psicóloga Frinéa Brandão é que os pais se façam presentes nos momentos de leitura das crianças, pois assim elas vão associar livros e histórias a momentos de carinho e prazer.

Outro fator importante é a vontade, pois é preciso que os filhos reconheçam nos pais o desejo pela leitura. Os pais podem fazer vozes distintas para cada personagem ou simplesmente seguir com a narrativa; o importante é que o momento de leitura seja especial. Para finalizar a reportagem, a revista apresenta cinco passos para aprimorar a técnica de leitura com as crianças, reproduzidos no quadro abaixo.

1º passo	Escolha uma história adequada para a idade e para a situação que a criança está vivendo. Quanto mais elementos da história ela puder reconhecer, melhor será o interesse.
2º passo	Antes de ler o livro ao seu filho, faça-o primeiro para você, para que as partes impactantes fiquem bem gravadas e você consiga deixá-las ainda mais emocionantes. Se vai tirar a história da cachola e não de um livro, faça o mesmo, contando para você antes de contá-la ao seu filho.

3º passo	Uma narrativa leva ao mundo da imaginação e do sonho, então, nada melhor do que criar um clima antes de começar a leitura. Prepare um espaço para a história, vale um cantinho especial no quarto, a luz mais baixa, almofadas no chão...
4º passo	Dar ritmo à narrativa é um dos elementos mais importantes, afinal, história que é boa mesmo precisa ter ritmo. Se o herói está mais pensativo, fale mais pausadamente e com tom de voz mais baixo. Se ele estiver em um momento mais intenso, uma fala firme e apressada combina bem e vai prender a atenção do seu filho.
5º passo	Dê um bom fechamento à história. Por isso, “amanhã eu continuo” vai deixar a criança pequena ansiosa. Leia até o fim. E lembre-se de que o seu filho precisa sonhar e, por isso, quanto mais mágico for o final, mais realizado ele ficará. E tem jeito melhor de embalar o sono?

Para os pais que já possuem crianças maiores, uma possibilidade de despertar o prazer pela leitura é iniciar a prática por meio de textos verbais como as histórias em quadrinhos. Existem adaptações da literatura universal como *Dom Quixote* e *Os Lusíadas* em histórias em quadrinhos, por meio das quais a interação entre imagem e texto flui, e a imaginação é ativada. Toda leitura é válida e uma leitura leva a outra. Boas leituras!

Páscoa: origem e significado

A Páscoa é uma festa cristã considerada uma das datas comemorativas mais importantes no ocidente. A palavra *Páscoa* tem origem latina, vem de *Pascae*. O termo aparece ainda no vocabulário da Grécia antiga como *Paska*. No entanto, a origem mais remota da palavra vem do idioma hebraico, onde o termo *Pesach* aparece com o significado de “passagem”.

A ideia de passagem encontra significado na tradição religiosa da palavra. Entre o povo judeu, a Páscoa celebra a saída dessa população do Egito, depois de aprisionados durante vários anos pelos faraós. O êxodo desse povo aconteceu por volta do ano de 1250 a.C., a passagem encontra-se narrada na Bíblia, no livro do Êxodo, no antigo testamento. A data encontra-se ainda relacionada com a passagem dos hebreus pelo Mar Vermelho, que, liderados pelo profeta Moisés, fugiram do Egito. É tradição entre os descendentes desses povos o consumo do *matzá* (pão sem fermento) que simboliza a rápida fuga do Egito, momento em que, devido à pressa decorrente da fuga, não houve tempo para fermentar o pão.

A data, no entanto, possui outras conotações além da religiosa. Algumas sociedades, na região do Mar Mediterrâneo festejam a mudança de estação, passagem do inverno para a primavera, que ocorre durante o mês de março. A tradição era de se celebrar a festa na primeira lua cheia da época das flores. A mudança do inverno para a primavera, que ocorre, no hemisfério norte, em 21 de março, era momento de extrema importância para os povos da antiguidade, visto que estava ligada a maiores possibilidades de sobrevivência devido ao fim do período que dificultava a produção de alimentos na região europeia.

O período era ainda marcado pelos rituais de adoração da deusa da fertilidade e do renascimento, a deusa *Eostre* ou *Ostera*. As representações mais comuns dessa deusa apresentam a figura de uma mulher a observar um coelho saltitante enquanto segura um ovo nas mãos. A adoração à deusa *Ostera* estava ligada ao despertar da Terra com sentimentos de equilíbrio e renovação. Os ovos estavam presentes nessas celebrações; eles eram decorados e escondidos para serem encontrados em seguida.

Existe uma lenda que liga os símbolos do ovo e do coelho. De acordo com essa história, a deusa Ostera adorava cantar e sempre estava rodeada de crianças. Um dia, as crianças presenciaram um pássaro que pousou na mão da deusa. A mulher acabou por transformá-lo em um coelho, seu animal favorito. Com o decorrer dos dias, o animal se pôs triste, uma vez que não podia voar nem cantar. As crianças intercederam por ele junto à deusa que alegou não poder reverter a magia, pois o poder de sua magia diminuía no inverno. Com a chegada da próxima primavera, a deusa transformou o coelho novamente em pássaro e este, em agradecimento à deusa, pintou ovos e os distribuiu pelo mundo.

Interessante perceber como o coelho e os ovos foram incorporados a nossa cultura como símbolo da data comemorativa. A Igreja se valeu dos símbolos da era pagã e observamos isso inclusive na linguagem, pois, em inglês, o termo Páscoa é *Easter*, nome semelhante ao da deusa pagã Eostre.

Os cristãos celebram a data ao final da Semana Santa. Ligada à ressurreição de Cristo, a Páscoa possui a passagem do Salvador deste mundo, mundo da matéria, para o mundo da luz, mundo de Deus. A Semana Santa tem início na semana anterior à Páscoa, no Domingo de Ramos, que marca a entrada de Jesus na cidade de Jerusalém.

Além do coelho e dos ovos, são símbolos da celebração o cordeiro, sacrificado por Moisés para representar o sacrifício de seu povo; os sinos, responsáveis pelo anúncio da ressurreição de Jesus no domingo de Páscoa; o sítio pascoal, que se trata de uma vela acesa que significa o renascer de Cristo; o girassol, responsável por lembrar a humanidade da importância de se seguir a luz, o pão e vinho, representantes do corpo e sangue de Cristo.

Seja na tradição pagã ou cristã, a Páscoa é momento de celebração da vida e da renovação. Encerramos este texto desejando aos leitores uma excelente semana e o início de um tempo de vida e muitos bons frutos.

Somos proficientes em Português?

Geralmente, quando ouvimos a palavra “proficiente”, fazemos ligação com a capacidade de se expressar em um idioma estrangeiro. Por isso, parece-nos óbvio que somos capazes de nos expressar com maestria em nossa primeira língua. Mas será que somos mesmo proficientes em Português?

Uma pesquisa publicada pelo *site* da UOL nos deixa de cabelo em pé. De acordo com o *site*, apenas 8% dos brasileiros em idade profissional são considerados plenamente capazes de se expressar por meio de letras e de números. Esses indivíduos são considerados proficientes. Para receber o título de proficiente, é necessário que o indivíduo seja capaz de compreender e elaborar textos de diferentes tipos (resumo, *e-mail*, textos opinativos e argumentativos), além de conseguir opinar a respeito de estilos dos mais variados autores. O indivíduo proficiente é ainda capaz de ler gráficos e tabelas (sim, os textos visuais e gráficos também podem e devem ser lidos, bem como interpretados). Ainda, de acordo com a pesquisa, a proficiência inclui ser capaz de resolver situações diversas por meio de planejamento, controle e elaboração.

O Inaf (Indicador de Analfabetismo Funcional) indica cinco níveis de alfabetização, que variam de analfabeto, rudimentar, elementar, intermediário a proficiente. O primeiro grupo, considerado analfabeto, é formado por indivíduos que não dominam as habilidades de leitura e interpretação testadas. O segundo grupo, chamado rudimentar, é capaz de interpretar e localizar informações em textos simples (calendários, tabelas simples e cartazes informativos), é capaz de comparar ler e escrever números, resolver situações do cotidiano, além de reconhecer sinais de pontuação. O terceiro grupo, composto por pessoas com habilidade elementar, é capaz de selecionar unidades de informação em variados suportes textuais, sendo ainda capaz de realizar pequenas inferências. Consegue também resolver problemas que envolvam operações básicas com números da ordem de milhar, que, de acordo com o Inaf, exigem certo grau de planejamento e controle (valor de prestação de juros, total de uma compra). É capaz de comparar e interpretar gráficos e tabelas simples.

Representantes do grupo intermediário conseguem localizar inferências, resolver operações matemáticas mais complexas (medidas de área e escala), além de interpretar e realizar síntese de diversos textos apresentando a moral da história e, ainda, sua própria opinião. São capazes de reconhecer o efeito de sentido de escolhas lexicais ou sintáticas, de figuras de linguagem e sinais de pontuação.

Os representantes do grupo denominado “proficiente” são capazes de elaborar textos de maior complexidade, interpretar gráficos e tabelas envolvendo mais de duas variáveis e resolver situações-problema relativas a tarefas de contextos diversos que envolvam diversas etapas de planejamento, controle e elaboração.

O esperado era que, em uma situação ideal, aqueles estudantes que completam o ensino médio tivessem atingido o nível de proficiência, mas o que se observa por meio dos dados coletados é outra realidade. De acordo com o Inaf, o nível de analfabetismo por escolaridade apresenta como pontos de destaque o fato de que a maior parte dos indivíduos que ingressaram ou concluíram o segundo ciclo do ensino fundamental (9º ano) encontram-se no nível Elementar de analfabetismo (53%), no entanto, um dado preocupante mostra que mais de um terço das pessoas com essa escolaridade (34%) pode ser classificado como Analfabeto funcional.

Entre as pessoas que cursaram o ensino médio, 48% encontram-se no nível elementar, 31% no intermediário e apenas 9% estão onde deveriam estar, ou seja, demonstram o domínio pleno nas habilidades de leitura, escrita e matemática. Dentre as pessoas que ingressaram ou concluíram o ensino superior, em média, somente 22% situam-se no nível pleno de alfabetismo.

A pesquisa ainda mostra a distribuição dos níveis de proficiência no campo profissional, sendo interessante e preocupante perceber que apenas 16% dos educadores encontram-se plenamente alfabetizados.

Sendo assim, finalizamos este texto com a frase do célebre Monteiro Lobato, em que “um país se faz com homens e livros”. Dessa forma, busquemos os livros e o interesse por informação e leitura, na tentativa de melhorar os homens!

Tabela 4 - Níveis de alfabetismo por atividades econômicas¹ (% x atividades econômicas)

	Total	Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente	
Base	1.737	76	394	735	395	137	
Comércio (inclui reparação de veículos)	393	100%	2%	19%	43%	26%	10%
Construção	169	100%	8%	33%	42%	14%	3%
Serviços domésticos	183	100%	9%	33%	46%	10%	2%
Indústria extrativista e de transformação	173	100%	2%	21%	54%	21%	3%
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	146	100%	21%	49%	24%	6%	1%
Alojamento e alimentação	116	100%	2%	21%	43%	28%	7%
Educação	91	100%	0%	8%	36%	40%	16%
Transporte, armazenagem e correio	82	100%	1%	22%	37%	32%	9%
Saúde e serviços sociais	64	100%	0%	11%	38%	41%	11%
Administração pública, defesa e seguridade social + Concessionárias de serviços públicos (Eletricidade e gás, Água, esgoto, resíduos)	74	100%	0%	19%	35%	28%	18%
Atividades administrativas e serviços complementares + Atividades financeiras, seguros / Atividades imobiliárias	124	100%	2%	13%	46%	32%	7%
Informação e comunicação + Artes, cultura, esporte e recreação + Atividades científicas e técnicas	57	100%	0%	4%	49%	21%	26%
Outros serviços	63	100%	3%	16%	52%	17%	11%
Não sabe / Não respondeu	2	100%	0%	0%	50%	0%	50%
Total	1737	100%	4%	23%	42%	23%	8%

Fonte: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/02/29/no-brasil- apenas-8-escapam-do-analfabetismo-funcional.htm>. Acesso em: 30 de abr. 2017.

Gourmetização da língua: eufemismo com requinte

Não há sinônimos absolutos na língua portuguesa, assim como em qualquer outra língua natural. Esse fenômeno seria justificável caso a substituição plena de um vocábulo por outro fosse possível, ou seja, quando duas palavras, na hipótese de possuírem exatamente o mesmo sentido, puderem ser intercambiáveis em toda situação possível de comunicação e de contexto sociocultural. Assim, “careca” e “calvo”, em determinadas regiões e contextos de uso, podem ser sinônimos, mas em uma situação específica (como na área do estudo semântico ou na área da estética), não o são.

Há um tempo (neste século XXI e por meio da proliferação da informação digital), observamos nas mídias a utilização de sinônimos que suavizam o sentido de palavras em determinadas áreas sociais, em função de parecerem demasiadamente simples, constrangedoras ou, por vezes, agressivas. Os termos “presídio” e “presidiário” passam por inúmeras reformulações que atendem a um certo eufemismo (figura de linguagem que emprega um termo mais agradável para suavizar uma expressão). São eles, de forma gradativa: “casa de detenção”, “casa do menor infrator”, “detento”, “centro de ressocialização”, “ressocializando”, “reeducando”. Em outras situações, a suavização do termo é importante, uma vez que se evitam preconceitos e se mantém no campo do politicamente correto, como o uso de “soropositivo” em lugar de “aidético”, “deficiente físico” em vez de “aleijado”, etc. Atualmente, fala-se muito no termo “gourmet” ou “gourmetização”, que passam pela via da culinária e seguem em direção a outros setores da cultura, pois são sinônimos de requinte, frescura ou uma simples necessidade de impor um estilo às coisas.

Ao iniciar uma busca pelo Google, eis a primeira informação: “*Gourmet é um ideal cultural associado com a arte culinária da boa comida e bebida, da alta cozinha. Assim um restaurante diz-se gourmet quando este é de alta qualidade e está reservado a paladares mais avançados e a experiências gastronômicas mais elaboradas*”. Ao procurar pelo termo “gourmetização” e as imagens a respeito dessa busca, temos como resultado um *site* que discute o uso generalizado desse termo

(<http://www.oarquivo.com.br/temas-polemicos/verdades-inconvenientes/3720-a-gourmetiza%C3%A7%C3%A3o-do-mundo.html>) e dá alguns exemplos: “picolé agora se chama paleta, a barraquinha de sanduíche virou foodtruck, o encontro gastronômico com amigos passou a uma experiência gourmet transcendental, tomar aquela “breja” agora é degustação de uma cerveja Indian Pale Ale”.

As imagens nos trazem um universo de gourmetização mais expandido. São figuras que focam o uso de termos suavizantes em diversas áreas, como tipos de lanche e charges com piadas sobre esse fenômeno.





Existem até mesmo apartamentos com sala e varanda *gourmet*, que ressaltam a importância desse espaço, reservado para a adoção desse estilo de comer.

Imagens de apartamento com sala gourmet



→ [Mais imagens para apartamento com sala gourmet](#)

[Denunciar imagens](#)

Varanda gourmet - Decoração, +2.000 Fotos, Dicas e Ideias - Viva ...

<https://www.vivadecora.com.br> > Decoração > Varanda e Jardim > Varanda gourmet ▼

Mais do que um simples espaço aberto, a **varanda gourmet** se tornou um ambiente indispensável nos novos projetos de casas e apartamentos. Perfeita para ...

Apartamentos com varanda gourmet à venda em Belo Horizonte, MG ...

<https://www.vivareal.com.br> > ... > Com Varanda Gourmet ▼



Dogão:
3 real no carrinho da Dona Marta. O tubo de maionese e ketchup é free, fica na mesa pra gente colocar quanto quiser



Hot Dog com salsicha debreziner acompanhado de chucrute, vinagrete de cogumelos com queijo coalho e cebola roxa, relish de pepino com cebola empanada frita. R\$35,00.

Mais do que um rebuscamento do sentido das coisas, a moda *gourmet* remete ao desejo por algo personalizado. É como se o fato de degustar um cachorro-quente fosse algo simples demais e que, por isso mesmo, a diversificação no gosto seria algo importante na modernidade e também necessário de ser exaltado na personalidade daquele que adere a essa moda. Outro aspecto válido diz respeito ao custo de um produto *gourmet*, geralmente mais caro, fato que torna atrativa a comercialização dos produtos chiques.

Símbolos das profissões

No último ano da graduação, já observamos na universidade a preocupação de nossos alunos com a formatura. Esse momento é, sem sombra de dúvidas, um divisor de águas na vida profissional de todo estudante, pois, assim que tiver acesso a seu diploma, estará habilitado para exercer a profissão que tanto almeja. Muitas são as perguntas que permeiam a escolha da cerimônia, uma delas, que se faz sempre presente, refere-se ao símbolo do curso e à cor da faixa que compõe a beca.

Pensando em esclarecer algumas dessas dúvidas, apresentamos, a seguir, símbolos e cores de algumas profissões. As faixas que compõem a beca podem sofrer variação de cor dependendo da habilitação do curso, assim, os formandos em Letras/Licenciatura usam, por padrão, faixa na cor lilás, enquanto os formandos em Letras/Bacharelado devem estar com a faixa azul.

A cor azul corresponde ainda às Ciências da Saúde e Biológicas. A cor vermelha destina-se aos graduandos em Direito e ainda para as Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas. Os cursos de Farmácia e Bioquímica adotam a faixa amarela ou dourada. Azul corresponde à Administração, Ciências Biológicas, Comunicação, Economia, Engenharias, Informática, Jornalismo, Relações Públicas, Psicologia e Publicidade e Propaganda. Bordô refere-se às Ciências Contábeis e Odontologia. O tom verde corresponde aos cursos de Enfermagem, Educação Física, Gastronomia, Fisioterapia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição e Serviço Social.

Entendidas as cores dos cursos, vamos aos símbolos. Muitas vezes nos deparamos com alunos das mais diversas universidades, exibindo suas camisas de curso com desenhos de cobras, balanças, flechas e letras gregas e dificilmente conseguimos ver a conexão entre esses símbolos e os cursos que representam.

O símbolo do curso de Contabilidade é muito semelhante ao símbolo do curso de Medicina, o que faz com que sejam confundidos com frequência. A Contabilidade é representada pelo Caduceu de Mercúrio, cajado com um elmo alado e envolto por duas cobras. Para explicar a associação da figura ao curso, o Conselho Federal de Contabilidade menciona o dicionário de símbolos. De acordo com o dicionário, a

mitologia explica que o deus mensageiro havia lançado um bastão entre duas serpentes que brigavam, com o intuito de que assumissem uma atitude mais amistosa. Tal ato foi relacionado, ao longo da história, com a postura da intermediação, com o comércio e as relações de troca, fazendo de Mercúrio o deus dos negociantes e o caduceu sendo adotado pela Contabilidade.

O curso de Direito, assim como a justiça, é simbolizado por uma figura feminina de olhos vendados que carrega nas mãos uma espada e uma balança. A espada e a balança estão vinculadas à punição e à igualdade, elementos essenciais nas teorias jurídicas. A mulher que as carrega é Diké ou Lustitia, filha de Zeus e Têmis.

O curso de Administração possui uma marca que é fruto de um concurso promovido pelo Conselho Federal de Administração. As setas centrais do símbolo indicam um objetivo em comum e a disposição das formas geométricas faz referência às ações de organizar, direcionar, orientar, coordenar, arbitrar e planejar.

A Psicologia apresenta como símbolo a 23ª letra do alfabeto grego denominada *psi*. Uma das muitas interpretações do símbolo afirma que cada uma das pontas do tridente que forma a letra representa o tripé das teorias ou correntes psicológicas: o comportamentalismo, a psicanálise e o humanismo. Há também interpretações que afirmam que as três pontas do tridente simbolizam as três pulsações humanas: a sexualidade, a espiritualidade e a autoconservação.

Não poderíamos finalizar este texto sem apresentar o significado do símbolo de nosso curso, o curso de Letras: a flor de lis. Simboliza a articulação entre as três grandes áreas que correspondem ao curso: a linguística, a literatura e a gramática, sendo cada uma delas representada por cada pétala da flor. A pétala do meio representa a Literatura, aponta para o alto, para o ideal, o elevado. A pétala da direita corresponde à gramática e mostra a valorização da tradição. A pétala da esquerda representa a linguística, ciência que estuda a língua e a linguagem.

No próximo texto, falaremos sobre os símbolos associados a outras carreiras.



ADMINISTRAÇÃO



BIOLOGIA



CONTABILIDADE



DIREITO



ED. FÍSICA



ENFERMAGEM



ENGENHARIA



FARMÁCIA



GEOGRAFIA



HISTÓRIA



LETRAS



MATEMÁTICA



MEDICINA



MEDICINA
VETERINÁRIA



PSICOLOGIA



PEDAGOGIA

Símbolos das profissões II

No texto anterior, apresentamos informações a respeito das cores utilizadas nas faixas de formatura dos diversos cursos e iniciamos também a apresentação dos símbolos relacionados aos cursos. Vejamos agora outros símbolos.

O símbolo do curso de Medicina é representado pelo Bastão de Asclépio que se constitui de um bastão com uma cobra entrelaçada. De acordo com a mitologia grega, Asclépio era o deus da cicatrização. Sua capacidade de cura era conhecida a ponto de possuir a fama de ressuscitar doentes. A cobra, devido a sua capacidade de trocar de pele, representa o renascimento.

O curso de Farmácia possui como símbolo uma taça entrelaçada por uma serpente. A taça significa a cura e a serpente, o renascimento. Outra possibilidade de representação da serpente seria a capacidade de cicatrização em oposição ao veneno. Observa-se ainda uma letra R maiúscula, que simboliza a abreviação da palavra *receita*, em latim *recipe*, utilizada na medicina e na farmácia.

A Enfermagem é representada pela lâmpada a óleo, uma cobra e a cruz vermelha. A junção desses elementos representa o zelo, o cuidado e o respeito.

O Conselho Federal de Enfermagem apresenta os seguintes significados para cada um desses símbolos: a cobra é a representação do renascimento; a cruz representa a ciência; a lâmpada, o caminho; e a seringa, a técnica.

O curso de Medicina veterinária apresenta como símbolo uma cobra entrelaçada em um bastão conhecido como bastão de Asclépio e pela letra V. A única diferença entre o símbolo da veterinária para o símbolo da medicina é a letra V, que indica a profissão de veterinário.

Saindo da área médica e passando para as licenciaturas, o curso de História é simbolizado por uma ampulheta, representando um tempo histórico, por uma serpente enrolada em um suporte, representando a sabedoria para o conhecimento histórico e por uma asa que faz menção à possibilidade de se viajar no tempo por intermédio da história.

A Engenharia possui como símbolo a deusa Minerva, equivalente romana da deusa grega Atena. Ela é conhecida como deusa da sabedoria, das artes e da estratégia de guerra. Junto a ela estão um mocho e vários instrumentos matemáticos.

O curso de Geografia é representado pela Esfera Armilar (instrumento da astronomia utilizado para navegação), com um globo no meio. Tal associação é consagrada como o símbolo do globo terrestre e, por essa razão, é também o símbolo da geografia.

O símbolo do curso de Biologia foi criado em 1997, seu significado é o momento de fecundação do óvulo que determina o princípio da vida. O óvulo possui o formato do planeta Terra e lembra ainda as folhas, sugerindo a importância do verde.

A Educação física é representada por um atleta que arremessava um disco nos jogos esportivos da Grécia Antiga. Nos dias atuais, representa um ideal de atleta, apresenta ainda a captação do movimento. A detalhada representação da musculatura mostra o grande conhecimento da anatomia humana. Observa-se ainda o rosto, sem expressão, o que demonstra a não necessidade de esforço para a realização do movimento.

Nesta pesquisa, não encontramos um símbolo oficial para o curso de Matemática. De acordo com nosso levantamento, os estudantes geralmente utilizam a raiz quadrada como símbolo ou, ainda, a raiz quadrada com uma coruja, por ser o símbolo da sabedoria.

Diferente do que muitos imaginam, o símbolo do curso de Pedagogia não é uma coruja, mas sim o caduceu de Hermes sob a luz verde. O bastão do caduceu representa o poder do pedagogo e sua capacidade de trazer mudanças. As asas mostram o equilíbrio, bem como a capacidade do pedagogo de ser ágil e disponível. A flor de lis representa a orientação e o espírito nobre.

A importância da linguística na interpretação de textos

Há muitas teorias de cunho literário e linguístico para a interpretação dos textos. Existe a estética da recepção, a análise do discurso, os estudos da narrativa, a análise estrutural dos contos, o estudo do dialogismo e dos gêneros, entre outros. Sendo também uma dessas vertentes de estudo interpretativo, a teoria semiótica do texto possui seus fundamentos nos estudos discursivos produzidos na França, a partir dos anos 70. O seu mentor, o linguista lituano Greimas, explica que todo texto, seja ele verbal (oral ou escrito) ou não verbal (texto visual ou verbovisual) possui um plano de conteúdo (suas ideias, seu sentido, seus temas) e um plano de expressão (a maneira pela qual se manifesta, se oral, escrito, desenhado, cantado, fotografado, etc.).

Um dos muitos continuadores de seus estudos no Brasil, José Luiz Fiorin (professor livre-docente da USP) nos ensina que o plano de conteúdo de um texto, para ser devidamente interpretado, deve, necessariamente, ser examinado à luz de suas condições de produção (seu contexto e sua época). Isso significa que qualquer produção textual deve ser analisada no âmbito de uma totalidade de outros textos, com os quais produz formas de intertextualidade e dialogismo. Ao serem levados em conta tais aspectos, o texto, em relação com o contexto, passa a ser denominado *discurso*.

Em *Para entender o texto* (São Paulo, Editora Ática), Fiorin e Platão produzem inúmeras lições importantes sobre como um discurso produz seu conteúdo e como os temas a ele vinculados podem ser disseminados por diferentes planos de expressão. Assim, um tema como os perigos do tabagismo (a ideia sobre esse vício) pode ser manifestado de diferentes formas: escrita, falada, visual, etc. As antigas propagandas visuais de cigarro mostravam o tema do tabagismo por um viés eufórico, como nos comerciais da marca Marlboro, enfocando esportes nas montanhas, cavalgadas, enquanto as mensagens escritas do Ministério da Saúde (seguintes ao comercial) alertam sobre o perigo do vício de fumar.

Nos gêneros “fotografia jornalística”, “propaganda” e “campanha publicitária”, é comum associar a linguagem verbal à visual, resultando na verbovisualidade ou, mais especificamente, no sincretismo textual. Vejamos como o discurso sobre a segregação racial se manifesta, por meio de dois textos, um escrito (de autoria de Luther King, *I have a dream*) e um texto visual do gênero fotográfico:

“Eu tenho um sonho: o de que, um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos senhores de escravos poderão se sentar juntos à mesa da fraternidade”.

Fonte: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/martin-luther-king.htm>



Fonte: Platão e Fiorin. *Para entender o texto*. Editora Ática, 2003.

O discurso “Eu tenho um sonho”, manifestado de forma escrita, marca o desejo de Luther King (plano de conteúdo = tema) pela igualdade racial nos Estados Unidos, demarcada pelo abismo dos Direitos Humanos praticado contra os afrodescendentes daquele país. Esse mesmo plano de conteúdo (tema da segregação) é apresentado na fotografia (por meio de um plano de expressão diferente, visual) de acordo com o abismo simbólico entre os dois bancos, em que dois sujeitos (à esquerda) estão apertados em um pequeno banco, enquanto o outro está à vontade, ocupando um espaço grande para si. Essa fotografia jornalística (por meio de seu plano de expressão) produz uma denúncia social. Na mesma direção, o texto de Luther King (manifestado pelo plano de expressão escrito) revela um desejo pelo fim da segregação racial, pois as informações relativas ao contexto de produção da época fazem um diálogo intertextual com as constantes denúncias sociais na cultura norte-americana referentes ao racismo.

No próximo texto, continuamos com teorias sobre interpretação textual, a fim de instruir o leitor a ser capaz de interpretar todo tipo de produção verbal ou visual.

Estudo linguístico dos textos – os níveis de leitura

À primeira vista, por mais abstrato que nos pareça um texto, é possível explicar, a partir de níveis de constituição, a estrutura de praticamente qualquer unidade textual. As teorias do discurso prestam-se à descrição das formas pelas quais um texto “diz o que diz”, ou seja, ensinam o “como interpretar”. Nessa direção e a partir do que foi apresentado no texto anterior, é possível pensar em um texto como uma unidade de sentido que depende das condições de produção, para que produza e faça sentido. Por isso, enfatizamos a compreensão de um texto a partir do diálogo intertextual com outros discursos, manifestados por meio de diferentes gêneros com os quais os leitores lidam diariamente.

Nesse sentido, um leitor pode estar lendo uma resenha crítica sobre o filme “Matrix” e se lembrar do filme de 1997, assim como do videogame que saiu no início dos anos 2000, que servia como continuação (*spin off*) do filme e que se relacionava com alguns fatos apresentados na animação “Animatrix”. Por fim, lembrou-se de emprestar a HQ “The matrix”, do amigo, ou de pagar pelos direitos de visualização *online* desse gibi ou se contentar com um pôster vendido por um colecionador no Mercado Livre. Pergunta-se: quantos gêneros relacionados ao tema (plano de conteúdo) “Matrix” foram apresentados pelos diversos planos de expressão a esse leitor? Gêneros audiovisuais (filme, animação e videogame), gêneros verbovisuais (HQ impresso, HQ *online* e pôster), gênero escrito (resenha crítica).

A fim de dar conta da explicação da estrutura de um universo de diferentes gêneros, começamos pela análise de um conto. Retomamos o livro *Para entender o texto* (São Paulo, Editora Ática, 2003), por meio do qual o professor Fiorin nos ensina que, por trás de uma superfície por vezes caótica, os textos possuem uma organização característica, que pode ser analisada e descrita. O conto que será analisado chama-se “O galo que logrou a raposa”.

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: “...Deixa estar, seu malandro, que já te curo!...” E em voz alta: - Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. [...]. Desça desses poleiros e venha receber o meu abraço de paz e amor. - Muito bem! - exclamou o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, [...]. Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vem vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que eles também tomem parte da confraternização. Ao ouvir falar em cachorros, dona raposa não quis saber de histórias, [...] dizendo: - Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo. E rapou-se. Contra esperteza, esperteza e meia.

(PLATÃO, FIORIN, 1997, p. 35-37).

Ao nos depararmos com o tema do conto (a moral ao final), observamos uma estrutura que indica transformação dos papéis de cada personagem da história e que faz o conto progredir. Assim, o texto admite ao menos três planos de leitura, que constroem o tema “contra esperteza, esperteza e meia” e que se manifestam por meio do plano de expressão verbal escrito.

- uma estrutura superficial, em que afloram os significados mais concretos e diversificados, pois esse nível de leitura instaura o narrador, os personagens, os cenários, o tempo e as ações concretas;

- uma estrutura intermediária, em que se definem os valores com que os diferentes sujeitos da história entram em acordo ou desacordo;

- uma estrutura profunda, em que se concentram os significados mais abstratos e mais simples, pois, nesse nível, apresentam-se dois significados abstratos e opostos, a fim de garantir a unidade de sentido do texto todo.

Notícia em charge: a reforma trabalhista

Assistimos, em 2017, à aprovação do projeto de lei que regulamenta as reformas trabalhistas. As mudanças trouxeram debates e a divisão de opiniões. Para alguns, o texto iria flexibilizar acordos e gerar empregos e, conseqüentemente, renda para o país, para outros, no entanto, a reforma apresenta-se como um retrocesso. Sem querer entrar no mérito da questão, analisaremos uma charge que foi veiculada na internet e que aborda a reforma:



Para apresentar a visão dos diversos artistas que se posicionaram frente ao ocorrido, escolhemos Duke, chargista conhecido por apresentar a questão política por meio de seus trabalhos. Conforme já explicitamos em outros textos, para analisar as charges é preciso que se tenha em mente:

- os aspectos referentes à cor, chamados de cromáticos;
- o posicionamento dos elementos que compõem o desenho, conhecidos na teoria semiótica como aspectos topológicos;
- e as formas dos elementos que compõem o desenho, aspectos eidéticos, como o traçado dos limites da imagem e as formas regulares ou irregulares do desenho.

A charge de Duke apresenta, ao centro, nove formigas operárias, pois o elemento verbal da charge nos conduz a essa interpretação. Posicionada no lado esquerdo da charge e em uma posição um pouco superior às formigas, há uma formiga que assim diz: **“Aprovamos a reforma. A partir de agora, vocês trabalharão no inverno e em dias de chuva e, em casos de risco, poderão negociar diretamente com o tamanduá!”**. Observa-se que esse discurso faz intertextualidade com a fábula “A cigarra e a formiga”, que afirmava que a formiga, muito esforçada, havia se dedicado à colheita e estocagem de folhas durante todo o verão para poder ter um inverno seguro. A fábula, em si, já é uma metáfora do trabalho humano, que deve ser feito nos dias de juventude para garantir uma velhice de paz. Na fábula, com o chegar do inverno, a formiga podia se refugiar em sua casa, uma vez que havia feito, durante os dias quentes, o trabalho que lhe garantiria um inverno farto e seguro.

No discurso apresentado na charge, que faz menção à fábula, o que ocorre não é bem isso. A fala da formiga chefe, que deveria representar as demais junto ao tamanduá, é, ao contrário, a de transmissora da nova modalidade de trabalho, que fala em nome das demais, ou seja, como uma representante de sindicato. As operárias perderam o direito da folga no inverno e também nos dias de chuva e, caso queiram reclamar esses direitos, deverão fazê-lo junto ao tamanduá.

À direita da charge, encontra-se o tamanduá, que, assim como as formigas operárias, escuta o discurso da formiga chefe. Ao observar as proporções do tamanduá e das formigas, fica claro que este é bem maior que aquelas, sendo impossível uma luta igual entre os dois personagens.

Ao se observar essa charge, vê-se que as formigas operárias encontram-se desenhadas no centro da charge, cercadas, por um lado, pela formiga que profere o discurso e, de outro, pelo tamanduá, principal predador do inseto. Ao colocar as formigas nessa posição, o artista as deixa sem saída, evidenciando que, em sua opinião, a reforma trabalhista deixou os trabalhadores sem opção. Outro indício dessa opinião do autor se dá pela presença do tamanduá como a figura do chefe com quem as formigas devem negociar. Ao colocar o principal predador do inseto como seu superior, novamente o chargista coloca as formigas em uma posição sem saída, visto que, ao se aproximar do tamanduá, podem ser vítimas de seu instinto predador, o que se constitui como uma metáfora para a questão trabalhista. Ao se aproximar do patrão para tentar negociar alguma questão, o trabalhador poderá, na visão do artista, colocar sua vida na empresa em risco, visto que pode ser demitido. Ou seja, na visão de Duke, a reforma deixa o trabalhador acuado, sem saída, frente a um sindicato que não mais o representa. Agora, a negociação deve ser feita diretamente com o dono da empresa, considerado um patrão temível, uma vez que se encontra representado como seu predador.

Meme da vez: “Obrigado por [...] você não...”

A palavra *meme* é um termo do grego que significa imitação. Essa palavra é bastante conhecida e utilizada na internet. Na rede, ela refere-se ao fenômeno de “viralização” de uma determinada informação, podendo essa informação ser um vídeo, uma frase, uma ideia ou até mesmo uma música que se espalhe entre os vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Assim, alguém pega uma música que está em alta e apresenta memes que remetem a situações do dia a dia, ou ainda, uma frase dita por algum famoso e a adapta para o cotidiano.

Dos vários memes que a internet divulga, trataremos neste texto de um que associa imagem e texto. O texto “obrigado por [...] você não ...” é apresentado juntamente com imagens que têm por objetivo apresentar positivamente vários itens em detrimento de apenas um, que é excluído por meio da associação às palavras “você não”.

Nesse tipo de meme, as imagens são responsáveis por ativar no leitor, por meio da associação de um grupo de palavras que remetem a um mesmo conteúdo, um assunto geral e apresentar algum ponto não tão fascinante dessa área.

Em meio a esse conteúdo lembrado de maneira eufórica, pois é apresentado junto a uma frase de agradecimento, o meme sempre se inicia com a frase “obrigado por...”. Um elemento, do mesmo grupo das demais palavras, é colocado como disfórico, ou seja, não digno de agradecimento, sendo, por essa razão associado às palavras “você não”.

As figuras apresentadas servem para que possamos analisar e, assim, compreender melhor essa questão. Assim como a maioria das variações desses memes, tem-se a associação de nove imagens referentes a um assunto. Nos exemplos a seguir, temos os temas das disciplinas escolares e brinquedos evocados por meio da associação das imagens.

Na primeira imagem, temos um grupo de brinquedos que nos remete a uma viagem no passado. As figuras da peteca, da mola e do peão, remetem a brinquedos de épocas passadas, dificilmente vistos com as crianças de nossa época. No entanto, no centro da coletânea dessas imagens há um brinquedo que se tornou uma febre dentre a garotada, o *spinner*, e, associado a sua imagem, temos as palavras “você não”. Dessa maneira, percebemos que o *spinner* colocado ao centro – sendo, por essa razão, o foco da imagem – é associado às palavras que destoam da sentença uma vez que a expressão “você não” carrega toda a negatividade da frase, excluindo assim o *spinner* da lista de brinquedos que devem ser lembrados pelo fato de ser especial. Com o intuito de marcar o *spinner* como um brinquedo distinto dos demais, é possível observar ainda que ele é o único brinquedo dos apresentados na imagem que não promove a interação das crianças, visto que não há possibilidade de se brincar com um amigo, como ocorre com os outros brinquedos apresentados ao seu redor. Assim, o criador da imagem coloca o *spinner* como um brinquedo que, diferentemente dos demais, não promove a interação das crianças, sendo, por essa razão, a seu ver, não digno de agradecimento.

A imagem seguinte convoca o tema “disciplinas escolares”; mais uma vez, temos a distribuição de nove imagens e, ao centro, há a imagem estigmatizada. A imagem que comporta o «você não» refere-se à disciplina matemática. Observa-se ainda que, enquanto as demais disciplinas são representadas por ícones que remetem à aventura (bússola e mapas), ao conhecimento do corpo e da mente (estátua do pensador, ícone da educação física e molécula de DNA), a matemática é apresentada como uma disciplina complicada (várias fórmulas dispostas de maneira disforme em um quadro). Percebe-se também que, enquanto as demais disciplinas são apresentadas de maneira dinâmica, a matemática é apresentada de forma estática, em um quadro nada atrativo.

Chega-se, assim, à conclusão de que, para o enunciador da mensagem, de todas as disciplinas escolares, apenas a matemática, por meio de um processo de exclusão, apresentada pela sequência “você não”, encontra-se fora do rol das disciplinas incríveis de se estudar. Apresentamos, assim, o diagrama responsável pela composição dos memes que seguem esta linha. De acordo com a criatividade do artista, muitas mensagens podem ser veiculadas.



OBRIGADO	POR	SER
NOSSO	VOCÊ NÃO	QUERIDO
LEITOR	DESSE	E-BOOK

Esquema do meme

Música nova de Chico Buarque – Tua Cantiga

Em agosto de 2017, a sociedade pôs-se em polvorosa face ao lançamento da nova canção de Chico Buarque, “Tua Cantiga”. A música é de composição de Chico e a melodia, do pianista Cristóvão Bastos. A canção faz parte do 23º álbum do cantor, *Caravanas*. Após seis anos sem lançamentos, os fãs do cantor compartilharam muito a nova canção. Analisamos, neste texto, a letra do cantor e compositor.

Como muitas das canções de Chico, temos o tema *amor* como componente principal de “Tua cantiga”. Ao se deparar com a letra da canção, percebe-se ainda que não se trata de qualquer amor, mas de um amor platônico, impossibilitado pela união do eu lírico com outra pessoa: “Largo mulher e filhos e de joelhos vou te seguir”.

Em uma análise inicial, percebe-se claramente a oposição de dois universos, o real, no qual o cantor possui “mulher e filhos” e sua amada, outro alguém que, por vezes, a faz “chorar” e a “alvoraça”; e o universo ideal, onde seria possível, na mente do eu lírico, o pleno encontro de ambos: “na nossa casa serás rainha [...] e eu, sempre mais feliz”.

Percebe-se ainda que esse universo ideal já ocorre no campo do imaginário do enunciador da canção: “quando te der saudades de mim [...] mas teu amante sempre serei”, segredo esse, necessário, devido à vida dupla do protagonista da canção. Não é possível, no entanto, saber se o sentimento é recíproco, visto que assim é declarado na canção: “entre suspiros pode outro nome dos lábios te escapar”.

Tal contraponto encontra-se expresso na melodia que, ao significar a emoção manifestada pelo enunciador, encontra-se em descompasso com o ritmo, ao qual poderíamos associar a razão que chama constantemente para as obrigações do mundo real e que comprova a não reciprocidade do sentimento.

O amor apresentado na canção de Chico não é o amor eterno dos amantes de livros e filmes, visto afirmar que, ao fim desse sentimento, seja pela morte do interesse ou ainda pelo descobrimento do amor por parte da amada que não corresponde ao sentimento, a canção será uma forma de recordação: “E quando nosso tempo passar, quando eu não mais estiver aqui, lembra-te minha nega desta cantiga que fiz pra ti”.

O fato de não apresentar sua amada por meio de um nome, fato já realizado pelo cantor em canções como “Cecília”, faz com que a canção se torne aplicável a todos aqueles que se veem em um relacionamento platônico ou idealizado e que estejam apenas a esperar por um sinal para sair em uma trajetória, raciocinar e iniciar uma busca por algo inalcançável, o amor idealizado, típico dos adolescentes. Fica-nos clara a impossibilidade da plenitude do sentimento, quando, na canção, são apresentadas obrigações morais como mulher e filhos, que acabam por impedir que laços sejam facilmente desfeitos. Observa-se assim que o eu lírico e sua amada encontram-se presos à responsabilidade que os tolhe na busca do sonho. Fato esse presente em muitos setores da vida cotidiana e, por essa razão, aplicável a universos distintos do campo amoroso. Se você ainda não ouviu a nova canção de Chico Buarque, deixamos aqui nossa recomendação.

TUA CANTIGA

CHICO BUARQUE

Quando te der saudade de mim
Quando tua garganta apertar
Basta dar um suspiro
Que eu vou ligeiro
Te consolar

Se o teu vigia se alvoroçar
E estrada afora te conduzir
Basta soprar meu nome
Com teu perfume
Pra me atrair

Se as tuas noites não têm mais fim
Se um desalmado te faz chorar
Deixa cair um lenço
Que eu te alcanço
Em qualquer lugar

Quando teu coração suplicar
Ou quando teu capricho exigir
Largo mulher e filhos

E de joelhos

Vou te seguir

Na nossa casa
Serás rainha
Serás cruel, talvez

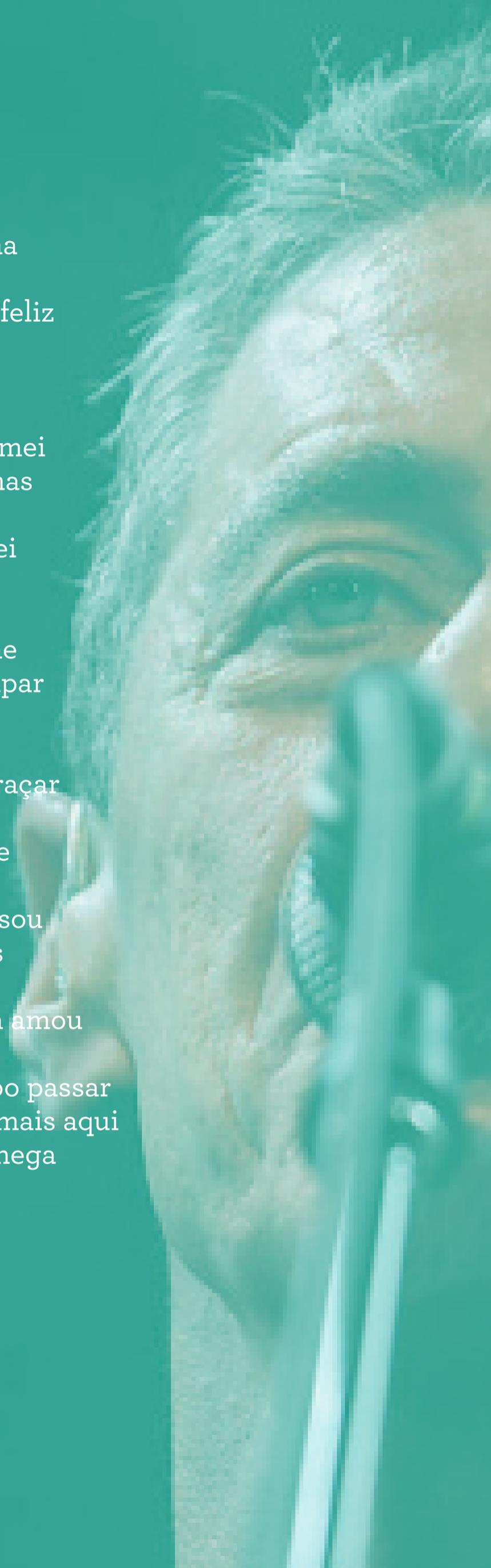
Vais fazer manha
Me aperrear
E eu, sempre mais feliz

Silentemente
Vou te deitar
Na cama que arrumei
Pisando em plumas
Toda manhã
Eu te despertarei

Entre suspiros
Pode outro nome
Dos lábios te escapar
Terei ciúme
Até de mim
No espelho a te abraçar

Mas teu amante
Sempre serei
Mais do que hoje sou
Ou estas rimas
Não escrevi
Nem ninguém nunca amou

E quando o nosso tempo passar
Quando eu não estiver mais aqui
Lembra-te, minha nega
Desta cantiga
Que fiz pra ti



As figuras de linguagem em nosso dia a dia

Um assunto que aparece frequentemente nos editais dos concursos e inclusive no ENEM são as figuras de linguagem.

Elas são responsáveis por dar à frase um caráter diferenciado, expressivo ou persuasivo, podendo acrescentar doses de ironia, eufemismo, dentre outros efeitos de sentido.

Encontramos as figuras de linguagem em peças publicitárias, músicas e também em textos literários. Para que se possa compreender a função dessas figuras, faz-se necessário um conhecimento mais aprofundado da língua portuguesa.

Muitas são as figuras de linguagem, mas neste texto só apresentaremos algumas delas. A ironia é uma figura muito utilizada no cotidiano. Caracteriza-se por apresentar uma informação contrária àquela que se quer passar. Dessa forma, um professor diz, por exemplo, que João é um **excelente** aluno, quando, na verdade, quer dizer que o aluno não é tão bom assim. Podemos perceber o uso desse recurso por meio da entonação dada à palavra utilizada com efeito irônico ou ainda pelo contexto na qual se utiliza determinada palavra.

Outra figura de linguagem muito utilizada é o eufemismo, caracterizado pelo uso de uma palavra ou expressão para suavizar uma situação, assim, ao invés de dizer que alguém morreu, diz-se que “foi para o céu” ou que “virou estrela”.

A antítese se caracteriza pela aproximação, em uma frase, de palavras com significados de sentido contrário. Um exemplo seria o poema seguinte de Luiz de Camões:

*Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um **contentamento descontente**,
é dor que desatina sem doer.
É um **não querer** mais que **bem querer**;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que **ganha** em se **perder**.
É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo amor?*

Observamos que a construção do poema se dá, a todo o momento, por meio da aproximação de palavras opostas para a construção do sentido. Por meio da seleção dessas palavras, o escritor constrói no imaginário do leitor a insegurança e a inquietação próprias do sentimento amoroso. É, por essa razão, um poema que trabalha com elementos de seu conteúdo e com a seleção de palavras, para a construção da inquietação e da insegurança na expressão, efeitos típicos do ser apaixonado.

Frequentemente, confunde-se a antítese com o paradoxo. Assim como a antítese, o paradoxo também se fundamenta na oposição. No entanto, a oposição no paradoxo ocorre no mesmo referente, em que a oposição é necessária para a instauração do sentido pretendido. Como exemplo, apresentamos a charge abaixo:



Meme após a votação pelo arquivamento do processo contra o interino Michel Temer, em outubro de 2017, a charge apresenta a caracterização dele, por meio do recurso da caricatura. Observa-se que o presidente representado carrega um saco de dinheiro que parece ter sido utilizado para que o arquivamento de seu processo ocorresse. Podemos afirmar isso devido à fala que compõe, juntamente com a caricatura, a charge. A fala, proferida pelo personagem é: “Paradoxo é isso: deputados que não valem nada custam uma fortuna.”.

No que se refere ao aspecto visual da charge, observa-se que ela é composta apenas por tonalidades de cinza, tom que remete aos tempos vividos, na visão do artista, tempos sombrios, de céu carregado, preconizando uma tempestade. A colocação do interino na charge também pode ser analisada, pois Temer encontra-se representado ao meio do desenho, visto que tinha sido alvo dos principais comentários da época, estando, por essa razão, no centro das atenções.

Tal passagem pode ser definida como paradoxo, uma vez que apresenta um conjunto de palavras de valores semânticos que se opõem, no caso da frase apresentada, as palavras “valer nada” e “custar uma fortuna” (essas palavras caracterizarem o mesmo conjunto de pessoas, no caso, os deputados que foram favoráveis ao arquivamento do processo contra o presidente).

Falta amor no mundo, mas também falta muita interpretação de texto

Utilizamos esse meme do título, para iniciar este texto e comentar um fato muito noticiado em agosto de 2017. Veiculado nos principais jornais escritos e televisionados e comentado por milhares de pessoas que se viram indignadas. Sim, estamos falando do fato ocorrido em São Paulo, em torno da sentença do juiz José Eugênio do Amaral Souza Neto, que afirmou não ser necessária a prisão de Diego Ferreira de Novais, acusado de ejacular no pescoço de uma passageira de ônibus na capital. De acordo com informações retiradas da internet, ao dar a sentença, o juiz afirmou que o crime se encaixa no artigo 61 da lei de contravenção penal (“importunar alguém em local público de modo ofensivo ao pudor”) e é considerado de menor potencial ofensivo. O ocorrido tomou ainda maior repercussão porque, dias depois, o mesmo sujeito foi novamente preso por reincidir no crime de desrespeito à mulher. Desta vez, ele foi acusado, no dia 02 de setembro, 4 dias após a detenção, de passar seu órgão sexual em uma passageira de ônibus.

Não pretendemos discutir aqui a questão legal do fato em si, uma vez que somos professores de língua portuguesa. No entanto, o fato de trabalharmos com a questão textual nos permite comentar as questões de interpretação do fato ocorrido. De acordo com o dicionário Aurélio, “estupro” pode ser entendido como: crime que consiste no constrangimento a relações sexuais por meio de violência; violação. Ainda em busca de definições, continuemos no dicionário, em busca agora do verbete “violação”, o qual encontra-se assim definido: (1) *desrespeito ao que é santo, sagrado, ou merece respeito; profanação.* (2) *descumprimento, não aplicação ou aplicação incorreta (de norma, lei, obrigação etc.); transgressão.* “v. da lei”.

Pelo que foi relatado, a vítima não havia dado ao agressor a permissão para o ato ocorrido, por essa razão podemos entender que o ocorrido foi, no mínimo, um desrespeito à vontade da mulher. O ato ocorrido, uma masturbação (definida pelo dicionário como estimulação manual dos órgãos genitais que geralmente leva ao

orgasmo), é considerado em nossa sociedade um ato obsceno. Em nossa interpretação, um ato desse isolado, mas em local público, já seria razão para alguma sanção ao praticante, no entanto, ao se buscar o histórico de Diego, observa-se que ele é reincidente na prática desse “incômodo” pela 16^a vez. Por essa razão, o juiz poderia ter, no mínimo, enquadrado o meliante em algum artigo, uma vez que representa perigo para a sociedade, fato esse comprovado pelo episódio ocorrido dias após a decisão do magistrado.

Ao tratar do texto do ocorrido, em uma visão semiótica dos fatos, faz-se necessário analisar os acontecimentos que conversam com esse texto, ou seja, os crimes já cometidos pelo rapaz. Sendo assim, ao analisar toda a trajetória do sujeito, podemos afirmar que o texto, em sua totalidade, nos apresenta alguém que, por razões que não vêm ao caso de nossa interpretação, possui dificuldade em respeitar as mulheres, especialmente as usuárias de transporte público e que se encontram em situação de maior fragilidade devido à superlotação do veículo. Sendo assim, tal sujeito precisa de uma interdição, seja ela psicológica ou prisional.

Como linguistas, podemos afirmar que, ao caso apresentado, podem-se aplicar as duas definições do verbete “violação”, sendo que a primeira acepção referente ao desrespeito serve para o infrator que violou a liberdade de ir e vir da moça em questão e também de muitas outras, e a segunda acepção serve ao juiz, que, a nosso ver e ao ver de muitos brasileiros, aplicou a lei de forma branda ou completamente arbitrária.

Para fins interpretativos, apresentamos a pequena lista de atos cometidos por esse indivíduo.

2017	2017
<p>2 de setembro</p> <p>Local: Avenida Brigadeiro Luis Antonio</p> <p>Vítima: entre 30 e 40 anos</p> <p>Esfregou o pênis no ombro da mulher e tentou impedi-la de fugir usando a perna</p>	<p>29 de agosto</p> <p>Local: Avenida Paulista</p> <p>Vítima: 23 anos</p> <p>Ejaculou em mulher</p>
<p>12 de junho</p> <p>Local: Avenida Paulista</p> <p>Vítima: de 20 anos</p> <p>Encostou o pênis no ombro da mulher</p>	<p>1º de maio</p> <p>Local: Alameda Santos</p> <p>Vítima: 23 anos</p> <p>Esfregou pênis na mão da mulher</p>
<p>2 de março</p> <p>Local: Avenida Paulista</p> <p>Vítima: 24 anos</p> <p>Esfregou pênis no braço da mulher</p>	<p>19 de fevereiro</p> <p>Local: Avenida Paulista</p> <p>Vítima: 22 anos</p> <p>Esfregou pênis na mão da mulher</p>
2016	2016
<p>28 de novembro</p> <p>Local: Avenida Paulista</p> <p>Vítima: idade não informada</p> <p>Se masturbou próximo a mulher</p>	<p>21 de novembro</p> <p>Local: Metrô</p> <p>Vítima: 17 anos</p> <p>Esfregou pênis na adolescente</p>
<p>31 de outubro</p> <p>Local: Avenida Brigadeiro Luis Antonio</p> <p>Vítima: idade não informada</p> <p>Esfregou pênis em passageira não identificada</p>	
2014	2013
<p>25 de novembro</p> <p>Local: Cidade Ademar</p> <p>Vítima: 21 anos</p> <p>Quis tocar seios e ejaculou em ombro de mulher</p>	<p>2 de fevereiro</p> <p>Local: Avenida Washington Luiz</p> <p>Vítima: 47 anos</p> <p>Esfregou pênis no braço da mulher</p>
2012	2012
<p>1º de agosto</p> <p>Local: Americanópolis</p> <p>Vítima: 23 anos</p> <p>Sem informações detalhadas do que fez</p>	<p>17 de outubro</p> <p>Local: Santo Amaro</p> <p>Vítima: 27 anos</p> <p>Mostrou pênis a mulher</p>

2011	2011
11 de fevereiro Local: Rua Floriano Peixoto, Sé Vítima: 22 anos Sem informações detalhadas do que fez	6 de abril Local: estação do Metrô Anhangabaú Vítima: 33 anos Sem informações detalhadas do que fez
2011	2009
30 de novembro Local: Santo Amaro Vítima: 27 anos Sem informações detalhadas do que fez	12 de dezembro Local: Lapa Vítima: 22 anos Mostrou pênis para mulher

Queermuseu – Quando a generalização vence o bom senso

A nosso ver, quanto maior a tendência à polarização de opiniões – e isso atualmente é um fato em um país cada vez mais cindido – maior a generalização observada na opinião pública. A exposição “Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira”, que discutia questões de gênero e sexualidade, reuniu obras de 85 artistas, incluindo os mundialmente conhecidos Alfredo Volpi e Cândido Portinari, no museu de Porto Alegre, sendo considerado um espaço da Bienal do Mercosul. Organizada pelo Santander Cultural, após sofrer crítica (em forma de ameaça e repressão) de movimentos religiosos e do Movimento Brasil Livre (MBL), a exposição fechou as portas. Com o passar da primeira semana, após a repercussão da exposição e em virtude de seu cancelamento, é possível observar um cenário mais completo das diversas críticas, das mais severas e preconceituosas, às mais ponderadas e contextualizadas.

Quanto à discussão que nossos textos produzem a respeito de temas e figuras, a polêmica em questão deve passar pelo crivo da interpretação de textos, pois, desde que considerada no seu “todo de sentido”, pode ser lida como um texto, com seus argumentos, pontos de vista e discordâncias. É propriamente na questão da “parte pelo todo” que é necessário tocar.

A parte pelo todo e o risco da polarização desenfreada

Quando nos valem de somente um aspecto do cenário que abordamos, não abrangemos de forma completa os temas que são figurativizados no contexto global de sentidos. Um tema relevante contemporaneamente, como a questão “queer”, é definido a partir da organização temática que segue:

QUEER: Quem escolhe a [se] identificar como tal. Isso pode incluir, mas não está limitado a gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros, pessoas intersexuais, assexuais, aliados fetichistas de couro, aberrações, etc. [...]. Este termo tem significados diferentes para pessoas diferentes. Alguns ainda acham ofensivo, enquanto outros o recuperam para abranger o sentido mais amplo da história do movimento dos direitos gays. Também pode ser usado como um termo guarda-chuva como LGBT, como em “a comunidade gay”. (disponível em: <https://culturavisualqueer.wordpress.com/2010/08/19/1645/>).

A definição pertence a um estudo de cultura visual *queer*, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Transviações – Visualidade e Educação, da Universidade de Brasília, Departamento de Artes Visuais, que examina influentes textos relacionados ao estudo do gênero e sexualidade. Além da questão relativa ao tema LGBT, o grupo coloca na própria definição do termo a polarização social de seu sentido, como o lado ofensivo do termo e o lado que resgata o movimento dos direitos *gays*. Apesar de *queer* ser uma palavra considerada historicamente pejorativa, atualmente é adotada pela comunidade LGBT como um termo para combater a desvalorização social, que coloca à margem aqueles assim designados. Por isso, a teoria *queer* passou a denominar um grupo de pessoas dispostas a romper com a heteronormatividade, a fim de incluir as formas mais caricaturescas e artísticas de condutas sexuais. Em suma, as pessoas consideradas estranhas, por isso, não aceitas socialmente, ganham espaço social quando se denominam como tal.

A par dessas definições, podemos relacionar os temas LGBT, gênero, sexualidade e arte caricaturesca a figuras socialmente questionadas por serem estranhas à ala conservadora, fato que remete à própria origem do termo *queer*, ou seja, figuras como a do travesti, do *drag queen*, do transexual, entre outros. Os representantes sociais questionadores da exposição (mostra que, aliás, estava coerente à temática *queer*) são aqueles que se julgam os representantes dos temas da moral e dos “bons costumes”. As figuras que representam esses seguimentos sociais são a do religioso tradicional, a do manifestante (conhecido como “cozinha” “ou “batedor de panelas”), que, em resumo, refletem a opinião da ala social (elite e política) mais conservadora, que tem como porta-voz o MBL.

Curioso notar que, em reportagem da *Veja* (<http://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/nao-vejo-censura-diz-coordenadora-do-mbl-sobre-fim-de-mostra/>, revista articulada com a ala social conservadora), a própria porta-voz do MBL, Paula Cassol, diz não ter havido censura na mostra *queer*, apesar de o Movimento Brasil Livre ter incitado os visitantes da exposição a deixar o local. Aliás, Paula e seu movimento julgaram a exposição como uma “aberração”, mas ela mesma generalizou a questão, por não ter sequer visto a amostra cultural. É fato que a amostra foi polêmica, mas estava coerente com a proposta temática *queer* e, sobretudo, com a liberdade de expressão que deve haver em um país supostamente laico e democrático.

Reorientação sexual: interpretação conveniente e panfletarismo conservador

Interpretações enviesadas e convenientes ao discurso conservador dominante pipocam aqui e acolá no Brasil. Em setembro de 2017, sobretudo nas redes sociais, a polarização pela qual passa a nação do “jeitinho brasileiro” ganhou relevo na semana em que o juiz federal Waldemar Cláudio de Carvalho (em 15/09/2017), da 14ª Vara Federal de Brasília, autorizou que psicólogos tratem o público LGBT (homossexuais e bissexuais) como *doentes*, podendo fazer terapias de “reversão sexual” ou “(re) orientação sexual”, sim, o “re” entre aspas minimiza o problema. O portal do G1 trata da questão, de forma a colocar depoimentos de diversos especialistas (<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/cura-gay-juiz-oab-e-advogado-explicam-resolucao-e-liminar-que-libera-tratamento.ghtml>). Segue liminar, também retirada do *site* mencionado:

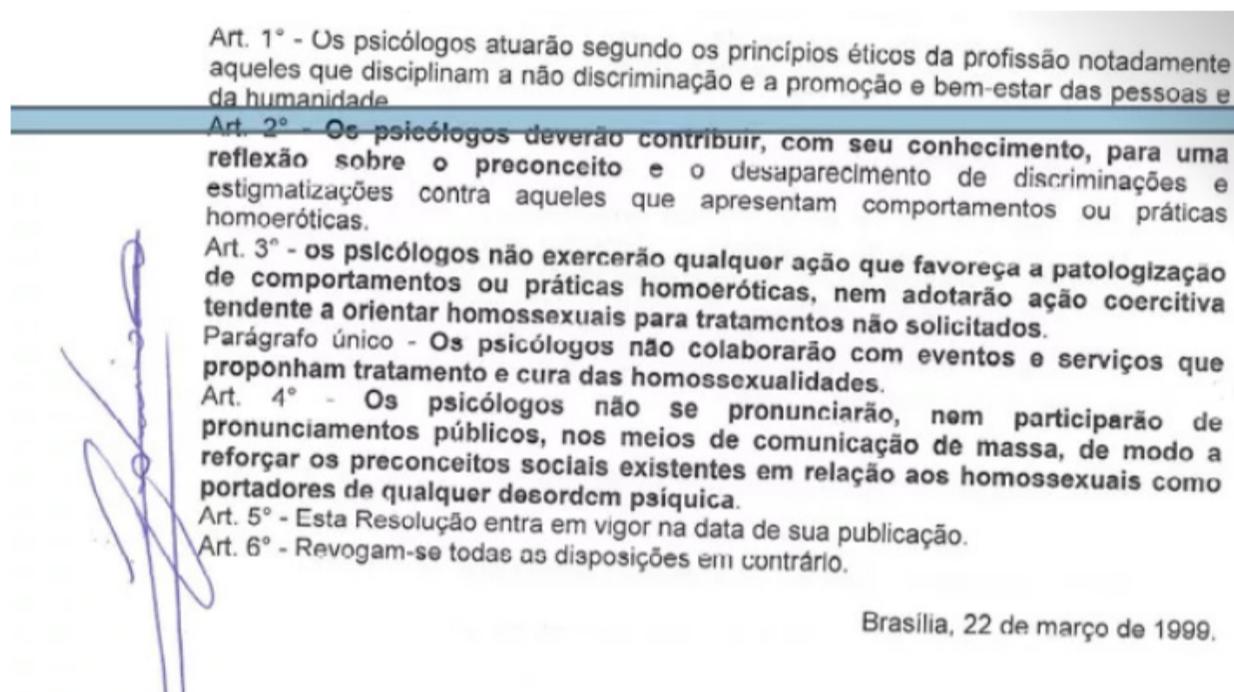
Por todo exposto, vislumbro a presença dos pressupostos necessários à concessão parcial da liminar vindicada, visto que: a aparência do bom direito resta evidenciada pela interpretação dada à Resolução nº 001/1990 pelo C.F.P., no sentido de proibir o aprofundamento dos estudos científicos relacionados à (re) orientação sexual, afetando, assim, a liberdade científica do País e, por consequência, seu patrimônio cultural, na medida em que impede e inviabiliza a investigação de aspecto importantíssimo da psicologia, qual seja, a sexualidade humana.

orientação sexual, garantindo-lhes, assim, a plena liberdade científica acerca da matéria, sem qualquer censura ou necessidade de licença prévia por parte do C.F.P., em razão do disposto no art. 5º, inciso IX, da Constituição de 1988.

Em suma, a liminar orienta (em juridiquês difícil de ler) que psicólogos não devem sofrer qualquer tipo de censura por parte dos conselhos de classe, no caso, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), em virtude de atrapalhar estudos científicos aprofundados sobre a sexualidade. O juiz esqueceu que são os órgãos federais como o CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) que regem os fundamentos dessas pesquisas e não o jurídico.

No entanto, desde 1990, a homossexualidade e outras manifestações de liberdade de gênero não são consideradas distúrbios pela OMS (Organização Mundial da Saúde), sendo uma expressão natural da sexualidade humana. Nessa mesma direção, em 1999, o CFP do Brasil já havia orientado que profissionais psicólogos não ofereçam a denominada “cura gay”, em função de esse tratamento ser enquadrado como enganação (veja ótimo comentário no canal do youtuber Izzynobre (<https://www.youtube.com/watch?v=GoiIN5VEPKo>)).

Segue abaixo resolução do CFP, de 22 de março de 1999, sobretudo, arts. 2º e 3º, que, em boa linguagem científica e direta, definem que a patologização de práticas homoeróticas deve ser condenada:



A polêmica liminar do magistrado começou com outra liminar, encaminhada por três psicólogos defensores da “cura gay”. A psicóloga Rozângela Alves Justino é uma das autoras da ação popular que questionava a resolução de 1999 e que oferece terapia para homossexuais se “curarem”. No entanto, foi punida em 2009, pelo CFP, com censura pública por essa prática que fere a resolução. Coincidentemente, ela é assessora parlamentar do deputado federal Sóstenes Cavalcante, do DEM-RJ. Entendam que esse panfletarismo é o mesmo daquele da polêmica do começo de setembro, relativo ao Queermuseu, fato que abordamos em texto anterior. Com toda discussão interpretativa dessa “crise de percepção” nacional, observamos como o panfletarismo infiltra-se não somente nos setores sociais, mas no político e jurídico. Vejamos a definição do termo:

(pan.fle.ta.ris.mo): 1. Prática que visa à divulgação dos melhores aspectos sobre um determinado assunto, situação etc., para obter aceitação do público. 2. Propaganda exagerada ou mentirosa sobre alguém ou algo, esp. do cenário político, divulgada nos veículos de informação: “[...] o leitor começa a desconfiar de um certo panfletarismo e de imprecisão teóricas.” (Fonte: <http://www.aulete.com.br/panfletarismo>).

Esse comportamento mentiroso é visto também nas redes sociais e em canais do youtube. Youtubers com mais de um milhão de seguidores, como Nando Moura (um dos mais agressivos e manipuladores, que se valem do discurso cristão conservador), interpretam convenientemente a questão, de forma a distorcer a resolução emitida pelo CFP em 1999. O youtuber diz estar lendo a ATA de 2017, mas de fato, lê a resolução do CFP de 1999. Quer, com isso, ludibriar descaradamente o público. Para esclarecimento, ver o vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=bEuJXcAShmg&t=117s>, aos 1m46seg. Veja outro comentário refutando as besteiras de Nando Moura: https://www.youtube.com/watch?v=4P5-XxIyS_c.

Portanto, observamos que a interpretação está cada vez mais conveniente àqueles que se valem de apenas uma parte das notícias, para enganar os internautas e a opinião pública. Portanto, não saia disseminando *links* nas redes sociais, sem antes ler sobre o assunto de forma integral. Fique claro que nem magistrados estão acima da interpretação laica que a Constituição de 1988 nos confere. Infelizmente, agora, os movimentos conservadores da moral e dos bons costumes interpretam tudo conforme a sua ótica: a de que a direita não possui lado. Riamos um pouco.

Discurso, um revelador de pensamentos

Muitas pessoas dizem controlar aquilo que articulam em seus discursos e, por essa razão, sentem-se seguras ao falar em público. Essa ideia de controle sobre o que falamos é, em parte, falsa e até mesmo aqueles que foram treinados para proferir seus enunciados da maneira mais neutra possível acabam, por vezes, deixando escapar aquilo que realmente pensam, causando, por vezes, desconforto e indignação. Isso aconteceu há alguns dias com o jornalista da rede globo de televisão, William Waack. Em uma fala infeliz e irretratável, disse, ao se referir a um barulho externo que atrapalhava sua gravação, que aquele ruído só podia ser “coisa de preto”.

Waack é jornalista, professor e ex-atleta, formado em jornalismo pela Universidade de São Paulo e também em ciência política, sociologia e comunicação em uma universidade Alemã. Com esse currículo, não se pode dizer que seja uma pessoa ignorante, no sentido de ignorar que enunciar certos discursos, como o proferido há poucos dias, seja suficiente para despertar a cólera de uma sociedade que, desde o fim da escravidão, luta pela igualdade racial.

A fala preconceituosa do tarimbado jornalista levantou a polêmica a respeito do racismo em nossa sociedade. Palavras e expressões, muitas vezes, utilizadas no nosso dia a dia, podem revelar o quão preconceituosos somos. Por essa razão, devemos banir piadas homofóbicas, racistas e que, de algum modo, provoquem o riso por meio da depreciação da imagem de uma pessoa ou de um grupo.

A língua, assim como a sociedade, evolui e, em meio a essa evolução, algumas marcas discursivas vão ficando e nos servem de análise. Apresentamos neste texto algumas expressões usadas correntemente em nossa língua e que, após uma breve análise, se mostram discriminatórias e racistas. Alguns desses discursos preconceituosos ouvimos todos os dias e, muitas vezes, não nos atentamos para seu caráter discriminatório. Claro, há expressões que utilizam palavras ligadas ao campo semântico de “negro” no sentido positivo como, por exemplo, “ganhar uma nota preta”, mas a grande maioria das expressões é de caráter pejorativo.

“A coisa tá preta” é uma expressão comum, muito utilizada quando quer se dizer que alguma situação está ruim, ou que é de difícil solução. Há variações como “tempos negros”, “dias sombrios”, dentre outras.

“Da cor do pecado”: muito comum, a expressão refere-se a pessoas sexualmente atraentes. “Dia de branco”: a expressão remete ao dia de lavar as roupas de cama que eram todas brancas na antiguidade. Por ser um trabalho que exigia muita força física, pois as roupas eram esfregadas à mão, era permitido um descanso na véspera.

“Não sou tua nega”: a expressão faz menção às mulheres negras da época da escravidão que pertenciam aos homens brancos que faziam delas o que bem queriam, adquiriam-nas como amantes ou como amas de leite. Significa “não sou sua escrava”, “não pertenço a você”.

“Negro de alma branca”: a expressão faz menção aos negros que possuíam elementos considerados dos brancos, como a bondade e a lealdade. O oposto “branco de alma negra” era também utilizado para referir-se aos brancos considerados maus.

“Ter um pé na cozinha/senzala”: muito utilizada, a expressão refere-se ao fato de alguém possuir antepassados negros e, por esta razão ter uma parte sua (o pé) na cozinha, ou na senzala, lugar frequentado por negros.

“Samba do crioulo doido” é um título de um famoso samba composto por Sérgio Porto, com o intuito de satirizar o ensino de História nas escolas do país. Por se tratar de uma paródia na qual o compositor faz uma mistura irreverente, porém com muitas “falhas” históricas, a expressão passou a ser usada para discriminar os negros atribuindo-lhes confusões e trapalhadas.

Há ainda a expressão “serviço de preto” utilizada para se referir aos trabalhos mal feitos, associando assim o negro a algo ruim, que precisa ser melhorado; ao analisar a expressão, tem-se a impressão de que o bom trabalho seria aquele atribuído ao branco.

Muitas outras expressões poderiam ser citadas aqui para mostrar como a língua encontra-se contaminada de falas que, muitas vezes, são classificadas como inofensivas, mas que devem ser analisadas e desconstruídas.

Nosso país passou por vergonhosos 300 anos de escravidão negra e o fruto do trabalho dessas pessoas não pode ser desmerecido ou desqualificado. O Brasil tem uma dívida histórica com esse povo fundador da nossa identidade nacional; assim como os índios, os negros, durante muitos anos, foram vistos como inferiores. É preciso combater essa ideia e esse combate começa pela nossa fala e pelos nossos discursos. Dessa forma, a reação e a repercussão frente à fala do jornalista do canal de televisão são necessárias para que as futuras gerações vejam discursos trágicos como esses apenas nos livros de história.



A coisa tá preta



Da cor do pecado



Não sou tua nega



Negro de alma branca



Fulano tem um pé na cozi...



Samba do crioulo doido

REFERÊNCIAS

Livros

ABREU, A. S. **Curso de redação**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1997.

Sites

<http://acervo.folha.com.br/fsp/2014/01/01/2>

<http://aovivo.folha.uol.com.br/2017/01/20/5145-aovivo.shtml#post353029>

http://cmapspublic3.ihmc.us/rid=1219502477218_1631385653_6497/Mapa

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdf

<http://esportes.terra.com.br>

<http://g1.globo.com/>

<http://humildadeesolidariedade.blogspot.com.br/2012/06/charges-politicas.html>

http://ifc.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/ANEXO-IX-Guia_Reforma_Ortografica1.pdf

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/martin-luther-king.htm>

<http://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/nao-vejo-censura-diz-coordenadora-do-mbl-sobre-fim-de-mostra/>

<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

<http://www.bu.ufsc.br/design/Citacao1.htm>

<http://www.cplp.org/>

<http://www.oarquivo.com.br/temas-polemicos/verdades-inconvenientes/3720-a-gourmetiza%C3%A7%C3%A3o-do-mundo.html>

<http://www.oarquivo.com.br/temas-polemicos/verdades-inconvenientes/3720-a-gourmetiza%C3%A7%C3%A3o-do-mundo.html>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.695.htm

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php>

<http://www.soportugues.com.br/>

<http://www.usjt.br/arq.urb/arquivos/abntnabr6023.pdf>

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/02/1857103-obra-de-alexandre-de-moraes-tem-trechos-copiados-de-livro-espanhol.shtml>

<https://culturavisualqueer.wordpress.com/2010/08/19/1645/>

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/02/29/no-brasil-apenas-8-escapam-do-analfabetismo-funcional.htm>

<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/cura-gay-juiz-oab-e-advogado-explicam-resolucao-e-liminar-que-libera-tratamento.ghtml>

<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/cura-gay-juiz-oab-e-advogado-explicam-resolucao-e-liminar-que-libera-tratamento.ghtml>

https://play.google.com/store/apps/details?id=br.org.academia.volp&hl=pt_BR

https://www.buzzfeed.com/victornascimento/30-anos-de-axe-em-30-hits-classicos?utm_term=.vekMAdivV#.ynwnqjQ1Y

<https://www.letras.mus.br/mc-g15/deu-onda-versao-light/>

<https://www.wikipedia.org/>

https://www.youtube.com/watch?v=4P5-XxIyS_c

<https://www.youtube.com/watch?v=bEuJXcAShmg&t=117s>

<https://www.youtube.com/watch?v=GoiIN5VEPKo>

SOBRE OS AUTORES

Doutores em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara. São Semioticistas (estudos da visualidade) e professores de ensino superior em Leitura e Produção textual e Língua Inglesa na UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais), nos *campi* de Divinópolis e Cláudio, em cursos de Licenciatura e Bacharelado.



Priscila
Melo Merenciano



Levi
Henrique Merenciano

Letraria 